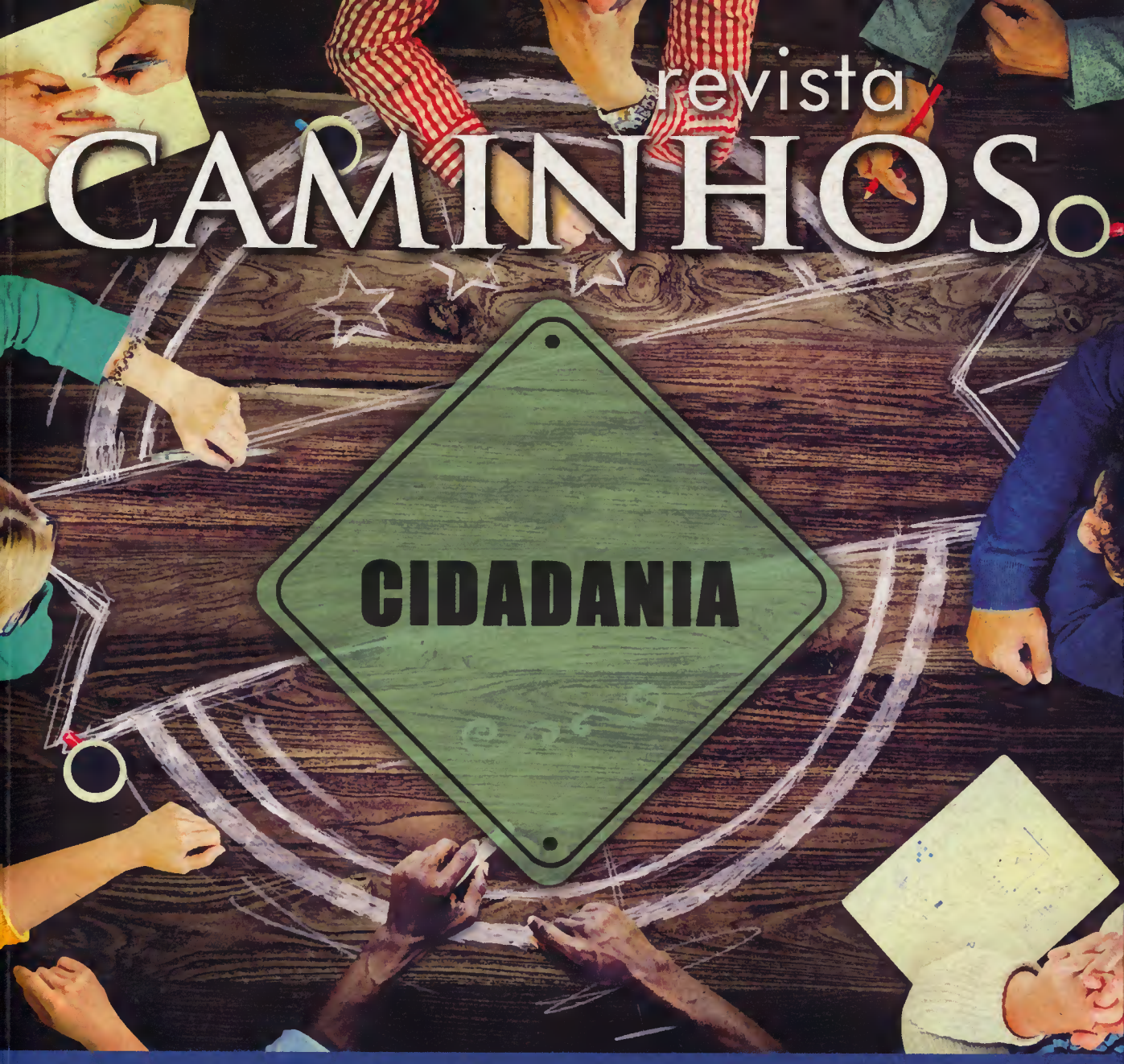
revista CAMINHOS



Ensino e aprendizagem no ciclo básico universitário

O trabalho como enigma: Prazer-Sofrimento

Acórdão nº 2.368 – Plenário do TCU – Reflexões multivariadas

Comunicação, democracia e controle da informação

Seminário Mídia, Docência e Cidadania

Assunto de vida e morte ou um brinde à vida

REVISTA DO SINDICATO DOS PROFESSORES DE UNIVERSIDADES FEDERAIS DE BELO HORIZONTE E MONTES CLAROS / 2016

31

Biblioteca APUBH



DATA DE DEVOLUÇÃO

APUBH - BIBLIOTECA

CAMINHOS

REVISTA DO SINDICATO DOS PROFESSORES DE UNIVERSIDADES FEDERAIS DE BELO HORIZONTE E MONTES CLAROS

Nº 31 / 2016

Este exemplar é da
APUBH
- BIBLIOTECA -

APUBH
BELO HORIZONTE
PUBLICAÇÃO ANUAL
CAMINHOS 2016
ISSN - 1517-3038

Conselho Editorial
José Lopes de Siqueira Neto
Dalmir Francisco
Débora Torres Mendes de Oliveira
Marta de Oliveira Pimentel

Coordenação e Edição
Marketing e Comunicação da Apubh

Jornalista Responsável
Simone Ribeiro de Melo
MTB 1145/MG

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica: Lucas Daian

Impressão
Gráfica

Distribuição gratuita
Venda proibida

CS1830
APU
CAM
2016

CAMINHOS
- V. 31, n1, (Janeiro) 2016 - Belo Horizonte: Sindicato dos Professores de Universidades Federais de Belo Horizonte e Montes Claros - APUBH, 2016

CAMINHOS 2016
ISSN: 1517-3038

1. Docentes Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG - Periódico - 1. Título

Sindicato dos Professores de Universidades Federais de Belo Horizonte e Montes Claros – APUBH
Gestão 2014-2016

DIRETORIA EXECUTIVA

- Presidente:
José de Siqueira
- 1º vice-presidente:
Carlos Barreira Martinez
- 2º vice-presidenta:
Marta de Oliveira Pimentel
- Secretário-Geral:
Dalmir Francisco
- Vice-Secretário-Geral:
Giovane Azevedo
- Diretor de Finanças:
Armando Gil Magalhães Neves
- Vice-Diretora de Finanças:
Otávia Fernandes de Sousa Rodrigues
- 1º Suplente:
José Antônio Gonçalves Miranda
- 2º Suplente:
Rosângela Carrusca Alvim

DIRETORIAS SETORIAIS

- Ciência e Tecnologia:
Leidivan Almeida Frazão
- Hospital Universitário:
Mauro Ivan Salgado
- Política de Ensino Básico e Profissional:
Fábio Costa Pedro
- Diretoria de Política Educacional:
Paulo César da Costa Pinheiro
- Política Cultural:
Fernando Antônio de Melo (Limoeiro)
- Seguridade Social:
Débora Torres Mendes de Oliveira
- Diretoria de Etnia, Gênero e Classe:
Francinete Veloso
- Diretoria de Comunicação:
Accacia Júlia Guimarães Perreira Messano

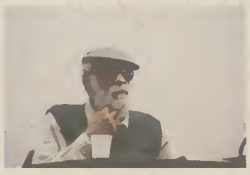
SUMÁRIO



ENSINO E APRENDIZAGEM NO CICLO BÁSICO UNIVERSITÁRIO: PROBLEMA DE TEXTOS E CONTEXTOS – UM QUASE DEPOIMENTO.....07
HUMBERTO COELHO DE CARVALHO



O TRABALHO COMO ENIGMA: PRAZER-SOFRIMENTO.....44
MARTA DE OLIVEIRA PIMENTEL



ACÓRDÃO Nº 2.368 – PLENÁRIO DO TCU – REFLEXÕES MULTIVARIADAS PARA REUNIÃO/ASSEMBLEIA DE 20/11/2015.....58
ELIAS ANTÔNIO JORGE



SEMINÁRIO MÍDIA, DOCÊNCIA E CIDADANIA 68
ÂNGELA MARIA CARRATO DINIZ
WILLIAM CAMPOS VIEGAS



COMUNICAÇÃO, DEMOCRACIA E CONTROLE DA INFORMAÇÃO 80
DALMIR FRANCISCO



ASSUNTO DE VIDA E MORTE OU UM BRINDE À VIDA.....108
SANDRA MARIA MOTTA LIMA

EDITORIAL

Publicar uma revista com contribuições de professores de uma Instituição Federal de Ensino, renomeada como a UFMG, deveria ser uma tarefa simples. Mas não é. Um dos grandes desafios da Revista Caminhos nos últimos anos tem sido o de receber textos para publicação. Os editais de chamada de publicação têm ficado abertos por bastante tempo, mas os artigos são recebidos lentamente. Estamos programando mudanças para a próxima edição visando a resgatar o interesse dos filiados pela publicação em periódicos editados pelo Sindicato e, especialmente, em retomar a trajetória histórica da Caminhos.

Nesta edição, propõe-se uma reflexão sobre assuntos diversos e de interesse da comunidade acadêmica da UFMG. Uma breve digressão sobre a luta encampada pelo sindicato e a UFMG em defesa dos direitos dos professores aposentados é apresentada, em forma de testemunhal, pelo professor Elias Antônio Jorge. Também nesta mesma linha de abordagem subjetiva, o professor aposentado do ICB, Humberto Coelho de Carvalho, trata da questão do ensino e aprendizagem no ciclo básico universitário.

Nestes tempos em que a mídia tem um impacto significativo sobre os modus de fazer e pensar tanto da sociedade civil como da comunidade acadêmica, esta edição, traz uma reflexão crítica da professora Ângela Carrato (DCS/FAFICH/UFMG) e William Campos Viegas, jornalista, sobre a relação entre mídia, docência e cidadania, resultado de um seminário promovido em novembro de 2015 pelo sindicato, o Instituto de Pesquisas em Educação – IPE e grupos de pesquisa da FAFICH/UFMG: "Jornalismo Cognição e Realidade" e o "Estação Liberdade".

As relações entre comunicação, democracia e controle de informação são esmiuçadas pelo professor adjunto do Departamento de Comunicação Social da FAFICH/UFMG, Dalmir Francisco em uma reflexão sobre o poder da imprensa sobre a sociedade.

O impacto da subjetividade nas relações e processos de trabalho é abordado pela professora-adjunta da Escola de Enfermagem, Marta Pimentel, na perspectiva da teoria da psicodinâmica do trabalho.

Finalizando esta edição, a professora Sandra Maria Motta Lima- Pedagoga e psicóloga, professora aposentada- FAE- UFMG, em uma crônica, analisa a relação entre a vida e a morte

A Revista Caminhos é uma publicação periódica da Apubh, mas a responsabilidade pelo conteúdo de todos os artigos publicados na revista é inteiramente de seus autores. Os textos são analisados e aprovados mediante a submissão a uma comissão editorial e os assuntos são pertinentes à vida acadêmica, processos de trabalho e a relação do docente e da universidade com o mundo. O objetivo é suscitar o debate, levantar questionamentos e promover a circulação de idéias em nosso meio. Trabalhamos sempre para aprimorar a revista e para isso contamos com a colaboração de todos. Professor, envie as suas críticas, sugestões, e, principalmente, o seu trabalho. O edital para a próxima edição está na última página.

Boa leitura!

Humberto Coelho de Carvalho



Professor Aposentado do
Departamento de Biologia Geral
do ICB/UFMG

Ensino e Aprendizagem no Ciclo Básico Universitário:

Problema de Textos e Contextos – Um Quase Depoimento.

RESUMO

São feitas reflexões sobre Ensino & Aprendizagem calcadas essencialmente na vivência do autor, na disciplina Genética & Evolução do Curso de Ciências Biológicas da UFMG, mas de aplicação a outras áreas do conhecimento ou de outras Instituições. Com linguagem pretenciosamente mediadora simbólica da realidade, buscou-se também tocar no emocional do leitor.

PALAVRAS-CHAVE

Adoção; Aprendizagem; Didática; Educação; Ensino; Estudo Orientado; Evolução; Genética; Linguagem; Livro Texto; Objetivos; Preparação; Propostas.



Caminheiro não há caminho,
O caminho se faz ao caminhar.
(Antônio Machado)

1. Navegar é preciso?

Momentos de perplexidade e inquietude, como os de agora, nos remetem ao Editorial de Caminhos, 11, de 20 anos atrás. Procurávamos, então, aflitos, compreender porque éramos ou ficáramos assim e não chegávamos a um acordo quanto ao que queríamos ser. Estaríamos agora melhor aparelhados para refletir e agir mais condizentemente com o de nós esperado? A afirmativa sermos tão produto do meio, quanto este ser produto nosso, aplicar-se-ia à produção de textos? Estariam as páginas, a seguir, essencialmente impregnadas pela atmosfera vigente no ICB e na Escola de Veterinária do final do século passado? Mereceriam elas serem extendidas aos novos tempos e instâncias, via artigos complementares e editoriais? Pertinente retomarmos aqui não só o debate, a crítica e a pluralidade de ideias, mas também a visão de sermos fruto de uma Comunidade, cujo avanço teria dependido de seus antecessores? Caminheiros somos? Gaminhando vamos? Para onde?...

O presente texto foi precedido por uma versão mais enxuta, que seria simultaneamente editada pela Revista Pensar[1]. Justificáveis razões não permitiram o exercício dessa simultaneidade. Tópicos dele também foram debatidos em 1998 com a Editora UFMG. Relevante o material escolhido, discutível a competência do encarregado de desenvolvê-lo. A ênfase aqui dada ao passado da UFMG é reconhecimento de que este marcou indelevelmente, também outras entidades educacionais belorizontinas, como Izabela Hendrix, PUC-BH, FUMEC e Promove, entre outras. Fração substancial dos atuais e ex-docentes dessas entidades citadas graduou-se na UFMG.

As reflexões sobre Ensino & Aprendizagem aqui feitas, estão calcadas essencialmente na vivência do autor, na disciplina Genética & Evolução do Curso de Ciências Biológicas da UFMG, mas se aplicariam mutatis mutandis a qualquer área do conhecimento e a outras Instituições. Visando ser mediadora simbólica da realidade, a linguagem, ora utilizada, buscaria também tocar no emocional do leitor. Em outras oportunidades, parcialmente, já abordamos a temática deste texto. Vide, por exemplo, os vários Prefácios transcritos em Carvalho[2].

Em BH, fora do contexto universitário, o estabelecimento de estratégias estimuladoras do binômio Ensino & Aprendizagem tem-se praticamente limitado quase que apenas a declarações de boas intenções. Institucionalmente, as exceções ficam ou ficaram por conta do CECEMIG (Centro de Ensino de Ciências do Estado de Minas Gerais), do CERP (Centro de Referência do Professor), dos Colégios de Aplicação e dos Colégios Técnicos da UFMG e da PUC, além de uns poucos outros, como a AMAE (Associação Mineira de Administração Escolar), organizada por professores e estudantes do Curso de Administração Escolar no Instituto de Educação de Minas Gerais. Também digno de nota foram os Colégios Municipal, Estadual e Universitário da UFMG.

Este último, apesar de curta existência (1965-1970), teve entre seus méritos, o de impactar o status quo do nosso ensino pré-acadêmico. A maioria de seus membros, transferida para os recém-criados Institutos Centrais (ICB, ICEX, IGC, ICH...), lá fez companhia a outros docentes oriundos dos redimensionados Cursos de História Natural, Química, Física, Matemática, Letras... Juntos dariam um novo tom ao nosso que fazer no recém-criado nicho educacional da Pampulha.

Cabe aqui destacar a atuação de pionei-

1 CARVALHO, H.C. Ensino e aprendizagem no Ciclo Básico Universitário. Rev. Pensar, 3. 2014.

2 CARVALHO, H.C. Fundamentos de genética e evolução. 3ª Ed. Belo Horizonte: Livraria ATHENEU; UFMG, 1987.

ros como Alda Lodi, Aloísio Pimenta, Amilcar V. Martins, Ângela V. Leão, Beatriz Alvarenga, Artur V. Veloso, Carlos R. Diniz, Djalma Guimarães, Francisco A. M. Gomes, Georgio Schreiber, Helena Antipoff, Henrique M. Lisboa, Jenner P. Alvarenga, José I. Vargas, Magda Soares, Moacyr G. Freitas, Mário e Lúcia Casassanta, Nelo M. Rangel, Wilson T. Beraldo, além de alguns mais. Com engenho e arte, eles contribuíram para a renovação dos modelos de formação docente, não só nas entidades acima citadas, como também em outras espalhadas pelo restante do país.

Advertência: Dada a quilometragem dessa mensagem, fica a critério do eventual leitor consumi-la no ritmo e dosagem que melhor se ajuste a seu interesse e paciência. Boa viagem.

2. Problemas de ensino e aprendizagem

2.1. Herança e meio. São frequentes os questionamentos às situações de ensino/aprendizagem, tanto nas disciplinas oferecidas pelas Escolas de 2º grau, quanto nas dos chamados Ciclos Básicos dos Cursos Universitários. Em ambos os casos, seria recomendável tratar os estudantes como pessoas com outras necessidades, além das de simples receptores de informações. Dialogar com seus alunos, promover discussões entre eles e exercer o papel de facilitador nas situações de aprendizagem, em vez de meros fornecedores de informações, deveria ser tônica do trabalho dos professores e dos textos por eles adotados. A questão não é só de recursos. É também e principalmente de reformulação de objetivos e finalidades: Não são os gens da ignorância que fazem ignorantes, mas, na maioria das vezes, a ignorância de contingências de aprendizagem adequadas. Para alguns, as opiniões sócio-políticas dos professores seriam influenciadas pelo como estes avaliam o binômio herança x meio: hereditaristas tenderiam a assumir atitudes conservadoras e ambientalistas, atitudes liberais?

Em princípio, qualquer característica pode apresentar variações, sejam devidas à herança, a diferenças ambientais ou a ambas. À semelhança da pigmentação da pele, estatura ou saúde, a educabilidade deve ser atribuída também à interação dos genótipos dos educandos com os fatores ambientais. Contraproducente destrinchar-se aqui seus componentes hereditários e ambientais. Necessário, porém, intuir-se que fração da variação total do aprendizado observado nas escolas se deve à diversidade do genótipo e/ou à do ambiente.

Admitir maior importância a fatores genéticos não torna a melhoria dos sistemas educacionais menos necessária; por outro lado, dar primado às influências do ambiente não deverá implicar no desconhecimento de que nem todos os genótipos respondem uniformemente às mesmas situações de aprendizagem. Diferentes genótipos podem render diferentemente, conforme o tipo de educação ofertado. Em BH, até o final dos anos 40, o tópico Genética e seu coirmão, Evolução, não apareciam em qualquer das disciplinas oferecidas pelas escolas de 3º grau. A exceção ficava por conta da Cadeira de Biologia Geral do recém-criado Curso de História Natural da Fac. Filosofia da UMG.

2.2. História de vida. Sexo, família, local de nascimento e escolas frequentadas são alguns dos delimitadores das histórias de vida, inclusive daquelas relacionadas às atividades de ensino e/ou pesquisa. A cooperação entre indivíduos da mesma espécie frequentemente é mais importante do que a competição. Esta última, entre os humanos, foi e é, em grande parte,

historicamente construída – passamos cerca de 95% de nossa existência convivendo cooperativamente como caçadores e coletores. Entre os efeitos colaterais da competição está a "sedução exercida pelos caminhos tortuosos das fraudes científicas..."

O parágrafo anterior foi substancialmente inspirado em Rodrigues[3], nosso LOR. Vale a pena ir correndo ao original. Veja também, sem maior pressa, Carvalho e Guimarães[4]. Lá se diz: "... Nos primatas, o equilíbrio entre competição e colaboração é mais uma construção social do que um instinto geneticamente determinado".

3. Linguagem, edição e adoção de textos didáticos

Não há regras fixas para a preparação e montagem de textos que se pretendam didáticos. Certamente é indispensável substancial dose de engenho e arte para fazê-lo. Dificilmente, todas as etapas, da preparação à edição de um deles poderão ser desenvolvidas por uma só pessoa. Mesmo sendo o autor um especialista no conteúdo, ele precisará da colaboração de criteriosos revisores, da opinião de outros especialistas e de confiáveis editores para atingir a contento a meta primeira, a de entregar seu produto às autoridades finais – alunos e professores adotantes.

Nosso crescente e elogiável encantamento pela pesquisa, não precisa necessariamente estar desacompanhado de alguns de seus esteios: preparação de material instrucional, edição e adoção de textos introdutórios acessíveis ou desenvolvimento de pequenos projetos no ensino de 1º, 2º e mesmo de 3º graus. Não é incomum tais iniciativas despertarem em alguns componentes da Academia, emoções, especulações e preconceitos de magnitude despropositadas.

3.1. Estudo da Genética e Evolução. Ele pode ajudar a compreender e a satisfazer nosso desejo de saber quem somos, de onde vimos e para onde vamos. Em 2013, comemoramos o centenário da morte de Joaquim Nabuco, colega de turma de Castro Alves. Foi Nabuco quem divulgou o lado abolicionista do amigo, morto precocemente. Os versos de um e a atividade política do outro foram fundamentais para as mudanças que levaram à abolição da escravatura em 1888. Estes, dois jovens companheiros do 1º período da Faculdade de Direito do Recife, cada qual à sua maneira, ajudaram a mudar os rumos de seu país. Quem sabe, logo mais, ou num futuro próximo, também, alguns dos atuais matriculados nos Ciclos Básicos de Universidades atuantes em BH se associem, oferecendo saídas inovadoras para a volumosa problemática ora a nos afligir?

3.2. Edição das chamadas obras didáticas. Nelas, é saudável a pretensão de ultrapassar-se meros objetivos informativos e a de ajudar nosso perplexo aluno a promover uma necessária integração com as demais disciplinas em que se fragmentaram os currículos. Além dessa particularidade, tais textos poderiam auxiliar na moldagem de um mundo melhor, onde desigualdades sociais e/ou regionais tornassem-se mais reduzidas.

Desejável que os Ciclos Básicos contribuíssem para o desenvolvimento, não só de competência técnica, mas igualmente para o do compromisso social dos futuros profissionais, tornem-se eles biólogos, dentistas, enfermeiros, farmacêuticos, fisioterapeutas,

---

3 RODRIGUES, L.O. Há esperanças fora das pistas? Sequelas da competição científica. Caminhos. 30, 2013.

4 CARVALHO, H.C, GUIMARÃES, R.C. História da Genética em Belo Horizonte. Disponível em: <http://acadmedmg.org.br>. Acesso em: 2007.

médicos, psicólogos, veterinários e mesmo especialistas deste ou daquele setor. Entre as múltiplas causas que levam à deterioração ou estagnação do ensino, está a necessidade urgente da melhoria das condições de trabalho. Estas, além de competência técnica e compromisso político, são necessárias para o alcance de níveis mais decentes de cidadania.

3.3. Um exemplo específico. Tornar um texto básico sobre Tópicos de Genética e Evolução, interessante tanto para estudantes (e também professores!) em contextos onde essas temáticas serão retomadas mais adiante, em disciplinas optativas ou obrigatórias de maneira mais aprofundada (Agronomia, Ciências Biológicas, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Odontologia, Veterinária), como para outras áreas onde elas, Genética e Evolução, costumam ser eventualmente apenas optativas (Antropologia, Educação Física, Fisioterapia, Geologia e Psicologia, entre outros), exige do(s) autor(es) mais engenho e arte do que se imagina.

Correlacionar, ao longo dos capítulos, achados da Genética ou da Evolução com trabalhos realizados por cientistas nacionais (os há de boa e excelente qualidade) ou estrangeiros (inclusive com os especialistas do Olimpo) é tarefa hercúlea – de Hércules, o Deus Grego!!, não pertencente ao English American Team! Esses Gregos!! – Esses Brasileiros!!!, já exclamam lá fora, em relação a certas atividades esportivas... No tocante às Ciências, fazemos jus a algum ponto de exclamação?

3.4. Exigir de candidatos a autores conhecimento de primeira mão de toda a temática abordada num texto ou num curso, como insinuam certos pareceristas, é quase decidir-se pela impossibilidade de qualquer obra endereçada a alunos iniciantes. Mesmo havendo no mercado especialistas para cada um dos conteúdos tratados nas diferentes etapas, poucos se dignam – a maioria não consegue – produzir material adequado para tal público. Conformarmo-nos com a inevitabilidade dessa situação? Há que se relativizar declarações de contribuições próprias e de muito senso crítico de especialistas que não trazem à planície da sala de aula os segredos partilhados apenas por eles e o alto Clero da Ciência.

3.5. Nosso texto, Fundamentos de Genética & Evolução, destinar-se-ia essencialmente a professores e alunos do primeiro período dos Ciclos Básicos Universitários da Área Biológica. Eventual e secundariamente também a professores e alunos do 2º Grau, como leitura complementar. Excepcionalmente, para algum curioso livre atirador. Nada mais que isso.

4. Novos tempos

Com a chegada de novas tecnologias informacionais à comunicação, estão emergindo outras formas de atividade e de expressão. Conviver com elas e preparar os jovens para surfarem nesse admirável mundo novo, com o qual parte substancial do atual corpo docente tem apenas pequena familiaridade? Para que memorizar se máquinas podem fazê-lo melhor e mais rapidamente do que nós? Por que decorar um teorema, uma receita, uma poesia ou uma canção se podemos acessá-los facilmente na Web?

Perigoso confundir informação com conhecimento – são duas entidades distintas, embora relacionadas – a informação é uma ferramenta do conhecimento... É este, porém, que lhe dá sentido. Nele incluem-se dimensões sociais, éticas e políticas, não reduzíveis a tecnologias.

4.1. O problema das traduções e citações. Matemáticos, físicos, químicos, filósofos e artistas de nomeada, entre outros – não se pejam de citar Tales de Mileto, Leonardo da Vinci, Lavoisier, Newton, Pasteur, Freud, na sua própria língua ou no original. Para uma fração (de biólogos, principalmente?) citar T. Dobzhansky, S. Gould, E. Mayr, J. Monod e E. Wilson, entre outros, permissível só nos seus idiomas originais ou preferencialmente na língua franca, o inglês. Traduções ou adaptações para o português, never! Mesmo que o texto se destine também e principalmente a sofridos paus-de-araras, capiaus mineiros, gaúchos campesinos ou matutos paulistas. Qualquer que seja a posição assumida na Escola, as mudanças terão que ser substanciais, seja para atender as individualidades genéticas, seja para fazer face à diversidade de experiências prévias do estudante.

O discreto Buarque de Holanda, pai, teria indagado ao amigo Bandeira: - Esse nosso vício por estrangeirismos seria uma manifestação de bovarismo intelectual? Resposta de MB: - Apenas um sorriso...

Não obstante, nosso crescente e saudável encantamento pela pesquisa, estamos descuidando de alguns de seus esteios – a sua unificação, codificação e contextualização via obras didáticas – instrumentos que poderiam permitir aos estudantes aprenderem em poucas horas (de preferência prazerosamente) o que exigiu anos para se descobrir ou entender. Precisamos ultrapassar o comodismo, presente em muitas publicações científicas de achar ser a tarefa da compreensão do texto responsabilidade quase exclusiva do leitor e quase nenhuma do redator.

4.2. Como proceder? Alternativas poderiam ser implementadas, agilizando e incrementando as políticas de editoração de textos nacionais... Efetivar abordagens didáticas graficamente renovadoras, criando situações que valorizassem ora o estudo individual, ora o de grupo, recomendávamos, há mais de duas décadas atrás, aos autores e editoras universitárias, inclusive às nossas mineiras UEMG,UFMG, PUC e Promove, entre outras.

Textos didáticos introdutórios de disciplinas do Ciclo Básico, de cuja elaboração e aplicação experimental participassem professores e até mesmo estudantes, poderiam ser preparados. Eles deveriam ser considerados instrumentos de trabalho utilizáveis como recursos auxiliares do professor e do aluno e não apenas repositórios de assépticas informações técnicas. Seria também seu papel colaborar na difícil tarefa de desenvolver o gosto pela leitura e estimular a reflexão e o espírito crítico. Não deveriam ser vistos como meras fontes de verdades absolutas ou padrões de excelência a serem seguidos cegamente.

Ao(s) professor(es) das disciplinas básicas competiria criar situações propiciadoras de reflexão e discussão por parte dos alunos. O programa da disciplina deveria ser mais um referencial, onde todos tivessem oportunidade de interagir mais criticamente, ao contrário do que se faz atualmente. Deveríamos também nos esforçar para criar, não só abordagens didáticas graficamente renovadoras, mas também promover situações que valorizassem ora o estudo individual, ora o de grupo.

> Ora direis ouvir estrelas,
> Certo perdeste o senso... (Bilac)

Professores, alunos e pessoal técnico-administrativo precisamos aprender a gerenciar melhor a aquisição de informações, reservando mais tempo

para outras iniciativas como a realização de experimentos, discussões em grupos e participação em outras atividade: concertos, conferências, exposições, lançamento de textos, peças e filmes especiais, entre outros. Em suma, "exercitar um estilo ecocêntrico e cosmológico que privilegie a síntese, a cooperação e a cumplicidade entre homens e coisas, o intuitivo, o imaginário, o poético..."[5] Que tal se, incluída aí a burocracia estatal, assumíssemos mais competentemente nos mais diversos níveis, nossas responsabilidades cidadãs? Quem sabe, reativar aquele programa de desburocratização dos anos 80/90 do século passado?

4.3. A receita de escrever. Não há! Mas... dependendo de sua desenvoltura tecnológica, pegue papel, lápis/caneta, máquina de escrever/computador ... RG, CPF, atestado de bons antecedentes, comprovante de titulação acadêmica, etc, etc, são dispensáveis, pelo menos inicialmente. Vá juntando as palavras – elas não gostam de estar sós. Vide, por exemplo, a palavra CAROLINA. Ela tem outras no seu corpo: CARO, LINA, ANA, AR, COR, CALOR, CORAL... Ou no seu significado: mulher religiosa ou mesmo assanhada... CALORINA... Tente construir uma frase em que este e outros fragmentos estejam presentes. Brinque com eles. Eventualmente acrescente outros: DOR 'ALICE, MARINA, TOLICE, LETÍCIA, CIDADE... Construa uma pequena estória com elas. Mostre-a para uma pessoa querida (vale pai, mãe ou namorada)... Se esta, como resposta sorrir e/ou lhe der um beijo, considere-se pronto para qualquer coisa, inclusive para cometer textos didáticos[6].

Conheci uma pessoa capaz de falar várias línguas, não tinha, porém, nada a dizer em qualquer delas. Outra, entendia a linguagem dos pássaros... Era nortista e falava cantado!

Textos elaborados apenas com o fito de demonstrar conhecimento, evite-os. Descartáveis também os subjetivos, sem qualquer vínculo com o leitor. Aqueles experimentais e mesmo os didáticos universitários, se com essas características, podem reforçar a crença de que linguagem empolada seja sinônimo de cultura. O leitor pode até admirar o estilo do autor, apesar da dificuldade de entendê-lo. Mas...

Conhecer as características do leitor, dominar o assunto e aplicar alguns procedimentos para tornar o texto mais palatável podem ajudar. Não basta citar a bibliografia mais recente. Prefira selecionar as mais interessantes e apresentá-las mais organizadamente ao seu fictício leitor. Um bom editor pode substancialmente melhorar o seu texto, submetendo-o ao vivo, à sua equipe de redatores, ilustradores e de especialistas no assunto. Fixação essencialmente no financeiro ou do que estiver em moda no estrangeiro, pode atrapalhar.

Se persistirem dúvidas sobre como iniciar ou dar seguimento a seu tratado, siga o conselho do Veríssimo:

> Comece por contemplar enternecidamente a letra A... De repente, a letra M pode parecer estar de pernas abertas, pronta a dar luz. Siga em frente, o restante vem como consequência.

Corte o desnecessário. Escrever é

---

5 MORIN, E. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

6 Esta receita foi-me passada pelo Professor da UFMG Ronald Clever – Vide do mesmo, entre outros, Escrever e brincar. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

também cortar palavras.

4.4. Preparo específico do estudante para o mercado de trabalho. Tal preocupação deveria ser mais própria dos últimos períodos – em certas áreas a velocidade de transformação é tal que não se justificariam, nesse aspecto, maiores investimentos iniciais. Correr-se-ia o risco de aplicar-se aos formandos e a seus instrutores o dito:

> Mudou o Natal e não mudamos nós! As instituições educacionais, como um todo e os textos nelas utilizados, deveriam satisfazer à necessidade de estarem atentos às vezes tênues fronteiras entre as chamadas atividades de pesquisa, de ensino ou de extensão e não apenas a uma delas.

5. Opinião de leitores sobre textos didáticos

5.1. O texto, Fundamentos de Genética e Evolução[2], em parte tentativamente elaborado nos moldes aqui defendidos, está há muito esgotado, mesmo tendo recebido, em diferentes oportunidades, surpreendentes referências positivas de, entre outros:

a. Francisco Salzano, o soberano decano da Genética brasileira.

b. Warwick Kerr, o criativo geneticista de abelhas, que o recomendou como leitura básica a estudantes do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Maranhão.

c. Oswaldo Frota Pessoa, o multifacetado geneticista e educador das atuais UFRJ e USP.

d. Bernardo Beiguelman, brilhante geneticista e aguerrida liderança da UNICAMP.

e. P.H. Saldanha, pioneiro introdutor do ensino e da pesquisa em Genética Humana entre nós.

f. Helga Winge, pesquisadora e docente lotada no Laboratório de Citogenética Vegetal da UFRGS e Líder de Classe com marcante desempenho no Conselho Federal de Biologia (CFB) e Conselho Regional de Biologia do Rio Grande do Sul (CRBRS). Com esse currículo todo, ainda encontrou tempo, para destrinchar para o presente autor, algumas excentricidades da meiose vegetal. Obs.: as 10 fotografias da Fig. 4.24 da 3ª ed. dos Fundamentos foram gentilmente cedidas e discutidas pelo pessoal do seu Departamento.

g. E.Chartone, pioneiro da Pesquisa e do Ensino da Genética de Micro-organismos na UFMG - aluno, colega e sensato conselheiro do autor desde os paleontológicos tempos do Curso de História Natural, até sua moderna variante, o Curso de Ciências Biológicas da UFMG.

Desnecessário reproduzir aqui as opiniões essencialmente positivas emitidas por estas 7 estrelas da Genética Brasileira. Voltaremos à temática de como, onde e quando utilizar-se textos didáticos ao longo do item 8.

5.2.De outra amostra de composição menos eclética, foram selecionados os comentários abaixo:

a. Aluno de Odontologia do 1º semestre/1989 (ICB/UFMG):

> Tive melhor aproveitamento nos capítulos mais ligados à Evolução. Considero o assunto do maior interesse. Lamentável sua extinção quase total nas aulas e nas provas.

b. Profa. Dra. Catalina R. Lopes/1987 (Instituto Básico de Biologia Médica e Agrícola/UNESP):

O livro me parece excelente e seus exercícios bastante adequados. Embora não predomine nele exemplos de Genética Vegetal, ao iniciar meu Curso de Genética Geral para o 2º ano de Ciências Agronômicas, já o indiquei como referência especial da disciplina.

c. Profa. Norma Odebrecht/1989 (Depto. de Ciências Naturais/ FURB/ SC):

Entre outras considerações solicita cópia do Livro de Respostas dos Exercícios do texto Fundamentos. - Retorno do autor: Não foi publicado, sequer rascunhado.

d. Professor adotante do texto/1989 (UFG/GO):

Parabeniza e propõe parceria para a efetivação da oferta de respostas, relacionada no item anterior. - Caso a pensar.

e. Considerações de um anônimo sobre estilo e conteúdo da 3ª edição, que poderiam ser utilizadas numa eventual 4ª edição:

- Estilo literário:

Maior clareza na linguagem, parágrafos mais curtos, diminuir citações e trechos coloquiais - cabíveis mais em texto de literatura, suprimir palavras incomuns ou de pouco uso no dia a dia.

- Conteúdo:

Suprimir prefácios de outras edições, ilustrações e epígrafes no início dos capítulos; prefácio mais simples e objetivo, voltado exclusivamente para os objetivos do livro; atualização do texto com inclusão de novas perguntas e de capítulo especial sobre Aspectos Genéticos/Evolutivos das Relações Ecológicas Entre Seres Vivos. – Recomendações quase todas pertinentes.

f. Do gerente de uma Distribuidora de Livros:

Aconselhável o autor assessorar-se com profissionais competentes ao estabelecer o contrato de uma eventual futura edição dos seus Fundamentos. Essa espécie de ombudsman poupar-lhe-ia eventuais problemas relacionados a descumprimento de qualquer das cláusulas contratuais. – Totalmente de acordo.

g. De um Professor da ESALQ/SP:

Não é desabonador ou irrelevante terem professores universitários, como um de seus interesses, a preparação de textos didáticos para utilização de seus alunos e eventualmente de outros públicos.

h. Um Professor Uspiano deplora:

...O espaço desperdiçado com essas inúteis epígrafes, ou pior ainda, com aquela baboseira, Fragmentos de uma aula (p. 457), poderia ser melhor aproveitado com um pouco mais de informação técnica. – De gustibus...

i. Da estudante Cristiane G. Torres/1987 (UFRS/RS):

> Hoje, provavelmente, eminente professora, pois lhe foram igualmente propícios genótipo e ambiente: "...Um texto científico deve ser conciso, claro e objetivo... Não é isto que ocorre nesta obra. Assuntos vários são abordados de forma relativamente rápida e não objetiva... A linguagem é atécnica... Em alguns momentos infantil... Suas conceituações confusas... E as sistematizações de um raciocínio lógico, diluídas. Incorporação de exercícios no meio do texto quebra o raciocínio, provocando uma compartimentalização do conhecimento antididática".

j. Do então Chefe do Deptº. Genética, Prof. A.R. Cordeiro/1987 (UFRJ/RJ):

> Em relação ao comentário anterior: "Concordo com minha aluna que, melhor do que eu, pode ser porta voz dos próprios estudantes. Senti a superficialidade e prolixidade pouco objetiva do livro...

Observação do autor relativa aos dois últimos comentários: Há, no texto analisado por ambos, uma seção introdutória - Mais Prefácio - agora à 3ª edição, p.s/n, um subtítulo - Comentários aos comentários dos leitores - que, em parte, profeticamente responde a perplexidade dos missivistas:

> Há de se lastimar, diferentemente de gn.1-31, não nos é dados dizer – contemplamos toda nossa obra e vimos que tudo era bom.
>
> A que conclusão chegar depois de tantos subitens? Tirante a suspeita de alguma dose de empáfia ou deslumbramento, presentes principalmente no (des)necessário item 5.1, deste texto, talvez a de que aprender a conviver com o diferente passe pela educação. Tenha-o, assim como o venerando Fundamentos de Genética & Evolução, como dispensáveis partituras inacabadas. Use-os na ordem e intensidade que melhor lhe aprouver.

6. As Raízes do Ensino e da Aprendizagem

Embora possa não parecer, a formação do docente e do discente, ao lado da reflexão sobre a prática educativa é a temática central deste texto. Formar educandos e educadores é muito mais do que apenas treiná-los para o desempenho de certas destrezas. Importa também torná-los aptos para perceber, conviver e administrar eventuais conflitos dentre e entre os envolvidos nas situações de ensino e aprendizagem, sem cair em moralismos de consistência duvidosa.

Considerar tempos históricos como de possibilidades e não de determinismos é uma estratégia que pode ter consequências problemáticas, mas não inexoráveis. A realidade não precisa ter sempre a mesma face, podemos mudá-la para melhor ou pior. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende pode ensinar ao aprender. Ensinar é algo mais do que um verbo transitivo relativo. Inexiste sem o aprender. Se o aluno não aprendeu, é porque o professor não ensinou – pontificavam os radicais da Escola Nova dos anos 30 e seguintes. Vale a pena consultar o famoso Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, disponível no site do MEC.

Inexiste validade no ensino se dele não resultar algum aprendizado, no qual o aprendiz se torne capaz de recriar ou re-

fazer o ensinado. Se o ensinado não for aprendido, não pode falar-se que houve realmente ensino. Não é o educador que educa, é o próprio educando que se autoconstrói, estimulado pelo ambiente em que o inserimos[7].

O Geneticista François Jacob[8] nos considera seres programados para aprender. Para ele, nosso genótipo pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, capaz de torná-lo mais e mais criador. Ou seja, quanto mais criticamente ele exerça a capacidade de aprender, tanto mais construirá e desenvolverá o que nosso Paulo Freire[9] chama de curiosidade epistemológica. "É esta que nos leva, de um lado à crítica e à recusa ao ensino bancário, de outro, a compreender que apesar dele, o educando, a ele submetido, não está fadado a fenecer... Ele pode rebelar-se contra o poder apassivador do bancarismo e do falso ensino... Uma das condições necessárias a pensar certo é o não estarmos demasiados certos de nossas certezas".

Ensinar implica cultivar a tríade criticidade – estética – ética "tudo isso temperado pelo bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo ou a insensatez". Do bom senso, porém, diz-se ser a coisa mais bem distribuída do mundo – todos acham tê-lo em quantidade suficiente.

7. Algo mais a dizer?

Razões de espaço, tempo e competência justificam sugerir ao leitor um passeio por bibliografia mais apurada. Sobre nosso sistema educacional, vejam-se, entre outras, coisas de Aloísio Pimenta, Anísio Teixeira, Cristovam Buarque, Darcy Ribeiro, Fernando de Azevedo, Gilberto Freire, Henrique de Lima Vaz, Isaías Raw , José Reis, J. I. Vargas, Lauro de Oliveira Lima, Leonardo Boff, Lourenço Filho, Magda Soares, Moniz Sodré... Em grau maior ou menor, esses personagens discutiram nosso problemas educacionais – sem suas participações estaríamos pior.

Brunner[10], o psicólogo, vê a dificuldade em se aprender alguma coisa, não no seu conteúdo, mas na forma de sua transmissão. Para o leitor, o presente texto poderia ter o objetivo de ensinar (docere, em latim), de promover emoções (comovere), ou de deleitar (delectare). Infelizmente ele está mais para o de deletar (do computadorez atual...)... A Internet parece estar estimulando a antipublicação... Será por que antigamente escreviam-se livros para o leitor comum, e hoje eles são escritos por esse leitor comum?

Num Ciclo Básico, onde fossem oferecidas as disciplinas Genética ou Genética e Evolução, dependendo do contexto, além de outras, quaisquer das citações contidas na referência 11, com exceção das de Martins & Mari (2002), Pena (2010) e Silva (1972), poderia ser utilizada como livro texto, reservando-se às demais o papel de eventuais leituras complementares[11].

7 Este e os dois parágrafos anteriores estão fortemente impregnados pelos discursos de Paulo Freire e Lauro de Oliveira Lima. Vide, por exemplo: FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996 e LIMA, L.O. Escola no futuro. 2ª ed. Rio de Janeiro, J.Olímpio, 1974.

8 JACOB, F. Nous sommes programmês, mais pour apprend. Le Courriez: UNESCO, 02/1991.

9 FREIRE, P. À sombra desta mangueira. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

10 BRUNNER, J. A cultura da educação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

11 AMABIS, J.M., MARTHO, G.R. Biologia das populações, 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2004.

BOREM, A. , SANTOS, F.R. Entendendo a biotecnologia. Viçosa: UFV, 2008.

BORGES-OSÓRIO, M.R., ROBINSON, W.M. Genética humana. Porto Alegre: Artmed, 2013.

LEWIS, R. Genética humana: conceitos e aplicações, 5ª ed. (Trad. MOTTA, P.A. Rio de Janeiro:Guanabara, 2004).

MARTINS, R. P., MARI, H. Universo do

7.1. Uso de textos. A consulta ao livro-texto pelo estudante tem, entre outros, o mérito de permitir limitar o tempo dedicado à audição do, às vezes, insulso discurso do professor. Essa estratégia, porém, não deve constituir-se na única alternativa de ampliação do conhecimento, nem de empecilho para a observação pessoal de fenômenos biológicos. Bem utilizado, o livro-texto pode esclarecer dúvidas, complementar informações, auxiliar na fixação da aprendizagem e na escolha de bibliografia complementar, entre outras. Dependendo do contexto, o(s) texto(s), se adotado(s), pode(m) constituir(em)-se num fim em si mesmo(s) ou em simples pretexto. Qualquer que seja a opção escolhida, haverá dissidentes e aderentes, tanto do lado docente quanto do discente.

Conforme o cenário que se consiga montar, numa situação de ensino/aprendizagem, oportuniza-se aos participantes um bom treino para a cidadania e a vida democrática. Cada personagem, professor ou aluno, há que legitimar sua fala e posicionar-se em relação aos demais de maneira adequada. Uma pitada de pensamento ecológico-evolutivo talvez facilite o alcance dessa pretensão.

7.2. Grupos de discussão. A utilização do estudo em grupo poderia ser melhor utilizada, tanto para promover a realização de pequenos projetos de pesquisa, quanto para, simultaneamente, desenvolverem-se habilidades de raciocínio, tão necessárias ao exercício da vida profissional, numa sociedade que se imagina no futuro mais harmônica e sustentável. No ICB, a organização dos tempos e dos espaços destinados às atividades de ensino e pesquisa diferiam-se e diferem de departamento para departamento e no mesmo departamento, às vezes de disciplina para disciplina. A salutar aceitação dessa diversidade possibilitaria o oferecimento de maiores oportunidades para atender a também enorme diversidade do alunado. E a este, maiores oportunidades de exercer o convívio com o diferente, aquisição que lhe será muito útil não só no futuro exercício profissional, mas também no da cidadania.

Difeririam os atuais professores e pessoal técnico-administrativo de seus correspondentes do passado, no tocante à dedicação, competência e conviviabilidade? Resposta de um ex-aluno do Ciclo Básico e atual Professor recém-aposentado: - Talvez, em alguns momentos – nos GDs, nas aulas de campo e nas bancadas de pesquisa – nos relacionássemos menos convencionalmente. Quando e quanto éramos mais eficientes, mais discretos ou mais hipócritas... tenho dúvidas.

Para uma fração de docentes e discentes, investir nos GDs e em algumas outras atividades curriculares poderia potencializar a qualidade do contato social – tão necessário quanto o do aprendizado escolar. Válido relembrar aqui a relação biunívica e frutuosa entre estudantes de Graduação, como os da História Natural e Ciências Biológicas, com suas futuras Entidades de Classe – Conselhos Regionais e Federais de Biologia (CRB e CFB?) ou

conhecimento. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002.

PENA, S.D.J. (ED). Themes in transdiciplinary research. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

RAMALHO, M.A.P., SANTOS, J.B., PINTO, C.A.B. Genética na agropecuária. Lavras: UFLA, 2008.

OTTO, P.G., OTTO, P.A., FROTA-PESSOA, O. Genética humana e clínica. São Paulo: ROCA, 2004.

VIANA, J.M.S., CRUZ, C.D., BARROS, E.G. Genética. Viçosa: UFV, 2001.

SILVA, M.R. A evolução do pensamento científico. São Paulo: HUCITEC, 1972.

mesmo a de estudantes secundários como os do Colégio Estadual Central, Centro Pedagógico e Colégio Universitário, com seus correlatos do 3º Grau? Nessa última opção, destaque para o texto de Morais[12], um relato de encontros marcados no Colégio Estadual de Minas Gerais, explicador, em parte, do jeitão dos faficheiros da Carangola?

7.3. Roteiro de viagem? O improvável leitor, poderá ver neste texto arlequinal uma estranha mistura de ingenuidade, alienação, oportunismo, acomodação e ... Discutível a pauta e o tom da temática aqui abordada. Necessário esclarecer melhor as concordâncias e discordâncias com o navegar do barco? Acionávamos princípios democráticos para conciliar as divergências? Que papel o livro didático e os Estudos Orientados - EOs[13] desempenhavam naquele contexto? Alguns de nós víamos neles bilhetes de entrada para um mundo melhor. Outros, mais céticos, artefatos de fuga das aulas expositivas.

Na verdade, pretendíamos torná-los, os EOs e os GDs, sobretudo em instrumentos de socialização que permitissem alunos iniciantes aperfeiçoarem suas habilidades de falar, ouvir e de se enturmarem mais harmoniosamente. Secundariamente, a voltar ao livro texto ou bibliografia complementar, para sanar dúvidas pendentes? E, pretensão maior, torná-los melhores preparados para refletir sobre questões do tipo: Quem somos? Donde vimos? Onde estamos? Para onde vamos? – Buscarmos respondê-las poderia ajudar-nos a dar algum significado às nossas vidas...

Hoje, numa leitura retrospectiva, os participantes da feitura e/ou aplicação dos EOs pareceríamos estar frente a uma espécie de balanço entre o que o passado fez conosco e nós com ele – antes queríamos essencialmente ser algo, hoje ter coisas? Para nós e a sustentabilidade do planeta, talvez preferível fosse a versão de um intelectual piraporano: Tubi ou Turreve, essa é que é a questão! Melhor ficar com o Oswald? Tupi or not tupi that is the question!

Para uma fatia da história (ou estória) da Genética em BH, vide Guimarães e Carvalho[4] e também Carvalho[14]. Uma revisita aos Cadernos de Genética & Evolução, utilizados principalmente por estudantes de História Natural e da Escola de Veterinária no período 1967-1977, comparado ao que fazemos hoje, pode mostrar algo do que fomos e em que nos tornamos. No começo dessa década, com Cleusa Fonseca e

12 MORAIS, R. Colégio Estadual. Belo Horizonte: Ed. Conceito, 2014.

13 EO foi um procedimento didático muito utilizado nas décadas de 70 e 80 pelos professores do Deptº de Biologia Geral da UFMG, especialmente os do setor Genética e Evolução. Visavam sobretudo incentivar o estudo individual diretamente numa bibliografia previamente estabelecida e a socializar o conhecimento, através de grupos de discussão. Procurávamos na sua feitura e aplicação, apoiar-nos em saudáveis princípios pedagógicos, entre outros, nos da Instrução Programada, tida então por alguns como a salvação da lavoura e por outros alienígena e/ou alienada. A utilização dos EOs no ICB/UFMG foi precedida de uma aplicação previa rigorosamente controlada, a que foram submetidos alunos da Escola de Veterinária e da História Natural da FAFI/UFMG. A pretensão maior dessa atividade era de oportunizar interações culturais propiciadoras de um desenvolvimento acadêmico mais rico. Novas abordagens intelectuais podem ter repercussão que ultrapassam as obtidas apenas pela seleção natural biológica. Esta aventura está mais detalhadamente relatada em CARVALHO[14].

14 CARVALHO,H.C. Curso integrado de genética para estudantes de história natural e veterinária. Rev. Univ. Fed. Minas Gerais. 18 :29 – 50,1968.

Miguel Chquiloff, constituimo-nos num trio, cujo desafio principal era oferecer pratos minimamente apetecíveis e nutritivos a estudantes de Graduação dos Cursos de História Natural e Veterinária. Esse cardápio, com a criação dos Ciclos Básicos, estender-se-ia aos povos da Medicina, Odontologia e Farmácia, que passaram também a considerar, não muito convictamente, a indispensabilidade desta ração para o bom desenvolvimento de suas gentes. Hoje, no ICB, há Bacharelados, Mestrados e Doutorados específicos de Genética. Muitos de seus atuais ou ex-Professores são, ou foram, egressos daquela agitada cozinha do final do século.

8. De onde, para onde, com quem e como vamos?

8.1. Texto e contexto se permeiam influenciando-se mutuamente. Destacaríamos aqui, (in)devidamente, o segundo desses fatores? Para alguns, haveria de parte do pessoal transferido para os vários Institutos, criados pela Reforma Universitária, uma espécie de velado preconceito – o de uns poucos se autoarvorarem seres mais credenciados, pelo fato de provirem de Escolas com maior tradição. Esse desvio parecia ser, em parte, culturalmente transmitido a uma parcela do alunado, que às vezes se comportava mais radical e ridiculamente do que seus mentores.

Tal atitude, um fenótipo cultural, seria equivalente, no nosso passado, ao da necessidade de delimitar o terreno de caça para eliminar concorrentes. Na verdade, somos todos descendentes de andarilhos africanos que por aqui passaram em diferentes momentos, inventando e criando estratégias de sobrevivência. Como, agora, por algumas delas a serviço do bem-comum? Sendo a transformação da sociedade um trabalho coletivo, que parte dele toca agora aos docentes e discentes universitários do Séc. XXI?

8.2. Introdução, linguagem, sequência dos tópicos, estratégia de apresentação, questões e exercícios a serem discutidos, individualmente ou em grupo, poderiam ser vistos, adverte um dos críticos da 3ª ed. dos Fundamentos de Genética e Evolução, como "reverberações de uma retardatária ideologia , inapropriada à atual realidade brasileira".

Um texto pressupõe uma certa intencionalidade. A dos Fundamentos e a deste seriam reflexos de algo ocorrido ao navegar nas águas revoltas do período 1965-1985? Talvez "um emaranhado ingênuo e idealista de múltiplas ignorâncias", diria o saudoso Newton F. Maia.

8.3. Aquisição e transmissão culturais. Para aqueles à nossa volta, simplificadamente, ambas pareceriam se realizar de maneira epidemiológica:

- Transmissão vertical: de pais para filhos ou de professores para alunos;
- Transmissão horizontal: entre contemporâneos - de aluno para aluno ou de professor para professor, por exemplo.

Num regime de transmissão vertical a evolução cultural é lenta, lembra a hereditariedade genética, transcorrendo de uma geração para outra. Num de transmissão horizontal, ela é mais rápida. Assemelhando-se mais a uma doença epidêmica, disseminar-se-ia por contato direto entre um indivíduo contagiante e um susceptível.

O aceite dessas analogias, teria funcionado positivamente no preparo dos EOs, entre professores e posteriormente, na sua aplicação entre e com alunos. Uma fração considerável des-

ses últimos, inicialmente contrária à novidade, passou aos poucos a tolerá-la, temerosa talvez de ser vista como reacionária e/ou politicamente incorreta. Depoimento de um deles, muitos anos após: "parecia estarmos vivendo uma singular experiência de relacionamento igualitário. Tal percepção foi-nos muito útil para enfrentar desnecessárias discriminações mais à frente".

À semelhança do que ocorre com uma epidemia, a resistência à difusão dos EOs, alterou-se com o passar do tempo. Entre os alunos, reacionários e militantes, passaram a debater com maior frequência e mais amistosidade suas visões de mundo. O mesmo acontecendo, em menor escala, entre os professores.

8.4. A atmosfera dos debates na vivência dos EOs parecia levar alguns professores e alunos à desconfiança de que Departamentos e Currículos estivessem indevidamente articulados – Matérias estariam sendo apresentadas com pressupostos raramente discutidos e frequentemente incompatíveis entre si. Esse generalizado e indesejável estado de coisas, levou lideranças mais criativas e sensatas a propor constituírem-se Comissões capazes de discutirem mais racionalmente, na UFMG, como um todo, e nas Unidades Institucionais (escolas, departamentos...), em particular, tais impasses.

No ICB/UFMG, por exemplo, instituiu-se a Comissão Especial Destinada ao Estudo, Planejamento e Implantação do Currículo do ICB da UFMG[15]. Com substancial sucesso, ela cataliticamente possibilitou nos constituirmos numa grande nação e a não nos dividirmos em republiquetas fraticidas. Nesta Unidade, muitos de nós (naturalistas, biólogos, bioquímicos, parasitologistas, farmacêuticos, dentistas, médicos e veterinários, entre outros), teríamos agora de opinar acerca de tópicos sobre os quais nunca havíamos refletido anteriormente. Teríamos também de ensinar e cultivar a convivência com o diferente, além de por em prática o hábito de justificar o que, o porquê e o como estávamos ensinando, pesquisando e aprendendo.

Parte substancial do currículo dos Professores Universitários da área biológica é de natureza técnica, sendo neles mínimas as incursões no terreno das humanidades, quando tal se dá, frequentemente, é considerado desvio comportamental - uma pena! É principalmente a partir da década de 50 do século passado que alguns estudantes e pouquíssimos professores começaram a falar em reordenamento de prioridades e na possibilidade de tornarem o ensino e a aprendizagem das disciplinas em atividades culturais mais relevantes. Um mínimo de solidariedade e fraternidade seria necessário para transformar as salas de aula em ambientes de mais aceitável convivência.

8.5. A interdisciplinaridade é essencial para os estudantes universitários de hoje, não só dentro de um mesmo departamento, mas também entre departamentos da mesma ou de entidades diferentes. Um exemplo: num curso de Genética oferecido conjuntamente a estudantes de Veterinária e de Ciências Biológicas, o professor ressaltou que o tópico daquele dia seria sobre algo que estava na cabeça de todos: Sexo!!! Ele envolveria aspectos vários, entre outros, comportamento, comunicação e reprodução, que surgi-

15 MACHADO, A.B.M, DINIZ, C.R, CARVALHO , H.C. e GODINHO, H.P. Currículo do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG – Relatórios da Comissão Especial Destinada ao Estudo Planejamento e Implantação do Currículo do ICB da UFMG. Belo Horizonte: Imprensa UFMG, 1990.

ram, se perpetuaram e se intensificaram através da seleção natural. A característica básica do sexo, seria unir dentro de uma única célula o DNA de duas células distintas. A recombinação de DNA proveniente de duas fontes, com rápida geração de muitas formas inusitadas dessa molécula, seria impossível na ausência do sexo. Aqueles preocupados apenas com cortejo, namoro, acasalamento consensual ou melhoria genética de rebanho, costumam desconhecer os determinantes básicos impulsores por traz de todo comportamento sexual. Para mais detalhes sobre este argumento, vide Wallace[16].

8.6. Pergunta frequente nos idos das décadas de 60, 70 e 80, do século passado: como as próximas gerações de professores e de estudantes universitários deveriam ser educadas? Vivemos neste período alguns(?) problemas políticos com os mandatários de então. Fração substancial de nossa militância distribuía-se entre cautelosos lights de esquerda ou de direita. Os primeiros alertando os segundos a não seguirem exemplo de universidades salazaristas portuguesas com metas espanholizantes. E os destros, para não fazermos o mesmo, com relação às Universidades Cubanas, Albanesas e Russas, até também por razões linguísticas. Ideologias a parte, os insertae sedis, não tão escassos, como quase sempre, oscilavam de acordo com seus interesses pessoais.

Não obstante uma ou outra divergência maior, parecia haver, entre estudantes e professores do Ciclo Básico, o sentimento de que deveríamos apoiar ações minoradoras do obscurantismo e da opressão então vigentes. Comemoramos, agora, 50 anos do golpe ou da revolução de 1964 – meio século da nossa e da História do Brasil! Continuamos divididos: alguns vendo nas atuais instituições democráticas a origem de todos os males, outros mais céticos, considerando-nos geneticamente incapazes de escolher representantes mais comprometidos com a melhoria das Casas Legislativas. Estaríamos na dependência do eventual surgimento e da questionável seleção de mutantes especiais para dar à nave rumos mais pertinentes? Das (des)ilusões das vítimas e dos beneficiários do golpe/revolução de 1964, outros autores tratarão com melhor conhecimento de causa. Fração substancial dos sobreviventes daquela época consideram-no um ato deplorável com consequências nefastas à Universidade e à vida pessoal de muitos. Um deles[17], convictamente declara: "estaríamos melhor na educação, na saúde, nas artes, na cultura, no jornalismo, na economia, etc. Perdemos 21 anos de prática democrática. Um prejuízo incalculável!..." Vítimas e/ou beneficiários do golpe/revolução de 64, estão sendo reverenciados ou execrados neste momento.

Na verdade, muitos de nós professores ou alunos, participávamos com maior ou menor convicção, contra ou a favor da Gloriosa. Hoje, alguns mostram-se orgulhosos, outros envergonhados do que então fizeram. Teriam as atuais passeatas algo em comum com certas posturas escolares do passado, onde a radicalidade do conviver e do aprender se confrontavam? A curiosidade e o desejo natural de aprender podem ser sufocados ou mesmo destruídos, se formos expostos, por longo tempo a condições que associem aprendizagem ao medo, à monotonia, à derrota e à irrelevância. Essa afirmativa será

16 WALLACE , B. O Ambiente: como eu vejo , a ciência não é suficiente . Trad: Moura Duarte, F.A, Sales, J.T e Leite, A.M.B. Ribeirão Preto/SP: FUNPEC – Editora, 2002.

17 RESENDE, A.L. Como estaria hoje o Brasil sem a ditadura militar? Jornal o Tempo, BH, 03/04/2014.

tanto mais verdadeira quanto mais jovem for a vítima dessa exposição.

8.7. A maior formalização dos Ciclos Básicos, ocorrida a partir do final dos anos 60, de certa maneira respondia à crescente demanda por um ensino e uma pesquisa mais atualizados e eficientes. Propiciar uma visão mais consistente dos conteúdos e aprimorar o espírito crítico do estudante, capacitando-o para o desenvolvimento de um estudo com maior independência e criatividade, era parte essencial das metas então almejadas.

Pretenciosamente imaginávamos que a vivência de alguns EOs e GDs permitiria ao estudante afinar melhor as relações de ensino/aprendizagem e, quem sabe, potencializá-lo para o enfrentamento de futuros problemas, inclusive os de natureza sócio-cultural. Aprender e ensinar são, sobretudo, processos de produção de saber e conhecer e não somente, de transferência deles. Ambos se realizam mais proficientemente onde houver solidariedade e fraternidade. Por que não transformar salas de aula em ambientes propiciadores mais efetivos desse binômio?

Pertinente também seria preservar-se nos currículos dos Ciclos Básicos espaço para promoção de encontros específicos dos estudantes de cada opção com seus respectivos Conselhos Regionais (de Biologia, Educação Física, Medicina, Odontologia e Veterinária, por exemplo.). Com altos e baixos, mutuamente, eles nos ajudariam a alcançar padrões educacionais e salariais tão ou mais satisfatórios que os de antigamente.

8.8. Divulgação científica e preparo de professores. No ensino de Genética e Evolução, às vezes usávamos, entre outros, o espaço dos EOs, para fazer divulgação científica num nível um pouco mais comprometido que o encontrado nos textos convencionais. Na Física, na Química, na Geociências e em outras instâncias algo semelhante também ocorria. No ICB (na Fisiologia, na Bioquímica, na Parasitologia, na Zoologia, na Biofísica, na Farmacologia, entre outros), havia preocupação com o preparo dos futuros profissionais do ensino. Discutível o real alcance dessa pretensão. Na passagem do século, a maioria de nós considerava como uma das mais relevantes missões dos professores universitários a melhoria do ensino e da pesquisa em todos os níveis. Para tal, seria necessário oferecermos uma educação de melhor qualidade e formarmos professores e pesquisadores capazes de estimular a iniciação e a divulgação do conhecimento. Estamos, ou em algum momento fizemos isso a contento? Para alguns, entre as perspectivas dos Ciclos Básicos, estariam as de auxiliar o estudante a entender seu presente, formatar seu futuro e conformar-se no que se tornaria... Talvez, também fazê-lo refletir se somos o que pensamos ou se pensamos o que somos. Se nosso destino seria por nós construído ou seriam as circunstâncias que nos construiriam? Tous les deux? From head to toe? Como os Ciclos Básicos poderiam ser estruturados para nos ajudar a conviver com esses dilemas? Obs.: Este artigo já estava no prelo quando nos deparamos com os textos de Gaspari[18] , de Rabelo[19] e de Medioli[20]. Vale a pena cotejá-los.

8.9. Nota dissonante. A versão comercial da referência Carvalho[2], do presen-

18 GASPARI, E. 1964... 2014. Jornal O Tempo, BH, 26/03/2014.

19 RABELO, J.M. Belo Horizonte do arraial à metrópole – 300 anos de história. Belo Horizonte: Ed. Graphar, 2013.

20 MEDIOLI, V. Unusquisque. Jornal O Tempo, BH, 19/07/2015.

te texto, ao contrário do que ocorreu com a 1ª e 2ª edições, imperdoavelmente deixou, conforme combinado com o novo Editor, de creditar o relevante papel desempenhado pelo SED – Serviço Editorial da UFMG – na preparação das três edições desta obra. Simultaneamente, deixou também de utilizar capa produzida pelo artista Cosme Coelho da Rocha, o mesmo da capa da Constituição Brasileira..., substituindo-a por outra "anônima" e sem qualquer indicação de procedência.

E agora, Joaquim?... Leite derramado?... Cá e lá?... No céu se paga?...

Talvez isso, e algo mais, justifique a educada recusa de se efetivar uma reformulada quarta edição dos Fundamentos por determinada editora. Paralelamente, também houve a opinião de ilustre parecerista sobre o capítulo Origem e evolução do homem, para ele, bibliográfica e conceitualmente defasado. Na verdade, a meta desse capítulo seria constituir-se num instrumento de trabalho para professores e alunos do 1º período dos Ciclos Básicos Universitários e eventual bibliografia complementar para docentes e discentes da Biologia do 2º Grau. Aos especialistas, caberia a tarefa complementar – e não menos importante – de preparar textos específicos sobre este ou aquele tópico. Desconhecemos que fração deles estaria desempenhando a contento esse mister, seja na língua mater ou mesmo em português.

Antagonicamente, um dos usuários de Carvalho[2] questionou o excesso de bibliografia complementar alienígena. Não teríamos autores ou tradutores confiáveis? A preferência dada às Revistas Brasileira de Genética, Ciência Hoje, Ciência e Cultura ou a uns poucos textos de autores nacionais, poderia ser ampliada. A temática e a qualidade dos indicados, não se incompatibilizando com os objetivos dos Ciclos Básicos, minimizariam alguns preconceitos e mal entendidos, eventualmente, ainda hoje existentes. Algo mais a acrescentar-se à ambivalência das avaliações de textos didáticos, inclusive as positivas, como as emitidas pelos relacionados no item 5.1, lá e aqui não transcritas? Sobre a opinião de pareceristas, vide mais especificamente itens 3.4, 4.1, 5.2 e 7.3. Quem sabe, revisitar Couto[21]?

Comunicar é também manter-se em silêncio ou silenciar é também comunicar-se?... De migalhas ou mil galhos, a cada um o que lhe aprouver? Sobre este affair, calei-me no passado por omissão, agora e no futuro, o faço por convicção.

8.10. Quando novembro/dezembro chegar. Um leitor de versão preliminar do presente texto, considerou-o um decálogo um tanto asmático, com excessos de "aspas", itálicos, exclamações (!!!), (parênteses) e suspiros. Aceitaria uma dose extra desses artifícios, se fosse para tratar da situação das águas pluviais de BH e do futuro de nossos rios. Uma palavrinha também sobre o trio maravilha Altimetria, Trânsito e IPTU, responsáveis mor, tanto pela troca dos últimos resquícios de nossa fauna e flora, quanto por superlotados espigões, reconhecidos perturbadores do tráfego e da tranquilidade geral? Teriam essas questões alguma vez sido discutidas nos Ciclos Básicos do Promove, ICB, IGC, ICEX, ICH e ...?

O que haverá de história ou estória, na política de captação, canalização e enclausuramento de nossas águas pluviais? Cimentados ou asfaltados,

21 COUTO, B.A. Avaliando a avaliação: o produtivismo como política institucional de inferência da qualidade de trabalhos científicos. Caminhos. 28, 2011.

jardins, ruas, e calçadas tornaram-se menos permeáveis. Cerca de 170 km dos cursos d'água de BH estariam cobertos por concretos sanitários, projetados para minimizar problemas de inundação e saneamento, mas... A especulação imobiliária mostra aqui também suas digitais. Reduzidas taxas de infiltração nos solos e baixo recarregamento dos lençóis freáticos são os determinantes maiores da nossa atual crise hídrica. Dois dias seguidos de chuva e eis córregos e canais, inundando ruas e casas, com seu fiéis acompanhantes: desabamentos, afogamentos, quedas de árvores, falta de energia elétrica, caos no trânsito, etc etc. Precisamos das plantas, não só por razões estéticas, mas também para que ocorra infiltração hídrica e purificação do ar mais eficazes, protegendo-nos de secas, alagamentos, poluição atmosférica e suas consequências.

Algum incentivo legal à construção de imóveis residenciais com maiores áreas menos cimentadas – calçadas, jardins, quintais, etc – permissoras de infiltração de águas das chuvas no solo? Nenhum!! Pelo contrário, premeia-se com ganhos de coeficiente construtivo, aqueles que ampliarem seus púmbleos e não filtráveis terrenos. Piorar é possível? – Precisamos repensar não só o manejo de nossas águas pluviais, mas também o de outros recursos hídricos. Protegidos e bem zelados nos permitiriam enfrentar melhor eventuais catástrofes e ampliar mais saudavelmente nossa convivência com o verde.

Quanto da crescente impermeabilização dos leitos de antigos córregos e lagoas, acompanhada da presente redução de áreas verdes, seriam responsáveis pelo nosso atual caos urbano? Contribuiriam nossas gerências públicas para a também crescente magnitude deste caos? Possível reverter esse surto interrogativo, prestigiando nas próximas eleições, candidatos comprometidos com as questões ecológicas. Repensar nossa política urbana à luz do que for melhor para BH, agora e amanhã, é preciso[22] e [23]. A decisão de verticalizar-se tem um componente ético e político. A que mentalidades e interesses essa maneira estreita de encarar a vida estaria a serviço?[24] Recente Portaria Governamental, estabelecendo regras para economia de água e energia, seria apenas uma tentativa a mais para obtenção de receitas extras pela União? Considerações genético-evolutivas sobre a temática deste subitem são feitas em Carvalho.[25]

8.11. Questionável o pretenso papel civilizatório atribuído às megálopes (monstrópoles[26]?), condenadas à crescente escassez de moradia, mobilidade, saneamento e controle da violência urbana, entre outros. Nelas, a cancerígena multiplicação de megaedifícios e/ou de megafavelas incompatibilizam-se com níveis de conviviabilidade aceitáveis. Programas como os do BNH e outros seriam mais instrumentos de geração de emprego e de produção de materiais, quando não de duvidosas especulações - do que de atendimento adequado às necessidades de sociabilidade e de inserção à vida humana. Carecemos mais de políticas reorientadoras do projeto de desenvolvimento nacional do que de apenas megaengenharias, como está acontecendo, por

22 CARVALHO,H.C. Inovação no IPTU de BH: Por que e para quem ? Caminhos. 27, 2010.

23 CARVALHO , H.C. Mais do Mesmo? Caminhos. 29, 2012.

24 CARVALHO, H.C. Preservação da memória. Caminhos. 30, 2013.

25 CARVALHO, H.C. (Des)considerações genético-evolutivas. Bol.UFMG. 1881, 2014.

26 BUARQUE, C. O conceito das monstrópoles. Jornal o Tempo, BH, 11/04/2014.

exemplo, também no setor Norte de BH. Lá, a área essencialmente de proteção ambiental está rapidamente se transformando em objeto de mercancia, gerando altos lucros para uns poucos à custa do bem-estar da maioria[27].

Nas megas cidades, explicitam-se mais claramente as aspirações e disputas em torno do uso e da apropriação do solo. Nelas, minimizar-se-ia o furor construcional vigente se estabelecida fosse uma proporcionalidade mais sadia à relação área construída / área verde da edificação e de seu entorno. Índices de área verde maior passariam a ser tributados com menor taxação. A de lotes ocorreria em função da área verde neles inserida, bem cuidada e eventualmente, também, da largura de suas calçadas. Idem para edificações de maior porte.

Quanto da problemática belorizontina seria um subproduto não intencional do mau uso de certas tecnologias? O tom das queixas ao caótico trânsito, à qualidade e ao alto preço das moradias, à excessiva centralização de empregos e serviços ou ao cipoal das regras do IPTU teriam seus correspondentes reflexos na nossa (in) contida explosão demográfica e no inadequado das soluções impostas pelos dirigentes? Para alguns, a atuação conjunta de certas Imobiliárias e de determinados Urbanistas reforçaria a hipótese de que a memória de seus atuais moradores seria desrespeitada.

O discurso dos burocratas e o de muitos professores, além de afastados da prática necessária, costuma também impregnar-se de um certo mimetismo cultural. Imitamos os de fora: da música que sintonizamos, à vestimenta que usamos e às posturas políticas que assumimos. Há que se introduzir na gestão dos grandes conglomerados os princípios da sustentabilidade, defendidos pelos ecologistas[28] e [29]. Uma palavrinha sobre o labiríntico INSS/ GPS? Impossível ficar-se apenas nos diminutivos...

E as novidades com os de mais idade? Algo a dizer sobre este último retardado e retardatário assanhamento da (DES)CONTROLADORIA-GERAL DA UNIÃO – (D)CGU, insinuando irregularidades no nosso pagamento e tirando o sossego da gente? O Jornal da APUBH de 07/2015 alerta para a possibilidade de reduzir-se, ou mesmo obter-se algum retorno desse assalto. Não obstante, a providencial ajuda do setor jurídico de nossa entidade, da afiada retórica do Professor D. Francisco e da inestimável mensagem joco-pacificadora do Professor Elias, questionamos a inevitabilidade(?) de tanta necessidade aborrecida. Mineiramente, desconfiemos desses novidadeiros a nos fazerem sentir atônitos passageiros de um trem desgovernado. Independentemente dessa ou daquela oportunística interpretação, La Nave Va, prá onde, José?

PS.: A essa altura, aposentados teremos de aprender e exibir novos padrões comportamentais, para enfrentar a sanha arrecadatória do Sistema? Haja neuroplasticidade para tanto! Eventuais restrições calóricas poderiam tanto estimular a memória, quanto regular humores e ansiedade. Excessos alimentares e de lazeres costumam associarem-se a mau funcionamento cerebral! Comer menos e andar mais aumenta a longevidade... em ratos... Em gente, não é diferente. Há que correr e fechar a boca para adiar o toque-toque da indesejada à

27 RIGUEIRA, Jr. Cidades à venda. Bol. UFMG. 1874, 2014.

28 MAGALHÃES, S. Em se plantando, dá. Ciência Hoje.312, 2014

29 PINHEIRO, C. Descolonização do pensamento. Ciência Hoje. 312, 2014.

nossa porta.

Vaticínio (maldoso?) de um senhor de bengala e barbas brancas... Dirigentes de hoje, vocês vão... Ou mais educadamente, serão os aposentados de amanhã...! Melhor sentir-se à sela do cavalinho, que abre este capítulo? A maioria de nós poderia responder que trilhou um bom caminho, apesar de alguns desacertos políticos e de pretensões, não menos nobres, de querer tomar o céu de assalto?

8.12. Alguma saída? A um certo tom amargo, perpassante ao longo deste texto poder-se-ia contrapor algum aceno esperançoso? Por que além de batalhar-se por Planos de Carreira mais atrativos para todos os níveis, não se priorizar também cidades de pequeno porte (menos de 30 mil habitantes?), proporcionando-lhes melhores oportunidades de:

a) Financiamento para construção ou reforma de casa própria;
b) Redução relativa de impostos públicos e de juros bancários;
c) Melhor assistência médico-hospitalar ;
d) Adoção da proporcionalidade sugerida no parágrafo seguinte deste item;
e) Além de passagens de vinda dos grandes centros, 20% (?) mais baratas do que as de volta.

No relativo ao valor do Salário Básico do Professor que lecione em cidade deste porte, garantir um remuneratório equivalente ao do Professor do mesmo nível da Capital do Estado, acrescido de:

a) 20% (?), se lecionar para alunos de escolas de 1ºGrau;
b) 10% (?), se o fizer numa escola de 2º Grau;
c) 10% (?), de auxílio moradia.

A adoção dessas medidas, além de uma desmigração voluntária dos grandes centros para os de pequeno porte, aliviaria, entre outros, o êxodo rural e a favelização das megálopes, com todas as suas sequelas conhecidas – o afastamento dos de mais baixa-renda para longínquas periferias ou para comunidades centrais desprovidas de serviço público, seria exemplo delas. Que falar da insatisfação generalizada no tocante à qualidade dos serviços público, do transporte urbano, do controle da inflação, das propostas eleitoreiras não assumidas, das maracutaias de empreiteiras e...? Teriam o nosso expert em Reconstrução de Direitos e Vantagens, o Prof. Elias A. Jorge e o parasitologista e ex-ICBiano, Prof. David P. Neves algo a dizer sobre a implementabilidade dessa proposta? Reação de um anônimo parcialmente discordante com o nela sugerido:

> Trata-se de ingênua e antidemocrática terapêutica incapaz de frear o atual elan migratório para os grandes centros... Há evidências de que o desenvolvimento agrícola, em larga escala, tenha sido precedido pela formação de aglomerações urbanas de maior porte e não o contrário. As primeiras cidades seriam produto antes da atividade de caçadores-coletores e comerciantes igualitários...
> E não de fazendeiros centralizadores. De qualquer forma, repensar melhor o presente nos ajudará a propor futuros mais condizentes... Uma outra forma de sonhar o presente talvez seja mesmo necessária.

Reconhecemos o simplório dessa proposta – a atual crescente migração dos pobres para as metrópoles, em busca de melhores condições salariais e/ou

habitacionais, poderia ser minimizada, houvesse maior investimento público na oferta de educação e moradia de qualidade para todos. Conformar-mo-nos com apenas limitadas e singelas medidas, como as aqui propostas? Nas alturas do pré e pós 64, fração substancial dos Movimentos Estudantil e Docente propunha a inversão de sentido do desordenado êxodo rural, responsável pela crescente favelização das cidades de médio e grande porte. Muitos jovens anárquica e melodicamente então politonavam:

> ...Eu quero uma casa no campo
> Do tamanho ideal pau-a-pique e sapê
> Onde eu possa plantar meus amigos
> Meus discos e livros e nada mais... (Zé Rodrix)

8.13. Algumas passagens do presente texto (e também das referências 22, 23 e 24) foram consideradas defasadas contrafações da modernidade. Na verdade, intervenções em megacidades como Nova York (a da High Life), Paris (a do Louvre), Londres (a do Hyde Park), Roma (a do Coliseu), Bilbau (a do Museu Guggenheim), entre outras, propiciaram, com criatividade e sucesso, benefícios e beleza a seus atuais usuários.

Em BH, os circuitos da Praça da Liberdade, do Parque Municipal, do Mercado Central e da Orla da Pampulha, além de outros, com sua multiplicidade de facetas estão a insinuar um leque de intervenções para (re)construirmos, não só lazeres, mas também afazeres, compensando-nos de isolamentos e fragilidades, próprios de condições mais primevas.

> Os espaços criativos educam-nos e nos estimulam a buscar viveres mais ricos, mais sadios e mais democráticos. Sendo socialmente produzidos, eles nos afetariam individual e coletivamente...
> Em determinados contextos, as geografias urbanas induziriam, com maior ou menor intensidade, forças geradoras do desenvolvimento econômico, da inovação e da criatividade cultural, podendo eliciar outras maneiras de ver e de estar no mundo[30].

Áreas públicas, como as acima citadas, estariam sendo crescentemente utilizadas também para mostrar insatisfação a certas praxis dos executivos... Como se Praças e Ruas fossem mesmo do povo, como o céu é do condor?

O fenótipo das atuais manifestações até se assemelha ao do das Diretas Já, com o Povo nas ruas e o Governo acuado. Discutível a legitimidade dessas marchas cívicas. Algum risco delas caírem em mãos de reacionários oportunistas? Diferenciar-se-iam as leituras desses agitos conforme a filiação do agitador: PT, PSDB, CUT, PSOL, MST...? Considerações sobre a necessidade de ouvir-se a voz das ruas já foram feitas apubiana e, mais afinadamente, por gente mais competente. Vide, por exemplo, D. Francisco[30], F. Massote e S. Starling, entre outros. Mesmo assim, alguns saudosistas e/ou inconformados estão voltando às ruas para pedir intervenção militar!! Esquecidos dos muitos males que esta nos causou e de que soluções negociadas deveriam ser privilegiadas em sociedades organizadas - Diretas Já! Ou Jaz? Tudo pede um pouco mais de calma, de alma, ou de paz? Com a

30 FRANCISCO, D. Protestos, passeios e passeatas. Caminhos, 30. 2013.

palavra, o Leitor.
O discutido aqui, em relação a ruas e praças, aplicar-se-ia também a Estádios Esportivos. Estes, a duvidosos preços reformados, passaram a ser preferencialmente frequentados por endinheirados aficionados do futebol e/ou de espetáculos musicais? Por outro lado, a tomada das Praças Sete, da Estação e da Liberdade pelas redes sociais, poderiam ser exemplo da advertência simbólica – ali era também território delas?

8.14. Sem as cidades, seríamos provavelmente mais pobres e com menores chances de ultrapassar o estágio de caçadores/coletores nômades, perfil de quase toda nossa história de H. Sapiens. As aglomerações humanas desempenharam papel fundamental no desenvolvimento de todas as nossas sociedades, catalisando-as para desenvolvimento econômico, inovação tecnológica e criatividade cultural. À urbanização, deveríamos o surgimento praticamente simultâneo da agricultura e da pecuária ocorridos há cerca de 6 mil anos. Relacionar-se-ia o mito do Jardim do Éden, simboliçamente, à mudança revolucionária do caçador nômade para o agricultor assentado na urbanidade?

Do Homem de Cro-magnon (cerca de 35 mil anos atrás) até o Homo sapiens atual, já experimentamos várias formas de habitar. Nestas, a arquitetura, o sistema viário e o estilo de vida mostraram-se constituintes essenciais, mas não suficientemente satisfatórios para o bem viver da maioria. É chegada a hora de se repensar ou sonhar outra cidade?

Para a transição do pequeno Arraial Del Rei à megálope BH contribuíram migrantes do interior mineiro, de outras unidades da Federação e mesmo estrangeiros. A elevada taxa de natalidade dessa trinca favoreceria o aumento da degradação ambiental com seus correlatos – altas taxas de desemprego e mortalidade infantil, de adolescentes fora da escola e da deterioração dos serviços públicos. Tais características, aliadas à preferência pelas megaedificações se agudizaram entre nós. Uma maior conscientização ambiental talvez minimizasse tal estado de coisas.

8.15. Abordagens mais sistematizadas do aqui, um tanto caoticamente ventilado, foram empreendidas, mais proficientemente por outros autores. Vide, por exemplo, Cosenza[31]. Membros do próprio Departamento de Biologia Geral, como Guimarães[32], Parentoni, R., Fonseca, C., Santos, F., Fernandes, G. e Coelho, R., entre outros, também já as fizeram. Relatos fundamentais sobre a formação do docente na UFMG, principalmente na área Biológica, são os de Diniz Pereira[33, 34 e 35]. Neles, o campo de pesquisas sobre formação de professores é visto como de lutas, interesses e relacionamentos de forças e poderes, sendo consequentemente dinâmico, movediço e inconstante... Vale a pena conferir, até porque em alguns momentos a escola e o aprendi-

---

31 CONSENZA, R.M. (Org). Memórias do ICB/UFMG. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

32 GUIMARÃES, R. Procuram-se ilusões. s/l: Ed. Pauliceia, 1994.

33 PEREIRA, J.E.D. Formação de professores- pesquisadores , representações e poder. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

34 DINIZ PEREIRA, J.E. O campo de pesquisa sobre formação de professores. In: Formação de professores (as) e condição docente / J.V.A. de Souza et al (orgs). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

35 DINIZ PEREIRA, J.E. A constituição do campo de Ciências Biológicas na UFMG – uma História Natural. In.: Universidade, cultura e conhecimento / A. Paiva e M. Soares (orgs.). Belo Horizonte: FAE/UFMG, 1998.

zado, parecem ter pouco a ver um com o outro ...
Texto didático merecedor de referência especial é o de Vaz & Faria[36], destinado a alunos dos Ciclos Básicos ligados à Biologia, faz uma originalíssima abordagem da Imunologia, em particular, e da Biologia, em geral: o modo de olhar e as conversações que guiam esse olhar, configuram o que se vê.

O envolvimento com a criação, renovação ou manutenção dos Currículos dos Ciclos Básicos parecia conferir, para alguns, status de afirmação social. Para outros, parte das propostas curriculares não passaria de foguetório intimidador ou de uma forma degradada de utopia. Para uns tantos, elas possibilitariam a construção de um mundo melhor, se não agora, num futuro próximo. As atuais passeatas, os twiters e facebooks pretenderão, de alguma maneira, ressuscitar polarizações do passado? " Esse turbilhão de opiniões e embates, mesmo disperso e por vezes superficial, é positivo", garante Rocha[37]. Outros veem, apesar de grande publicidade em contrário, a prevalência da defesa de interesses espúrios do conluio empresariado especulativo & gerência pública, catalizador do aumento do caos urbano, da imoralidade e dos maus costumes.

8.16. Parte substancial de nosso senso de certo e errado é produto de um milenar passado evolutivo. Conviver com a nova (des)ordem escolar é, porém, desafio relativamente recente. Se o discurso do darwinismo do sec. XIX questionou alguns paradigmas então vigentes, o que esperar de suas modernas versões de altruísmo recíproco e de seleção de parentesco, por exemplo, se incluídos nos currículos dos atuais Ciclos Básicos?
Uma possível resposta: a felicidade da maioria pode, em princípio, aumentar se nos tratarmos mutuamente bem. Se você se abstiver de roubar ou maltratar o seu próximo, ele também abster-se-á de lhe fazer o mesmo... Válido tanto para governantes e governados, quanto para professores e alunos? Deveríamos considerar o bem estar de todos tão importante, quanto nosso próprio bem estar?

Ao contrário daquele outro[38] que tendo tudo para contar, sempre quis esquecer, estamos aqui a convocá-los: jovens, com alguma imaginação e determinação, esperneai! Tentai consertar os estragos feitos pelos mais velhos! Resistai, porém, ao exagero das pressões de fragmentação, conscientizando-se dos possíveis riscos de trocar o mundo real pelo virtual! Necessário termos todos alguma esperança – sem os esperançosos não haverá futuro.

Uma advertência: no passado, alguns personagens que pregaram algo semelhante, acabaram pregados na cruz. Um deles dizia: fazei aos outros o que gostaríeis que vos fizessem e amai ao próximo como amais a vós mesmos...

8.17. Difícil olhar para o passado, sem cair na tentação de adoçá-lo. No tocante ao futuro, corre-se o risco de imaginá-lo um retrato domesticado do presente (como fazem os reacionários) ou o resultado do progresso inexorável (como ocorre com os revolucionários). Essas duas fatalistas visões não dão lugar para o sonho esperançoso. Deste, porém, poderemos nos aproximar se o moldarmos à luz do que for melhor para todos: "Não esquecer é re-

36 VAZ, N. & FARIA, A.M. Guia incompleto de imunobiologia. Belo Horizonte, COOPMED, 1993.

37 ROCHA, M. População dividida. Jornal O Tempo, BH, 16/01/2014.

38 TAVARES, F. Memórias do esquecimento. Porto Alegre: L&PM Editora, 2012.

sistir!" Schwarcz e Starling[39] indagam: "há que se exercitar uma nova gramática da cidadania, instituindo-se controles públicos, capazes de fiscalizar adequadamente a arrecadação, a gestão e aplicação dos recursos públicos?"

As expectativas deste texto transcendem as comumente presentes nas diferentes etapas da produção, edição e adoção de obras didáticas. Dele também seria a de rememorar satisfações ou remorsos por nos havermos comportado, como então fizemos? Poderíamos considerá-lo um disfarçado mergulho num passado de personagens distribuídos por dois grupos principais: o discente (com idade de 20 ± 2 anos) e o docente (com 30 ± 3 anos)? Ambos discretamente rememorando incontidas inquietações? Sem imiscuirmo-nos na identificação de heróis ou bandidos ou de eventuais troca de papéis no correr da trama, permissível concluir-se termos mais coisas para nos orgulhar do que para nos envergonhar? Ou, que o tom do texto refletiria o choque do crepúsculo de um século com o do alvorecer de outro? À jovialidade esperançosa dos Fundamentos contrapor-se-ia à ranzinzisse e ao velado ceticismo deste quase amargo depoimento de agora? Indaga alguém, que pede anonimato e questiona o abuso das citações. Ler é recriar. A palavra final será dada pelo leitor.

8.18. Mineração de textos. Outro ilustre consultor, viu no presente relato virtudes justificadoras de sua publicação. Questionou, porém, a qualidade e a pertinência de algumas passagens do item 8, sugerindo eventual supressão delas. Cortes e alguma reelaboração poderiam eventualmente transmutá-lo num futuro outro artigo. Paralela e independentemente, um outro revisor encontrou nesse mesmo item 8, relevâncias justificadoras de sua transferência para o início do texto. Um terceiro, comparou-o a um tapete especial – montei nele e saí por aí, atrás de um mim de outros tempos... Comodismo ou reacionarismo, a ordem dos fatores não afetando o produto final, conservadoramente mantivêmo-lo quase sem alteração. No fundo, com a sofrida desconfiança dele, o texto, estar mais para um pesado Arqueoptérix (primitiva ave do Jurássico) do que para um moderno beija-flor.

As alegações de que o significado de um texto seria dado essencialmente pelo leitor, tornariam necessárias umas palavrinhas sobre o impacto das novas tecnologias no dia a dia da sala de aula, inclusive sobre a utilização de obras didáticas tradicionais? Desejável que Professores dos Ciclos Básicos dominassem melhor as diferentes configurações com que se apresentam os conteúdos da disciplina sob sua responsabilidade. Em algumas áreas, a intimidade com as novas tecnologias de comunicação mostra-se mais apurada entre jovens estudantes do que entre seus venerandos mestres... O domínio mais igualitário dos suportes, por ambas as partes, propiciaria consultas mais ecléticas e, eventualmente, potencializaria aos seus usuários posturas mais cidadãs. Algo similar ocorrido no ICB passar-se-ia nos outros Institutos Centrais da UFMG? Uma questão para eventual pós-graduando destrinchar num trabalho escolar?

Recentemente, maio de 2015, cento e setenta e cinco Alunos de Graduação à Distância da UFMG, participaram presencialmente de Cerimônia de Colação de Grau em BH. Oriundos das áreas de Ciências Biológicas, Geografia, Matemática e Pedagogia, eram moradores de 11 diferentes cidades de Minas Gerais. Parabéns e... muito or-

39 SCHWARCZ, L.M, STARLING, H.M. Brasil uma biografia. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

gulho e inveja de vocês!! Mais detalhes no Boletim UFMG, 1904, 2015.
A perícia em navegar pelo mundo digital poderia afetar qualitativa e quantitativamente o aprendizado de certos conteúdos? Ferramentas eletrônicas, capazes, entre outras virtudes, de assinalar os conceitos mais relevantes de um texto, mostrando seus graus de importância e interação, já estão no mercado. Uma delas a Sobek, está acessível no site sobek.ufrgs.br.

Ao mergulharmos de cabeça nesse Internetic Brave New World, não estaríamos, de alguma maneira, fechando portas à fruição de delicadas nuances, ainda resistentes à fria lógica dos computadores? Analphabitic freshness!!! - diagnostica um hacker aqui ao lado, sugerindo como um heater tool uma corrida a la Ferrari[40]. Lá verificaria que, com a ajuda de corriqueiras ferramentas digitais, poderia garimpar automaticamente os conceitos principais de um texto, sem a aborrecida necessidade de lê-lo. Os estudantes dos anos 60/70 seriam os professores dos anos 80/90. Valeria a pena comparar em que diferiria a relação professor/aluno nesses dois momentos?

Incorporar ao texto comentários, às vezes discordantes entre si, talvez tenha o mérito de melhorar sua aceitabilidade e mesmo de aliviar aflições decorrentes de pequenos(?) contratempos editoriais... Essencialmente produzido no final de 2013, ele foi alvo de uns tantos cortes e acréscimos posteriores. Inevitável, tentativas de reconstrução do passado não se sujeitarem a distorções, muitas do desagrado do leitor? O ora proposto estaria mais para um nostálgico passeio, onde cada um vai tirando suas próprias conclusões e eventualmente se emocionando.

8.19. Casas bem assombradas. Textos como este, em certo grau, ressuscitariam algo da antiga atmosfera de determinados locais: Rua Carangola, 288 e Edifício Acaica, 19º e 20º andares (Escola de Filosofia, Ciências e Letras); Rua Alfredo Balena, 190 (Escolas de Medicina e Enfermagem); Av. Olegário Maciel, 2360 (Escola de Farmácia); Rua J. Belo/R. César (Faculdade de Odontologia); Av. Amazonas, 7675 (Escola de Veterinária), entre outros, e também ajudariam a dar sentido ao atual ecletismo do Campus da Pampulha.

> Ah! Essas casas... Breve vão demoli-las...
> .....
> .....
> Mas minha sala vai ficar,
> Não como forma imperfeita
> Neste mundo de aparências:
> Vai ficar na eternidade
> Com seus livros, com seus quadros
> Intacta, suspensa no ar!
> (Obrigado, M. Bandeira)

Há de cuidar-se para que a organização e o gerenciamento dos Ciclos Básicos Universitários não venham conflitar-se com princípios libertários. Ao democratizarem-se neles, tanto as situações de ensino & aprendizagem, quanto as de gerenciamento administrativo, estaríamos, de alguma maneira, também contribuindo para sobrevivência do Planeta, inclusive a nossa! Exagero?

8.20. Depoimento recente de um sobrevivente dos tempos históricos da introdução dos Ciclos Básicos na UFMG: "Saímos da alegria para a tristeza, driblando o ressentimento de não termos alcançado, nem a Universidade, nem a Copa de nosso sonhos." Em ambas situações, é como se tivéssemos so-

40 FERRARI, M. Compreensão conceitual. Pesquisa FAPESP. 229, 2015.

frido a derrota ou falência de uma utopia. Há que se confiar e desejar que Ciclos Básicos (e Copas também – 7 x 1 foi demais!) venham ser amanhã o que poderiam ter sido ontem, não fossem tantas as vicissitudes por que passaram. À maneira de Faria Filho[41], seria válido dizer-se que os turistas estrangeiros teriam curtido o que viram por aqui, dentro e fora da Copa. Nós, tupiniquins, porém, continuaremos perdendo de goleada em diferentes campos, inclusive nos da educação, se insistirmos em nos portarmos como fizemos até agora.

No mesmo tom, vide o instigante texto de Sousa[42]. Nele a partida darwinismo x criacionismo mostra, até agora, placar favorável aos darwinistas. Estes têm entre seus quadros Biologia Molecular e Tecnologia da Informação, contrapondo-se a Mão de Deus e Designo Inteligente do outro time. Curiosamente, foi o talento para investigação científica que levou Darwin a trocar de time, passando do mais reacionário da medicina do seu tempo, para os mais engajados da Geologia e da Botânica.

Nos 40 e tantos empreendimentos maiores, relacionados à Copa/2014, que tiveram obras iniciadas, apenas 4 ou 5, ficaram prontas até os meados de 2014. Responsabilizados por tal desempenho: Órgãos Governamentais, da Oposição, do Empresariado e até Sindicais. Os mesmos de sempre? O último a sair, apague a luz – se ainda houver energia...

Muitos dos que participaram da criação e/ou implantação dos Ciclos Básicos na UFMG veem-nas como das mais belas e generosas aventuras de suas vidas. Foram tempos de esperanças que se almejam sejam retomadas, pelas novas gerações. Valores, aspirações, práticas sociais e disputas pela apropriação de espaços nas cidades e instituições poderiam dar significado à nossa existência. Talvez inconscientemente sonhássemos com Ciclos Básicos mais carnavalescos, onde a alegria e o respeito mútuo fossem a prova dos nove... e onde também fluíssem mais eficientemente a divulgação e a fomentação da Ciência e da Tecnologia. Se o presente texto eliciar a um eventual leitor oportunas reflexões do que fazer aqui e agora, ou num futuro próximo, o autor e Caminhos considerar-se-ão possuídos do sentimento do dever cumprido.

9. Curiosidades

9.1. Mendel fez duas tentativas para se credenciar como professor – fracassou em ambas. Passou o resto da vida como Professor Substituto. Veredito de um dos examinadores do 1º exame: "O resultado desta prova não nos permite considerá-lo competente para ensinar mesmo numa escola primária... Se puder realizar estudos mais abrangentes e tiver acesso a melhores fontes de informação, poderá corrigir suas deficiências".

Coisas da vida – Em 1900, Tschermark, um dos redescobridores e divulgadores do trabalho de Mendel, era neto de um dos professores que o reprovaram no 2º exame. Para maiores detalhes sobre Mendel, veja entre outros, Henig[43].

41 FARIA FILHO, L.M. A Universidade e a formação de professores: uma discussão necessária. In: Formação de professores(as) e condição docente / J.V.A. de Souza et al (orgs.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

42 SOUSA, S. A goleada de Darwin: sobre o debate Criacionismo/Darwinismo. Rio de Janeiro: Record, 2009.

43 HENIG, R.M. O monge no jardim. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

Com Darwin, ocorreu algo similar. As pressões paternas para levá-lo a estudar Medicina foram inúteis – detestava as aulas teóricas, achava-as monótonas e as prática, aterradoras. Ao final do segundo ano, desistiu de vez, passando a frequentar o ambiente dos naturalistas (zoólogos, botânicos, geólogos...), que lhe ensinariam alguns truques, como por exemplo, dissecar criaturas marinhas sob um microscópio e classificar tipos de rochas. Ou mesmo, facilitar-lhe a obtenção de um grau em Teologia para agradar seu pai.

Matriculado em Curso equivalente ao nosso de História Natural, teve desempenho considerado precário em várias disciplinas, mas brilhante em outras. Nas suas memórias considerou viagens e excurções, os acontecimentos mais importantes de sua vida. Destaque para a do Beagle, onde estivera na condição de voluntário, sem receber pagamento algum... Seu pai aprovaria esta última, se ele lhe trouxesse alguém, de mente sã, concordante com tal despautério. Frente a este desafio, Darwin viajou no dia seguinte para Maer, onde se realizaria a abertura da estação de caça a perdizes. De lá, trouxe consigo o compreensivo tio Josiah... Este o ajudaria a convencer o pai ser aquela viagem uma chance irrecusável para alguém com os talentos do sobrinho. Achar-se-ão hoje pais, tios, sobrinhos e professores como esses de antigamente? Mais detalhes no suscinto Leite[44].

9.2. Confiabilidade das Memórias.

Não cabe aqui discutir se e quanto da credibilidade da memória possa ser afetada pela via de divulgação (Computador, TV, Rádio, Livro ou Revista convencional). Importa mesmo é compartilhá-las, preparando-nos, assim, para lidar melhor com a diversidade e/ou eventualmente com a adversidade... Bem administrar curvas de reminiscência ou de esquecimento estaria altamente correlacionado à perícia de utilizar dicas evocativas (cartas, gravações, diálogos e textos didáticos, entre outros). Para aquisição dessas habilidades, formalmente quase nada se faz nos Ciclos Básicos. Pesquisas comprovaram sermos relativamente melhores, tanto em seletivamente nos esquecer de nossos fracassos, quanto de nos lembrar de nossos sucessos. - Ah, a seletividade das memórias... As mentiras que gostaríamos esquecer, porque acreditamos nelas um dia!

9.3. Perguntas (dis)pensáveis? Numa cidade, de que modos os fatores dos binômios: espaço x tempo, história x geografia e sucessão x simultaneidade interagiriam para constituir a vida das pessoas? Funcionaria o espaço simultaneamente como força modeladora da vida e/ou como sub-produto das relações sociais?

> Numa megálope, minuciosa observação de seus transeuntes, permitiria suspeitar-se ser ela uma Babel – o lugar da confusão, do desentendimento e da quase (im)possibilidade de pessoas se comunicarem?

Poderiam os textos das grandes cidades serem lidos como se estivessem escritos no traçado de suas ruas? A maior ou menor compreensibilidade destas só se construiria, porém, mediante a produção de significados por parte daqueles que nelas transitassem... Acompanhar os passos de um andante pelas ruas seria imprescindível para se conceber a noção de espaço urbano? Essa noção somente se construirá, se levar-se em conta o deslocamento dos passantes na sua

44 LEITE, M. Darwin/Marcelo Leite. São Paulo, Publifolha, 2009.

interação com o espaço físico? Este, unicamente, pre-determinará seu uso social ou, unicamente, o uso social o predeterminará? Para a leitura do texto da cidade, é preciso considerar a relação entre espaço e uso social como uma determinação recíproca... O ato de andar pode constituir-se numa leitura e/ou numa escrita do território, numa forma de enunciação... A enunciação pedestre. Confuso?

10. PS.s pretensiosamente esclarecedores

10.1. As considerações do subitem 9.3 foram substancialmente inspiradas (ou aspiradas?) em Brandão[45] e [46]. Não houve, ao longo de todo texto, qualquer pretensão de se fazer revisão bibliográfica exaustiva da matéria abordada. Caberia aqui a dica: Se você não estiver em dúvida acerca da maioria das questões aqui abordadas, correrá o risco de ser considerado mal-informado...

Professores e alunos talvez não suspeitassem que um subproduto dos GDs e EOs poderia extrapolar a mera apropriação de alguns conceitos básicos de Genética & Evolução. Subversivamente, qualquer que fossem suas opções acadêmica, sexual, racial ou religiosa, ambos, GDs e EOs poderiam propiciar uma leitura mais ampla da vida e do mundo... Fosse hoje, talvez neles indagássemos por que mais viadutos e não mais Escolas? A que preço e qualidade? Estariam estes privilegiando alguns já preferencialmente contemplados em outras instâncias? Algo, além da força da gravidade, os fariam cair? Persistiriam crime e/ou omissão por parte do binômio Prefeitura x certas empresas? Para um relato mais suscinto de como isso ocorreria, vide Rocha[47]. No mesmo tom, R. Andrés[48] e [49], arquiteto – urbanista e professor da UFMG, condena a cobertura de rios e córregos, o corte de árvores, o excesso de asfaltamentos, o diabólico trânsito e a proliferação de viadutos. Um deles caiu recentemente, não fazendo qualquer falta... Inclusive a dos ensurdecedores decibéis... Teria a BHTrans se transformado num braço institucional dos empresários e do Sindicato Automobilístico?

Diferenciar-se-ia a UFMG dos tristes descaminhos da cidade, ao seu redor? Viraram seus espaços livres depósitos de carros? Que foi, ou está sendo feito, dos córregos que passavam por ela ou nas suas imediações? E o tratamento dado ao seu lixo e à comunicação dentre e entre suas diferentes unidades? A elegeríamos modelo em que BH buscasse se espelhar, caso processássemos uma ampla revisão de seu Plano Diretor de Posturas? Por que não sermos de fato uma Cidade Universitária, onde a habitabilidade da maioria de seus edifícios de médio ou grande porte conflitasse menos com o respeito a sadias exigências ambientais? Problemas de ventilação e insolação, por exemplo, quando minimizados, os são com o emprego abusivo de artefatos de alto custo energético? Discutível é o traçado de suas ruas e praças? Fazer corresponder harmonicamente os valores do trio arquitetura x clima x cidade é desafio maior para nossos planejadores. Justificável deixarmos nossa política urbana a serviço ou sob

45 BRANDÃO, L.A. Grafias da identidade. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina Editora/Fale(UFMG), 2006.

46 BRANDÃO, L.A. Um homem livre, uma cidade feliz. In: Revista UFMG, v.20, n.1, 2013.

47 ROCHA, M. Omissão em série. Jornal O Tempo, BH, 07/05/2015.

48 ANDRÉS, R. Viadutos e "parklets". Jornal O Tempo, BH, 10/05/2015.

49 ANDRÉS, R. Cidade Universitária. Bol. UFMG, 1904, 2015.

o controle de inocentes empresários?

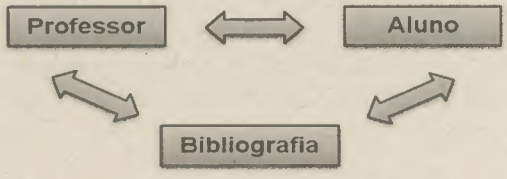
Com o advento da digitalização, escantearam-se os GDs e EOs do passado? Agora, são celulares, tablets e notebooks os novos balizadores da conectividade e da interactividade na sala de aula, a exigirem dos professores novas perfomances nesse brave new world, em que alunos tornam-se mais atores que espectadores, diferentemente do que ocorria antes?

10.2. Há narrativas e narrativas. A deste texto seria exemplo de como fazê-las atabalhoadamente e com precária objetividade. No caso dos corpos docentes, discentes e administrativos duma Universidade, como reflexo de suas múltiplas faces, qual seria a consistência das estórias por eles produzidas? Ajudariam elas a dar melhor sentido às atividades acadêmicas e mesmo às vidas privadas de cada um de seus personagens? A ocorrência de um processo de formação profissional mais eficaz numa Universidade, condicionar-se-ia a existência paralela do trinômio professor x aluno x infraestrutura, interagindo em níveis mais condizentes do que os ora encontrados em nossas escolas? Como uma Universidade com corpos docentes, discentes e administrativos, multifacetados, conseguiria dar consistência às estórias por eles produzidas? Qual o papel de Caminhos nesse mister? Estará ele sendo desempenhando a contento?

Oportuno ressaltar aqui o Programa Interconexão Brasil, patrocinado pela APUBH, produzido e apresentado pelo Prof. D. Giroletti? Numa de suas últimas edições, ao entrevistar o Prof. J.L. Borges Horta, tratou da temática Crise & reforma política, questionando por que os partidos não se diferenciam substancialmente um dos outros. Estariam todos, são tantos(!!), obnubilados pelo canto da sereia neoliberal? Seria hora de discutir-se mais aprofundadamente saídas de maior consistência, ao invés de ficar-se ecoando blá-blá-blás, reforçadores de falsas produtividades? Nossos quadros, os temos de boa qualidade, precisariam refletir e propor soluções mais pertinentes para a crise global em que nos deixamos mergulhar?

10.3. O sucesso dos textos didáticos. Não depende apenas de quem os escreve, depende também de quem os publica ou divulga. Sendo eles veículos de comunicação, sua concretização final dar-se-á, porém, essencialmente, no momento de sua leitura. Esta, para se concretizar, exige toda uma complexa engrenagem acionada por múltiplas chaves: estratégias de adoção e utilização, preparo de mediadores, contextos sócio-culturais favoráveis, etc, etc. Sozinhos, mesmo com a facilidade de acesso (empréstimos, doações, bibliotecas públicas, feiras de livros, etc) dificilmente eliciarão satisfatoriamente o milagre da leitura e da aprendizagem.

10.4. Evolução biológica e cultural. A aprendizagem social, obtida na Universidade nas aulas teóricas e práticas ou nos grupos de discussão, favoreceria seus adquirentes frente à seleção natural? Atuando em períodos curtos, essa forma de aprendizagem poderia disseminar-se mais rapidamente numa população do que características como tamanho do corpo e cor da pele? Enquanto essas duas últimas se realizam de maneira vertical (genitor prole), a cultural se dá essencialmente de maneira circular (entre pessoas da mesma geração), obliquamente (professor aluno) ou outras modalidades, nem todas claramente contempladas no esquema abaixo.



Dominar as temáticas propostas nas aulas teórico/práticas ou nos grupos de discussão da Disciplina Genética & Evolução poderia afetar o valor adaptativo biológico dos envolvidos nessa atividade, levando-os a aceitar melhor:

a) Sermos todos membros da mesma família humana, produtos da genética e do acaso?
b) Ser pertinente, discutir quanto do fenótipo posição política tem de genético ou ambiental?
c) Ser necessário, agora, ações políticas mais efetivas em favor dos excluídos e discriminados do mundo atual?
A capacidade de falar ou pensar também é resultante da seleção natural, agindo durante milhões de anos. Compreender esse processo nos ajudaria a reconhecer não só nosso papel, mas também o dos demais seres, nessa viagem conjunta através dos tempos. Salzano[50] discute duas visões contrastantes sobre o nosso futuro: uma pessimista e outra otimista. Se prevalecer o atual modelo político/econômico, fortalecer-se-á a visão pessimista. Para alcançar-se condições próprias de uma visão otimista, não basta apenas Ciências, é necessário também ação política vigorosa em favor dos excluídos e dos discriminados do mundo atual.

Uma maneira de melhorar-se as condições de ensino/aprendizagem é investir na qualificação de professores. Fazê-lo ou criar condições para que outros a façam é também responsabilidade do Estado. Da qualidade desse investimento dependerá a dos profissionais que teremos no futuro.

10.5. Desculpe-nos o leitor, por remetê-lo a matusalênico Carvalho[2], p.552-3 e rodapé:

Admite-se que muitas das diferenças físicas e psicológicas entre homens e mulheres tenham raízes biológicas. Pela ação da cultura, essas diferenças podem ser ampliadas (dominação masculina) ou reduzidas (moda unisex). Uma nova cultura está se formando a nossa volta. Estão aí os computadores, os vídeo-clipes, as novas atitudes com relação ao trabalho, ao sexo, à educação, ao lazer e à autoridade.

À pontualidade, à obediência a um comando central, à resignação a uma vida rotineira, ao trabalho repetitivo, à disciplina – valores do presente – poderão ser contrapostos a flexibilidade, a curiosidade, a participação nas decisões, a capacidade de manter a cabeça fria no meio da desordem e da ambiguidade, a responsabilidade social, o ecletismo, a criatividade e a generosidade. O eterno conflito entre o amor à liberdade e o desejo de ordem está, como nunca, na ordem do dia. Para onde penderá a balança? Que soluções de compromisso no mundo dos valores e do pensamento estarão mais de acordo com a variabilidade genética da espécie humana? Como construir uma sociedade viável, que permita a pessoas diferentes terem direitos iguais de ser o que são, diferentes? A resposta a essas questões depende de nós. Somos, queiramos ou não, partícipes do processo. Cúmplices ou críticos dele. É o nosso destino.

Como uma das últimas atividades

50 SALZANO, F.M. Genômica e evolução: moléculas, organismos e sociedade. São Paulo: Oficina de Textos, 2012.

semestrais da disciplina Genética & Evolução, em duas oportunidades reservou-se espaço para discutir-se o texto acima. Pouquíssimos alunos fizeram a leitura prévia solicitada. Uma fração executou-a parcialmente no decorrer da aula e outra, nem isso. Mesmo assim, ocorreu alguma discussão frequentemente dispersiva, porém, às vezes, calorosa.

Curiosidade. Um flash incomum: um estudante, alegando motivos de força maior, propôs trocar sua presença e eventual nota a ser-lhe atribuída nessa atividade pelo aceite de um cartão de justificativas. Negócio fechado. Com pequenos cortes o transcrevemos:

> ... Darwinamente, poderíamos concluir estarmos geneticamente relacionados a nossos irmãos e demais parentes, assim como a todos os membros de nossa espécie e de outras afins. De fato, em maior ou menor grau, somos aparentados às diferentes formas de vida, presentes ou passadas do planeta. Juntos somos todos, como intuiu Darwin, uma só árvore, da copa às raízes... Surpreendi-me quando numa das primeiras aulas desta disciplina o Professor indagou: - "alguma dupla de gêmeos monozigóticos nesta sala?... Não?... Então, somos todos aqui diferentes. Uma das perspectivas desta disciplina é ajudar-nos a reconhecer, não só esse determinismo biológico, mas também o cultural: diferentes, mas com direitos iguais de sermos o que somos: diferentes."

Ausência justificada, mostrou haver consultado a bibliografia recomendada.

Em outro momento, centramos o debate na questão:

> Decifra-me ou devora-me: Dados de uma população mostram que uma criança de determinada cor de pele tem 70% mais chance de ser pobre do que rica. Nessa mesma população, uma criança de 7 a 14 anos tem aproximadamente 30% mais chance de estar fora da Escola do que a de outra coloração. Discuta:
>
> a) Esses dados permitiriam suspeitar da existência e discriminação racial nessa população?
> b) Em se tratando do Brasil, haveria algo semelhante ocorrendo?
> c) Contra qual coloração da pele ocorreria a discriminação entre nós?
> d) Que medidas você sugeriria para alterar tal situação?

O desempenho dos alunos frente a esta questão, pareceu ligeiramente melhor do que o ocorrido diante da anterior.

10.6. Muitos estudantes (e alguns professores também!) acham desnecessário ler livros. Tudo neles escrito já está na internet... e melhormente destrinchado. Atender ao marketing das Editoras e dos Autores é contribuir para a já preocupante poluição gráfica do planeta! We don't love Lucy literature! Contraposição de um booklover - a leitura de um bom livro, feita em profundidade, talvez ensine mais do que múltiplas beliscadas de fascinantes ideias mal garimpadas... Com quem ficamos? Alguns bilíngues estão conseguindo harmonizar as duas tendências. Deles poderá vir a inspiração

possibilitadora da construção de uma sociedade baseada no pensamento e na ação compartilhados?

O peso relativo dos componentes técnicos e políticos na vida universitária variou no decorrer das décadas de 60 a 90, refletindo na qualidade e vigor dos grupos de discussão. Atritos e divergências de amplitude variadas, então ocorridos, minimizaram-se graças, em parte, ao mineiro jogo de cintura de dirigentes e dirigidos. Um exemplo: os estímulos dados aos incipientes setores da Genética, Evolução e Ecologia do Departamento de Biologia Geral do ICB permitiram-lhe desempenhar gradual e mais efetivamente suas atuais demandas. Algo similar ocorreria na maioria dos setores da UFMG. Não cabe aqui ressuscitar a querela Ciclos Básicos x Ciclos Profissionais. Estaríamos agora e antes, essencialmente preparando estudantes e profissionais mais competentes ou apenas uma outra variedade de alienados – essas sofridas, porém nem sempre infelizes criaturas, como alguns querem passar por ser? Discutível o valor do índice razão/emoção presente em várias passagens deste texto. Faz parte de nossa variabilidade expressarmo-nos diferentemente. Como mediadores culturais, nem sempre estamos conscientes do resultado de nossas intervenções.

Ao crescente acesso às várias modalidades de bolsas oferecidas, no último quartel do século passado, atrelar-se-ia uma menor participação cidadã, indicativa de indesejável cooptação política? O inato desejo de contato social, frequentemente está pouco contemplado na nossa organização curricular. Algo a fazer nesse sentido em prol da melhor qualificação dos Corpos Docente, Discente e Administrativo? Com altos e baixos, chegamos onde estamos, questionando nossa Ciência e nossa Cidadania. Um pouco mais de esforço bem aplicado e breve, encontraremos um jeito de tornar o brasil, Brasil ou, o Brazil, Brasil.[51]

Diniz Pereira[35] trata do relevante papel desempenhado pela Comissão que propôs a estrutura curricular a ser adotada pelo ICB e a criação de um novo Curso de Ciências Biológicas, em substituição ao antigo Curso de História Natural da FAFICH – Os biólogos naturalistas, oriundos do Departamento de Biologia Geral, deste último Curso, deveriam agora, acompanhados de 2 ou 3 ovelhas desgarradas do Setor de Genética & Bioestatística da Escola de Veterinária, migrar para a longínqua Pampulha. Lá, constituiriam o atual Departamento de Biologia Geral da UFMG. Com sotaque carangolês/gameleiriano, viríamos aumentar a polifonia do novo Campus. Estaria o inato desejo de contato social, por alguma razão, sendo inibido na nossa organização curricular? Diniz Pereira[33 e 34] levanta algumas questões sobre a temática formação de professores.

10.7. Disponibilizar-se, no Campus da Pampulha, espaços específicos, onde se pudesse empreender estudos de natureza ecológica – evolutiva, respeitadores de uma melhor conservação da natureza, era aspiração de apenas uns poucos ambientalistas, parcimoniosamente diluídos entre alunos do Curso de Ciências Biológicas e professores do ICB. Essa pretensão tomou vulto apenas a partir dos anos 1970, graças a pressões externas de grupos preservacionistas (Centro de Conservação da Natureza e Associação Mineira de Meio Ambiente, entre outros), ou internas, ocorridas mais destacadamente no reitorado do Prof. Cisalpino (1974-1978). A partir desse momento, gradualmente passamos a disponibili-

51 Jogo de palavras inspirado em: SCHWARCZ, L.M. & STARLING, H.M.39

zar espaços específicos, propiciadores da realização de estudos de natureza genético-evolutivos, relacionados a uma melhor conservação da natureza.

No Campus da Pampulha, essa preocupação mostrava-se tímida e quase que exclusivamente presente, entre uns poucos alunos do Curso de Ciências Biológicas e pouquíssimos professores do ICB. Foi graças a essa salutar união, em grande parte, catalizada pelo DA Biologia, que não se construíram na área da Estação Ecológica (EECO) os atuais prédios das Escolas de Odontologia e de Farmácia. Na oportunidade, novembro de 1990, o Prof. Tomaz H. Santos, então Diretor do ICB, solicitou à Reitoria um Estudo de Impacto Ambiental, antes de se efetivar o já praticamente decidido início das edificações. A conclusão deste foi que: "... a construção das Unidades Odontologia e Farmácia no local da EECO conflitar-se-ia com os objetivos desta última."[52]

10.8. Este texto começa com oportuna advertência: Caminheiro não há caminho... Alerta para alguns problemas de percurso, dá um curioso flash da vida de Mendel (item 9.1), relativiza a confiabilidade da memória (item 9.2) e, indeciso em como terminar, sugere, agora, ao leitor uma saída via múltipla escolha[53]:

a) Revisitar os locais da saga:

Era esta sala (Oh, se me lembro e quanto!) ...
... Uma ilusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade! (L. Guimarães Júnior)

b) Expressar alguma dubiedade:

...É tarde, me perdoa...
eu não sabia que a vida era tão boa...(C. Lyra)

c) Ser mais incisivo:

Sem lenço e sem documento...
me voy...
Por que não, por que não? (C. Veloso)

d) Ser mais profético:

As ruas falam coisas nunça antes proferidas...
Ou éramos incapazes de escutá-las? (A la M. Sampaio)

e) Postar-se mais professoralmente:

A palavra certa no momento certo pode abrir Caminhos (sem duplo sentido...) e portas, nas mais diferentes circunstâncias. Pode também fazer o contrário... e as ditas nas entrelinhas - às vezes mais importantes do que as expressas?

f) Suspeitar que, em Belo Horizonte, as metáforas estejam cada vez mais conforme a realidade:

Caía a tarde feito um viaduto...
(J. Bosco & A. Blanc)

g) Talvez, o melhor mesmo seria, na falta de mel melhor, que dê sabor à leitura, degustar o recém-lançado Giffoni[54].

52 DAL PONTE, K.R. De bota-fora à Estação Ecológica da UFMG. In: STARLING, H.M, DUARTE, R.H.[39]

53 Alguma fixação em letras do musicário popular? Revelarão elas melhor o que não tem medida nem nunca terá, na busca do que se pode ou do que nunca será?

54 GIFFONI, L.A. O acaso abre portas. Belo Horizonte: MG-Abacate, 2014.

9.9. Sinal vermelho I. Altas frequências de notas baixas, inclusive de zeros, na Avaliação do ENEM/2014, relevantam questões, entre outras:

a. Precisaríamos repensar nossa Educação Básica no tocante à qualidade do material didático e dos estímulos oferecidos aos alunos nos diferentes níveis?
b. Deveríamos, nos Ciclos Básicos, disponibilizar bibliografias e procedimentos didáticos mais pertinentes? Os em uso no momento, frequentemente sem a percepção dos usuários, estariam carregados de discutíveis intencionalidades, às vezes não verbalizadas?
c. Como preparar mais eficientemente futuros professores/pesquisadores capazes de atuar em locais e condições as mais diversas?
d. Alguma responsabilidade dos Ciclos Básicos pelas preocupantes estatísticas do ENEM? A aceitação de baixíssimas notas na seleção de candidatos não poderia afetar a qualidade destes Ciclos?
e. A qualidade do processo pedagógico, em determinada disciplina, dependerá da motivação e do preparo da equipe encarregada de ministrá-la, do material instrucional disponível, do empenho do estudante?... e de que mais?
f. Cerqueira[55] discute a existência de achatamento salarial na área da Educação.

10.10. Um sofrido leitor comenta: "... tanta reticenciosidade e não se chegar a lugar algum... d'accord?" Resposta do autor: Yes!!!

Outro indaga: por que tão vasta divagação itemizada? Resposta: "Trata-se do espaço explicativo da linguagem – tem a ver com o que o autor faz ou fazia. Seria também um espaço explicativo da experiência do observador? Está claro?" Resposta inspirada em Outro Berto, o PoliBerto Maturana[56].

Um terceiro propõe troca de título do artigo para Disfonia de uma nota só ou Valsinha do albino lúcido. Retruco: - assim é, se lhe parece. Nem sempre o melhor da festa é contar ou ouvir o nela acontecido...

10.11. Deficits de memória observados em pessoas idosas são, em geral, menores e mais benignos naquelas com instrução superior e/ou com maior hábito de leitura. Você, chegado até aqui, poderá estar se perguntando – quase todo o dito agora, já não foi feito e melhormente em Carvalho & Guimarães[4] e Carvalho[57 e 58]?

Discutível a pretensão de avocarem-se situações ocorridas há mais de 40 anos, sem confrontá-las com bibliografia mais pertinente? Funcionariam elas como substitutas do ato real de ver, ouvir e sentir? Caberia indagar-se agora que fração de Professores, Alunos e Funcionários portavam-se, então, condizentemente com o que falávamos e sonhávamos? Perspectivas de mundos melhores poderão agora antever-se se nos propusermos novos Caminhos?

10.12. Sugestão ao Setor de Divulgação e Comunicação do ICB/UFMG. Motivar alguém de seus quadros, de preferência recém-aposentado ou em vias de, para fazer uma análise comparativa entre Machado et al[15] e o proposto no momento por Takahashi, R.H.C. & Caminhas, W.M., conforme

55 CERQUEIRA, B. A hora de pagar. In: Jornal o Tempo, 26/02/2015.

56 MATURANA, H. A ontologia da realidade. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

57 CARVALHO, H.C. Uma experiência de Ciclo Básico. Caminhos. 04, 1991.

58 CARVALHO, H.C. Antecedentes do Curso de Ciências Biológicas: o período pré-ICB. In: referência 30.

prometido em Ribeiro[59].

Sinal Verde. Elogiável o recente debate promovido pela Pró-Reitoria de Graduação da UFMG para discutir a estrutura do ensino a ser oferecido aos recém-classificados estudantes, cuja seleção parece estar significativamente marcada pela trinca ENEM-SISU-Política de Cotas. Detalhes em Ribeiro[59].

Sinal Vermelho II. Este texto já fora enviado ao Conselho Editorial de Caminhos quando tomamos conhecimento do Manifesto APUBH: democracia sim! Golpe não. Confirmamos aqui nossa concordância com seus dizeres. Relatos de como antigos professores atuaram no passado, eventualmente imprimiriam novas dinâmicas às relações de ensino/aprendizagem do presente?

10.13. Caminhos poderia constituir-se em porta voz de uma comunidade de destinos, dando mais consistência às histórias e estórias de seus autores e leitores. Imobiliárias e urbanistas, em geral, têm pouco respeito ou interesse na memória e sobrevida dos moradores dos bairros sobre os quais atuam? O memorialista lida com uma das mais difíceis operações mentais – aceitar o irreversível, o que se perdeu. Moura[60] aborda com propriedade aspectos dessa questão.

Existiria diferença fundamental entre vivência e sua descrição? Entre o eu vi e o me contaram? Entre o conhecimento direto e o mediado pela linguagem? Poderão cegos, congênitos ou não, ver com os olhos de outras pessoas? Sacks[61] já refletiu apropriadamente sobre esse assunto. Nossa Professora Magda Soares recomenda que se precisaria iluminar as questões antes de tentar resolvê-las. Assim procedendo, tornaríamo-nos mais aptos a resolver alguns de nossos graves problemas sociais? Caminhos poderia sair de seu mutismo, ajudando-nós a lutar contra tanta desigualdade desnecessária, espalhada por aí? Apenas sartreanamente, murmurar: - "o importante não é o que a Escola fez de seus estudantes, mas o que estes fazem do que fizeram deles?"

A questionável pertinência e qualidade deste texto justificar-se-ia contrapor-se comentários, depoimentos, reflexões críticas feitas por voluntários ou convidados, como sugere, via e-mail, o Prof. D. Giroletti? Algo sobre a pergunta – que gente seria a nossa? Cotejar-se, por exemplo, a saga dos Yanomamis amazônicos com a dos seus primos Craôs nordestinos? O que fizemos ontem justificaria nosso fazer de agora?

10.14. Ante ao tumultuado e deselegante espetáculo propiciado por presentes à Assembleia Geral da APUBH de 20/11/2015, seria um exercício pedagógico válido indagar-se:

a) poderiam os Ciclos Básicos, de alguma maneira, nos auxiliar a aceitar os outros como legítimos outros?
b) teriam os aguerridos debatedores daquela Assembleia passado por, ou mesmo, serem professores de Ciclos Básicos?
c) haveria no nosso DNA trechos determinadores de um destino nóbrega, sujeito a eventuais deleções silábicas[62]?

---

59 RIBEIRO, E.M. Graduação em perspectiva. Bol. UFMG, 1981,2015.

60 MOURA, M. Narrativas sensíveis sobre grupos fragilizados. In: Pesquisa FAPESP, 218, 2014.

61 SACKS, O. O olhar da mente. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

62 Deleção: perda de uma ou mais bases do DNA, capaz de produzir mutações de consequências (im)previsíveis...

d) quem sabe, ressuscitar um slogan em voga no final dos anos 60: Brasileiro – profissão esperança?

Observação: As bases genéticas do envelhecimento não estão ainda suficientemente bem esclarecidas – necessariamente não são as mesmas do envilecimento. Em algumas circunstâncias, o primeiro poderia ser moderadamente desacelerado com estilos de vidas especiais. Quanto ao segundo...

11. Agradecimentos

- Ao setor de Jornalismo da APUBH e do Promove pela concordância da publicação simultânea deste texto nas Revistas Caminhos e Pensar;
- Aos Professores Mauro G. de Carvalho, Edmar Chartone, M.A. Christófaro, Cleusa Fonseca, Domingos Giroletti, David P. Neves, Cristina Agostinho, L. Giffoni, Yeda Santana e Luís Fallieri pelas sugestões, nem sempre acatadas e leitura crítica duma versão anterior do texto;
- Aos digitadores Flávia e Gabriel C. Herlanin, virtuoses da conversão do calígrafo para o eletrônico;
- À Jornalista Simone Melo e ao Editor Gráfico Lucas Daian, por transmutarem desengonçada palhoça em mais tolerável abrigo;
- À Digital Fotos e Impressões pelo envio e recepção das mensagens geradoras deste texto;
- Ao eventual leitor, até aqui chegado, as desculpas pela inobservância do recomendado na última linha do item 4.3, confirmando-se nossa tradição de tagarelas compulsivos... Mas, se algum fôlego ainda lhe sobrar, um tanto mário-de-andrademente, ponto-finalizemos:

> Destas mal traçadas linhas,
> algo acatai.
> Principalmente, não vos esqueçais...
> De alunos e professores mais preparados e engajados,
> Muito hemos mister... Ai, que preguiça...!

À mineirice ciumenta, caberia um término com outro sotaque? Vá lá:

> De tudo fica sempre um pouco:
> Às vezes, um botão...
> Às vezes, um rato...
> Talvez um falso Carlito
> Perdido em Caminhos de pó e esperança...

Patriotada: choro por choro, melhor curtir o de nº 1, de Villa Lobos, preferencialmente executado pelo maranhense Turíbio Santos.

Reverências: aos pioneiros, especialmente aos da primeira onda migratória, e nesta, aos lotados no Departamento de Biologia Geral do ICB, que "em perigos e guerras esforçados", às vezes, "mais do que permitia a força humana" e que nesse Campus se firmaram, este artigo é dedicado.

Marta de Oliveira Pimentel



Enfermeira. Psicóloga. Doutora em Ciências - USP. Professora adjunta da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais.

O TRABALHO COMO ENIGMA: PRAZER-SOFRIMENTO

WORK AS AN ENIGMA: PLEASURE-SUFFERING

RESUMO

A proposta deste ensaio é apresentar a articulação do trabalho como ato de um sujeito portador de uma subjetividade e que por meio deste ato, ele opera e mobiliza sua subjetividade. Muitas são as abordagens possíveis das complexas relações que se estabelecem entre a organização do trabalho, as condições objetivas visíveis ou ocultas na qual o trabalho ocorre e o sujeito trabalhador. Privilegiamos aqui, o ângulo do impacto subjetivo e, mais especificamente, do sofrimento vivido pelo trabalhador, utilizando, para tanto, as contribuições da teoria da psicodinâmica do trabalho para análise das relações entre trabalho e subjetividade.Buscamos envidar esforços para sistematizar algumas concepções teóricas - metodológicas inseridas na psicodinâmica do trabalho. Intentamos também, mostrar exemplos de alguns estudos clínicos realizados nesta abordagem. Apostando que prazer e sofrimento são vivências subjetivas não tendo validade fora da ordem singular, consequentemente, todos os laços com os outros sujeitos singulares, se darão por meio de mediadores, tais como, a ordem simbólica, o construto social e os acordos construídos, ou seja, por elaborações e trabalhos realizados pelos próprios sujeitos inseridos em contextos e nisso, se introduz a possibilidade de trabalhos humanos criativos.

Palavras-chaves: Psicodinâmica do trabalho, organização de trabalho, trabalho e subjetividade, prazer-sofrimento, aspectos psicossociais, saúde do trabalhador.

INTRODUÇÃO – Vislumbre do enigma

O estudo do trabalho, no campo das ciências sociais e humanas, enquanto uma categoria de análise vem ocorrendo desde o século XIX em diversos ângulos e por diversos atores sociais. Esses estudos colocaram em evidência o trabalho como um dos pilares do processo de auto realização dos indivíduos e o meio pelo quais os mesmos se posicionam na rede social e dá vazão a parte de seus sonhos e desejos. Assim, o trabalho tem um destaque fundamental na construção e no reforço da identidade individual e coletiva.

Compreende-se que o trabalho é um elemento chave para integração social e sistêmica no mundo contemporâneo. Por ser exercido num contexto social, o trabalho sofre influências oriundas de diversas fontes, o que resulta numa ação recíproca entre o trabalhador e os meios utilizados para alcançar a produção.

O homem atua sobre a natureza eliminando barreiras e produzindo objetos que são idealizados em resposta a uma exigência de uma realidade concreta. Este movimento traz em si uma relação dialética entre o homem e a natureza que ao operar sobre a natureza e transformá-la, o homem muda a sua própria natureza.

Nessa perspectiva histórico-dialética, a consciência humana emerge como produto do trabalho e de relações sociais. Esta proposição elege o trabalho como categoria privilegiada para análise do real, advogando sua centralidade. Essa centralidade é entendida como o grau de importância que o trabalho tem na vida de uma pessoa em um determinado momento. A centralidade do trabalho é formada por um componente valorativo que mensura o valor atribuído a este, na vida dos sujeitos. E o outro componente é a centralidade relativa do trabalho, influenciada pelos ciclos vitais do sujeito, que mede a relação do trabalho com outros momentos importantes na sua vida.

A ênfase atribuída à centralidade do trabalho está nas possibilidades de conservar ou reencontrar a capacidade de integrar os indivíduos na vida coletiva por meio da regulação do trabalho.

As últimas décadas tentam descrever e explicar as dramáticas transformações que vêm ocorrendo na realidade do trabalho [1]. A forma como o trabalho vem sendo instituído e organizado tem gerado tensões e relações que se revelam distorcidas e pouco saudáveis aos próprios indivíduos envolvidos no ato de trabalhar Vários postos de trabalho foram extintos; profissões deixaram de ser necessárias e outras surgiram; a exigência de níveis de qualificação foi se tornando cada vez mais elevados na composição e perfil da força de trabalho, alguns vínculos empregatícios foram alterados, principalmente em virtude da flexibilização, ou seja, da terceirização e da contratação de autônomos e temporários. Sendo, esses alguns dos pontos por onde as tensões têm sido geradas. As explicações sobre essa realidade e a avaliação de suas implicações sociais, como seria de esperar, não alcançaram consensos, o que resultou em conclusões pautadas por divergências, polêmicas e controvérsias, com perspectivas pessimistas.

Dessa forma, a compreensão da identificação e quantificação das mudanças na estrutura ocupacional e nas relações de trabalho, possibilita uma alternativa que busca abrir espaço para apreender sua direção e ressaltar suas implicações sociais, diante das transformações na produção e no trabalho.

Entende-se que este quadro engendrou novas áreas e disciplinas no século XX, tais como, a sociologia, a medicina, a antropologia, a psicologia e disciplinas como, administração participativa e flexível, estudos da motivação no trabalho, ergonomia, saúde ocupacional, saúde do trabalhador,

saúde coletiva, psicopatologia do trabalho e outras, no intuito de buscar entender, apreender e se possível intervir nessas situações constrangedoras para os trabalhadores.

Para compreender este processo historicamente, faz-se necessário resgatar a disciplina de psicopatologia do trabalho, que começo uno final da década de 50, início da de 60. Considerando a tradição francesa sócio-psicológica do trabalho esta disciplina foi se consolidando em estudos sobre as relações entre determinadas maneiras de organizar o trabalho, suas condições e o conteúdo de trabalho com o adoecimento psíquico [2].

Influenciado por esta escola e suas concepções, é que o psicanalista Christophe Dejours buscou compreender o sofrimento psíquico no trabalho, porém nas suas investidas se deparou com o "estranho silêncio" ou um estado de "normalidade" onde acreditava encontrar afecções psicopatológicas [2:90].

Assim, essa nova e engenhosa invenção humana, a "normalidade" passa a ser o enigma central e é em torno dessa dinâmica que, Dejours elaborou a teoria da psicodinâmica do trabalho ou a análise psicodinâmica do trabalho. Essa teoria apresenta uma inserção clínica e, como foco, a questão do trabalhar considerando-se um contexto, e os recursos utilizados pelos trabalhadores para o enfrentamento das situações adversas.

A psicodinâmica do trabalho, de acordo com o seu autor Dejours, é tanto uma disciplina clínica que se apóia na descrição e no conhecimento das relações entre trabalho e saúde mental, quanto uma disciplina teórica que busca inscrever os resultados da investigação clínica com relação ao trabalho numa teoria do sujeito com aportes da psicanálise e da teoria social [3;4]. A análise psicodinâmica das situações de trabalho vai buscar na dimensão entre o prescrito e o real, que a organização do trabalho não é seguida estritamente pelos trabalhadores. Há uma reinterpretação e reconstrução das instruções, considerando que não é possível prever e controlar todo o processo da atividade. A psicodinâmica do trabalho traz uma leitura da organização do trabalho propondo compreender aquilo que não é dado pela organização prescrita do trabalho.

Objetivo

Apostando que prazer e sofrimento são vivências subjetivas não tendo validade fora da ordem singular, pois remetem a um sujeito portador de uma história. Assim, conseqüentemente, todos os laços com os outros sujeitos singulares se darão por meio de mediadores, tais como, a ordem simbólica, o construto social e os acordos construídos, ou seja, por elaborações e trabalhos realizados pelos próprios sujeitos e é por isso, que se introduz a possibilidade de trabalhos humanos criativos.

A proposta deste ensaio é apresentar a articulação do trabalho como ato de um sujeito portador de uma subjetividade e que por meio deste ato, o trabalhar, opera e mobiliza sua subjetividade. Envidar esforços para sistematizar algumas concepções teóricas inseridas na psicodinâmica do trabalho e em sua proposta metodológica.

Intentamos também, refletir sobre alguns estudos clínicos realizados nesta abordagem.

Metodologia

Trata-se de um ensaio reflexivo, ou seja, uma incursão teórica sobre alguns aspectos das complexas relações que se estabelecem entre a organização do trabalho, as condições objetivas visíveis ou ocultas na qual o trabalho ocorre e o sujeito trabalhador. Nesta reflexão tomamos o ângulo do impacto subjetivo e, mais especifica-

mente, do sofrimento operado pelo trabalhador, buscando, para tanto, as contribuições da teoria da psicodinâmica do trabalho para análise das relações entre trabalho e subjetividade.

Tendo como substrato a disciplina psicopatologia do trabalho que desenvolveu estudos sobre as relações entre determinadas maneiras de organizar o trabalho, suas condições e o conteúdo de trabalho com o adoecimento psíquico, a abordagem psicodinâmica respaldada em alguns construtos teóricos da sociologia e da psicanálise, enfatiza a manutenção do equilíbrio entre o prazer e o sofrimento como motriz do trabalho humano enquanto processo criativo inscrito no corpo, buscando desvelar formas de enfrentamento adotadas pelos trabalhadores diante de situações que possam vir romper esse equilíbrio e de situações de desequilíbrios já instalados. Revisitar algumas concepções teóricas e proposta metodológica inseridas nessa abordagem desenvolvida pautaram-se pela abrangência e relevância em alguns estudos clínicos escolhidos.

A Inscrição do Trabalho no corpo e a Metis – a inteligência astuciosa

Embora o trabalho tenha um valor para o homem, não se pode deixar de considerar os limites que o próprio sistema no qual ele veio se organizando ao longo de um processo histórico, impõe ao trabalhador. Nesse sentido, as influências sócio-culturais, nos valores, no comportamento e nas interações sociais do homem na organização, bem como as próprias mudanças sócio-culturais que se refletem nos sistemas organizacionais e em seu desenvolvimento, têm deixado evidente no seu percurso histórico, as alianças estabelecidas entre as diretivas organizacionais e sociais, nas tentativas de desconsiderar o trabalhador, como sujeito capaz de "assumir sua condição ontológica e gozar da liberdade" [5].

Nesse processo, de Institucionalização do trabalho, tendo em vista a conformação de diversos interesses e a complexidade crescente de elementos intermédios, entre os trabalhadores e a realização de suas atividades com seus respectivos produtos e resultados, evidenciou-se a necessidade de aportes teóricos para mediar às relações estabelecidas pelos sistemas de trabalho, as organizações e os trabalhadores com introduções nesse universo de outros campos das ciências, além da engenharia, economia e administração.

A organização do trabalho e dos seus processos nos quais estão inseridos os trabalhadores tem produzido graves conseqüências sobre a saúde destes últimos. Esta percepção, segundo Jaques [6:98], remota ao século XVIII, com os estudos de Ramazini, fundador da medicina do trabalho, que relacionou o desenvolvimento de processos de adoecimento do trabalhador às funções desempenhadas e vem atravessando os séculos, produzindo mudanças no campo epidemiológico e nas concepções anteriormente conhecidos para o conceito de saúde/doença com adoção de novas abordagens frente a este fenômeno.

A introdução no campo epidemiológico do modelo de determinação social da doença recebeu contribuições decisivas de outras ciências, como a sociologia, antropologia e a psicologia, dentre outras, expandindo-se, e para além do campo científico, a representação no campo das artes como retratado no clássico, Tempos Modernos de Charlie Chaplin, corrobora para a consolidação dessa assertiva num estatuto de verdade no universo científico e no cotidiano das pessoas [6, 7, 8, 9, 10].

Segundo Nardi [11], um fator significativo para a abertura do campo da saúde do trabalhador à psicologia, aqui no Brasil, foram às alterações introduzidas em 1986 com a VIII[a] Conferência Nacional de Saúde, seguido da I[a] Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador. Ambas consolidadas na Constituição Federal do Brasil de

1988 e na Lei Orgânica da Saúde de 1990, essas alterações romperam com o modelo teórico centrado nos saberes médico para a preposição de compartilhamento de outros saberes numa postura interdisciplinar e com ações integradas.

Desta forma a leitura interdisciplinar do trabalho, pode contribuir para apontar aspectos relacionados à organização do trabalho que deveriam ser considerados, pois alguns desses aspectos podem gerar desajustes às funções dos trabalhadores presentes neste universo, instalando tensões e relações intra e interpessoais distorcidas e conflituosas.

Para Dejours [3:28], o trabalho é atividade desenvolvida por homens e mulheres para enfrentar aquilo que não é dado pela organização prescrita do trabalho. A dimensão humana do trabalho aponta que o trabalho implica em uma mobilização da inteligência somado a capacidade do trabalhador de refletir, interpretar e reagir frente às situações. Este engajamento é o próprio trabalhar, ou seja, um certo modo de responder a uma tarefa delimitada por pressões (materiais e sociais). E, mesmo que, os arranjos e os acordos estejam claros e estabelecidos pela conjuntura organizacional e pelo próprio individuo, a imprevisibilidade pode acontecer. Algo que escapa e que é real. Algo que não pode ser apreendido pelo simbólico, pelo prescritivo do trabalho, no qual o indivíduo se coloca a trabalhar com sua subjetividade e sua dimensão imaginária.

Esta discrepância entre o prescrito e o real se encontra em todos os níveis de análise entre a tarefa e atividade ou entre a organização formal e organização informal do trabalho[3:29]. Se a organização centra-se exclusivamente na realização da tarefa, aquilo que deve ser feito segundo definições precisas, isto é o trabalho prescrito, sem levar em conta a atividade do trabalhador, aquilo que é efetivamente feito. Essa lacuna que se caracteriza como uma parte enigmática do trabalho é o domínio do trabalho real e deve ser preenchido pelo trabalhador. Este é o espaço das negociações, da liberdade, da autonomia e risco do fazer-se sujeito no estatuto de dignidade.

Portanto, trabalhar é preencher a lacuna entre o prescrito e o real, e deve ser inventado ou descoberto pelo sujeito que trabalha no instante mesmo que trabalha, é aquilo que ele acrescenta de si às prescrições para atingir os objetivos que lhe são designados, o que certamente não ocorreria se ele detivesse estritamente à execução das prescrições.

Assim, a organização real do trabalho aparece finalmente como um compromisso que não pode ser elaborado com base em argumentos técnicos. Existe uma passagem por um trabalho de interpretação, de multiplicidade de interpretações possíveis. Se esta dinâmica da interpretação não for permitida, poderá engajar o sujeito numa dinâmica patogênica conduzindo a uma descompensação psíquica ou somática [3].

O trabalho não se desenvolve apenas no mundo objetivo e social, mas também no mundo subjetivo. Esta subjetividade no trabalho, ao mesmo tempo, protege da relação com o mundo para o alcance de meios para agir sobre o mundo, visando transformar este sofrimento e encontrar uma via que possibilite a superação da resistência do real. O sofrimento é impressão subjetiva do mundo e origem do movimento para conquista do mundo. É a origem da inteligência que se lança em busca do mundo para se colocar à prova, se transformar e engrandecer e neste movimento a própria subjetividade se transforma se engrandece e se revela a si mesma. A vivência subjetiva do trabalho é, tanto fonte de saúde e prazer como de doença ou infelicidade [3,4].

Esta inteligência, segundo Dejours, está inscrita no corpo, toda a habilidade, a destreza, a virtuosidade e a sensibilidade

técnica atravessam o corpo, se memorizam no corpo, é o corpo por inteiro, não apenas o cérebro que constitui a sede da inteligência do trabalho [3:32]. Ela não é um recurso natural, mas construída, adquirida no e pelo trabalho sendo determinada simbolicamente e adquirindo com isso, uma função simbólica. Afinal, para todo desempenho precede um processo de subjetivação da matéria e dos objetos, o qual passa por um diálogo físico – atividade subjetivante – e que para os gregos chama-se mètis, a inteligência astuciosa. É preciso que o sujeito aceite e concorde em ser habitado pelo trabalhar. Este processo implica a subjetividade por inteiro, pois ela é una e deve ser mantida inteira, se caso, a subjetividade se dissocia, apresenta dissociação, pode-se anunciar o espectro da doença.

É este corpo subjetivo, o corpo que se experimenta afetivamente, que também está engajado na relação com o outro, pelos gestos, mímicas, sedução e agressividade para expressão do sentido e da vontade de agir sobre a sensibilidade do outro, este corpo resultante da experiência mais intima de si e da relação com o outro, que é convocado ao trabalho. Portanto, o trabalho ultrapassa qualquer limite dispensado ao tempo de trabalho, ele mobiliza a personalidade por inteiro.

E de acordo com Dejours, como tudo que é afetivo, "o sofrimento que é a origem da inteligência e que constitui a própria substância do trabalhar, por razões transcendentais, é inacessível à quantificação" [3:32].

É, nesse campo do sofrimento pouco visível, que a psicodinâmica do trabalho se coloca. O campo do sofrimento e do conteúdo simbólico, da significação e das formas desse sofrimento no âmbito do infrapatológico ou do pré-patológico, resultante de uma frustração, uma inadequação e que é expresso por sentimentos de insatisfação, de ansiedade e de medo [12].

Não se trata aqui em eliminar o sofrimento, pois reconhece que este é inerente ao sujeito trabalhador e faz parte do processo de trabalho. O que realmente se procura seria compreender como este é produzido na e pela organização do trabalho, buscando modificar estas condições com vistas a minimizar os esforços necessários (estratégias de enfrentamento) por parte dos trabalhadores para elaborá-lo.

A compreensão do sofrimento psíquico, e singularizado nesta teoria, como uma vivência subjetiva intermediária entre a doença mental descompensada e o conforto ou bem-estar psíquico, que suscita a utilização de estratégias defensivas, construídas, organizadas e gerenciadas coletivamente [13].

Assim, esse campo teórico, dá ênfase ao estudo da normalidade, dialogando com a psicologia ergonômica, a ergonomia sócio-técnica francesa e a saúde do trabalhador. Toma como base, a psiquiatria social, a psicanálise, a fenomenologia e a sociologia do trabalho. Distancia-se da acepção behaviorista, quantitativa, estatística ou de padrão comportamental, bem como, da abordagem entre trabalho/saúde mental na perspectiva da nosologia da psiquiatria clássica e da medicina ocupacional, que buscam relacionar riscos às doenças psiquiátricas especificas [4].

Concepções e dinâmica teórico-Metodológicas

A análise da psicodinâmica do trabalho elege duas categorias como centrais: a organização do trabalho e o sofrimento mental, realçando o papel das defesas adotadas pelos sujeitos trabalhadores para manterem o equilíbrio psíquico. Tem por referência os conceitos ergonômicos de trabalho prescrito e trabalho real e busca pensar este trabalho sob a ótica de quem trabalha, além de procurar apreender por meio da escuta coletiva, a vivência dos sujeitos e o significado desta para realizar a

atividade.

Uma pesquisa nesta perspectiva se desenvolve metodologicamente através de várias fases: 1ª) A construção do estudo – construção do grupo gestor, a concordância da instituição para realização da pesquisa; 2ª) Solicitação ou demanda (autor e natureza) – se prioriza a vinda por intermédio dos próprios trabalhadores se não for este o caso que os mesmo possam integrá-la de livre consentimento com constituição de grupos homogêneos; 3ª) O contrato-negociação e compromissos firmados para estabelecimento de relações confiáveis e promovedoras de desvelamento dos sujeitos, do seu saber-fazer e de suas relações com a organização de trabalho; 4ª) O material da pesquisa, os encontros ou enquete – são as discussões grupais, a criação de espaço coletivo de discussão; 5ª) Observação clínica – a observação sobre o próprio movimento que envolve pesquisadores e o grupo de trabalhadores, resgate dos comentários de cada sessão; 6ª) O método de interpretação – com devolução ao grupo com vistas a uma construção coletiva; 7ª) A validação e refutação dos resultados – ocorre ao longo das sucessivas sessões; 8ª) Elaboração de documento final (13:140, 2:89).

Ao analisar a organização científica do trabalho, Dejours, identifica seus efeitos psicopatológicos no aparelho psíquico do trabalhador em função da tripla função: divisão do modo operatório; divisão do organismo entre os órgãos de execução e órgãos de concepção intelectual e finalmente, da divisão entre os homens, que são compartimentados em uma nova hierarquia (4).

O processo de trabalho organizado de forma repetitiva e sem significado, não se compatibiliza com o aparelho psíquico, pois será gerador de um quantum energético (pulsional), uma quantidade de sofrimento (carga energética) psíquico que se espraiará para a vida extra-laboral dos indivíduos. Desta forma, pode-se delinear um estado continum de equilíbrio da energia libidinal do sujeito que cobre uma distância entre a descompensação e o bem estar-psíquico, neste intervalo surge uma zona de mal estar-psíquico que pode ter relação com o trabalho.

O trabalho apresenta duas dimensões, uma patogênica e outra protetora da saúde psíquica. O trabalho, quando estruturador, inclui na sua organização os elementos básicos de concepção, caso contrário, será desestruturante, pois as injunções "normais", geradoras de tensões, ainda causam uma fragmentação do sujeito trabalhador, deixando-o frágil (13:122).

Deve-se assim identificar o estado do sujeito, que poderá ser "saudável", mas na verdade, apresenta um estado de normalidade que está encobrindo um equilíbrio precário, o qual demanda um grande esforço do individuo e dos grupos para se manterem produtivos e atuantes a um custo psíquico, emocionais e físicos elevados (2:89).

A patologia pode irromper quando o equilíbrio entre os mecanismos de defesas e/ou estratégias de defesas coletivas e o sofrimento se rompe e não existam recursos para contorná-lo. Fica patente para o trabalhador que os seus recursos não são mais suficientes para recriar o trabalho e o sentimento de impotência se instala pela incapacidade de atuar sobre o mundo e mudar o trabalho.

Portanto, as estratégias de enfrentamento são mobilizadas para manter um equilíbrio interno frente às demandas externas. Elas são mecanismos defensivos utilizados para manutenção de equilíbrio psíquico dos trabalhadores e é sustentado pela subjetividade do grupo, através de medidas coletivas de defesas. Que são formas de cooperação coletivas, de criação de enlaçamento para fortalecimento.

A organização do trabalho pode utilizar meios como: isolamento, não conversas, não encontros, a não possibilidade de interação, a não solidariedade, o individualismo, a competição excessiva, dentre outras, enquanto formas de fragilizar as defesas psíquicas individuais. Por isso, a ênfase nas estratégias de enfrentamento coletivo, essa defesa coletiva minimiza o sofrimento psíquico individual e propicia a formação de um sistema de valores, no entanto se radicalizada pode passar a constituir a denominada "ideologia defensiva da profissão"ou "kaporalista" que segundo Molinier [14], são estratégias coletivas de "defesas radicalizadas", imaginárias e com fortes conotações alienantes. Ocorrem devido a vivências de situações aonde as "pessoas não conseguem mais construir compromissos satisfatórios com a organização de trabalho". Nesta postura, "a luta contra o sofrimento no trabalho corrói o sentido e mesmo a eficácia do trabalho" [14:16]. Não advindo dessa estratégia uma correspondência em sofrimento criativo, pois utilizam práticas, às vezes perversas como: maus-tratos, indiferença, agressividade e outras atitudes deletérias [14:17-18].

Esta abordagem, a psicodinâmica do trabalho, utiliza alguns construtos teóricos da psicanálise: como a concepção do sujeito; o conceito de sublimação como possível fonte de prazer e favorecedor do uso criativo da inteligência astuciosa, e um instrumento de compreensão de situação de trabalho que introduz o reconhecimento dos pares e reforço da identidade, com valorização de si e pelo social. O método clínico proposto é a escuta, interpretação e a devolução. Ela é contrária ao uso de questionários e coloca restrição à observação do cotidiano do trabalho. Prioriza a entrevista coletiva – criação de espaços públicos de circulação da palavra, da fala. As intervenções propostas são para a coletividade e aspectos da organização do trabalho. Este tipo de ação é baseado na premissa de que para transformar o trabalho é necessária a realização de atividades de elaboração coletivas [2:89].

Adotam também, práticas metodológicas que privilegiam o relato das vivências subjetivas dos trabalhadores sobre suas experiências cotidianas e seus sentimentos de ansiedade, medo, insatisfação, irritação, desapontamento, enfim, o sofrimento diante do trabalho. Os relatos discursivos são então, produzidos pelos trabalhadores, em vivências intersubjetivas grupais, e são eles, material e objeto de análise [9:158]. As subjetividades dos pesquisadores é que interpretam o discurso da vivência dos trabalhadores.

As entrevistas são realizadas em grupo de agentes distintos (trabalhadores, gestores, e outros) e no espaço coletivo, público percebe-se que o estímulo para falas e discursos mostra implicações relacionais, sociais, interpessoais e intersubjetivas, permitindo reconstruir a lógica das pressões e defesas no jogo coletivo da organização do trabalho, na interação grupal. A ênfase aqui é dada às situações relacionais, a relação socialmente constituída, as estruturas simbólicas.

No entanto, segundo Jacques [6:112], no Brasil o uso metodológico e técnico da análise da psicodinâmica do trabalho não tem sido cuidadosamente acatado, pois se utiliza entrevistas individuais, recorrendo-se a dificuldade de reunir coletivamente os trabalhadores como justificativa para a sua realização, o que de acordo com Dejours, limita os resultados da proposta, pois nada incita "ao analista, a buscar o que no conflito não fica redutível a um conflito psico-afetivo, opondo dois sujeitos", por exemplo, no caso a relação chefia-subordinado [13:132].

O método objetiva interpelar e flexibilizar de fato, as práticas e os modos operatórios da organização do trabalho contemporâneo, com as formulações de recomendações e modificações que serão implanta-

das nos locais e situações de trabalhos. Ao favorecer processos de reflexão e de elaboração coletivas cria-se uma mobilização entre os trabalhadores, de maneira que possam oportunizar mudanças no trabalho e/ou em suas relações laborais, diante da transformação do sujeito humano em si.

Estudos Clínicos

Para reflexão, apontamos os estudos de Hallack& Silva [15]. As autoras, vinculadas à PUC/Rio de Janeiro empreenderam uma pesquisa com trabalhadores fazendo um recorte das práticas reclamatórias vinculadas nos discursos dos trabalhadores em organizações de trabalho, aplicando a abordagem teórica da psicodinâmica do trabalho de C. Dejours. Elas visavam sustentar teoricamente o emprego de estratégias defensivas coletivas por parte dos trabalhadores como prática para lutar contra o sofrimento no trabalho. É muito consistente a argumentação construída a partir do corpo teórico da psicodinâmica do trabalho. Para as autoras, a reclamação evoca o sofrimento, tornando-se uma estratégia de vinculação grupal poderosa enquanto construção de sentido intersubjetivo por meio dos laços discursivos na tentativa de resistência grupal à doença. Torna-se um forte elo de união entre os membros de uma equipe de trabalho, um mecanismo de defesa grupal eficiente e menos custoso que tentativas de defesas individuais. Por outro lado, percebe-se que este mesmo mecanismo de defesa contribui para os objetivos da própria organização do trabalho, bem como para o conformismo, a repetição e a estagnação dos sujeitos.

As práticas reclamatórias recorrentes nos discursos dos trabalhadores são vistas como um fato comum nas organizações de trabalho. A manifestação dessa insatisfação por parte do trabalhador, mesmo que a organização tente arrefecê-la, demonstra o quanto este sujeito apresenta a capacidade de desafiar e contornar o sofrimento com o seu trabalho. Segundo as autoras[15:68], "o enigma" se encontra na forma como os trabalhadores lutam na tentativa de equilibrarem-se, mais ou menos precariamente, "na corda bamba do trabalho e nos destinos que vão dar ao seu sofrimento". Até certo limite o equilíbrio psíquico é sustentado pela subjetividade do grupo de trabalho e ao romper-se será a singularidade de cada sujeito que deverá dar conta do sofrimento.

Assim, reclamar é uma das possibilidades de evocar o sofrimento e a doença através de atos de linguagem, tentativas de elaboração, e pela repetição pode acabar por se tornar uma ideologia defensiva. Esta por sua vez quando aplicada em extremo acentua conflitos e desentendimentos, pois o trabalhador passa a reclamar de tudo e de todos indiscriminadamente, desvirtua a sua atenção do real motivo da reclamação, que deveria ser o fato da organização do trabalho ser geradora de sofrimento. Rechaça as diferenças e insiste na conformidade de condutas e do discurso o que conduz a alienação, levando-se a impossibilidade de rompimento com esse dogma defensivo.

A reclamação em certa medida tem uma "face de denúncia da insatisfação, de protesto contra a coisificação do homem nas organizações e de resistências das singularidades em se deixaram massificar" [15:69]. Entretanto, se não ocorrer outras possibilidades de busca de sentidos para além da repetição, o grupo mantêm-se num sofrimento patogênico. No entanto, essa busca de caminhos que lhes acessem a criatividade, a sublimação, o reconhecimento, a identidade, o seu desejo e o do outro, nem sempre é possível. O trabalhador ao se apropriar do seu discurso ideológico defensivo dentro de determinados contextos e de poder relacional encontra a única saída para se falar do sofrimento sem ser estigmatizado, isolado ou discriminado. Assim, nessa vivência de equilíbrio precário,

com todos os riscos da estagnação é mais salutar reclamar, lamentar, demonstrar o descontentamento que sucumbi à perda da identidade do trabalhador no trabalho.

Outro estudo apresenta a relação entre o sofrimento psíquico e o trabalho dos caixas bancários da cidade do Rio de Janeiro realizado por Palácios et al [16]. No estudo de caso, os autores vinculados a Universidade Federal do Rio de Janeiro apresentaram o quanto a organização contribuiu para desencadear sofrimento psíquico nos caixas bancários em uma empresa do setor bancário. Foram utilizados os conceitos da teoria da psicodinâmica do trabalho e de forma parcial, o percurso metodológico, diante da dificuldade em reunir os grupos de trabalhadores.

Dentre as situações geradoras de sofrimento destacaram-se a "diferença do caixa" e as agressões dos clientes, uma vez que, são situações que requerem fundamentalmente o posicionamento subjetivo dos trabalhadores no sentido de aproximarem o trabalho prescrito ao trabalho real. O uso de práticas "não convencionais" para darem conta do excesso de trabalho, o cuidado redobrado para não errarem em dias de grandes demandas de clientes desencadeia a utilização de mecanismos defensivos individuais e coletivos. Foi possível com este estudo identificar que a organização do trabalho não oferece suporte aos trabalhadores para que possam responder apropriadamente às demandas dos clientes, deixando-os "livres" para lidarem da maneira que conseguem para poder dar conta da prescrição. Assim, o isolamento, a insegurança quanto ao futuro, o desamparo, o excesso de atividades, o ritmo do trabalho e o não reconhecimento são fatores que propiciam poucas possibilidades de transformação do sofrimento patogênico em criativo, e do uso do mecanismo da sublimação para vivências menos dolorosas.

Comentários finais

Procuramos ressaltar alguns aspectos relevantes da contribuição de Dejours para a compreensão do campo da saúde do trabalhador, que por meio de modelos explicativos e metodológicos desvelam as relações entre trabalho, subjetividade e saúde psíquica. A complexidade envolvida nessas relações implica numa ética humana que transcende ao pragmatismo do mundo do trabalho abarcando o próprio caminhar da humanidade.

Para Dejours, a organização de trabalho, "em seus modos operatórios deveria levar em consideração as atitudes individuais, as necessidades da personalidade, onde os gestos harmonizam-se espontaneamente com as defesas comportamentais e caracterais" [4:29], que se digne a respeitar as necessidades da economia psicossomática dos indivíduos, protegendo o corpo contra uma sobrecarga comportamental, além de possibilitar ao sujeito, condições de canalizar as suas pulsões durante o trabalho. Entende-se que as organizações de trabalho têm uma responsabilidade com o trabalhador, mantendo uma estrutura essencial do equilíbrio psicossomático para que, os sujeitos ali inseridos possam desempenhar as suas atividades com maior satisfação, pois caso contrário poderá instalar uma fragilização somática que bloqueará os esforços do trabalhador na tentativa de construção de uma identidade com o trabalho e de realização de si mesmo.

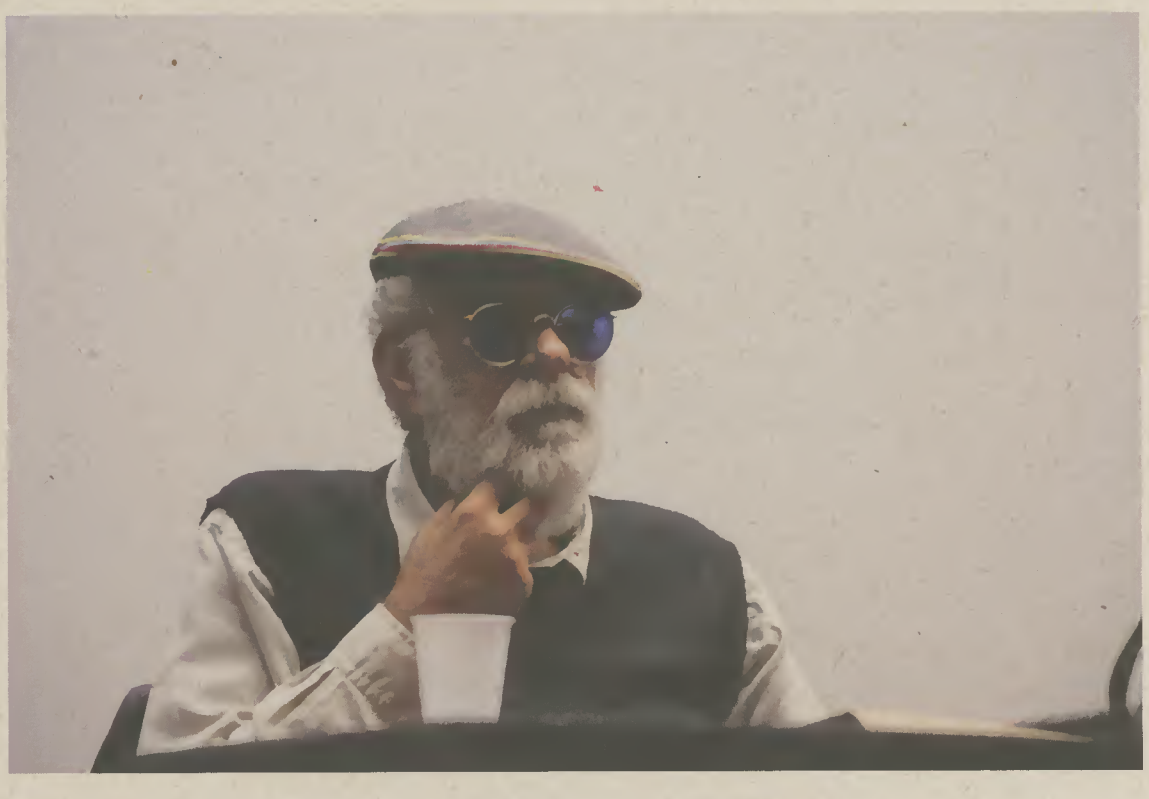
Se o trabalho implica em um confronto com o real e este confronto é gerador de sofrimento, com isso a necessidade das estratégias se torna preeminentes. A elaboração das estratégias de enfrentamento formuladas pelos trabalhadores tem como ponto de partida às vivências grupais com vistas à manutenção do equilíbrio ante as ameaças do ambiente do trabalho. Isto porque toda a organização é, de antemão, desestabilizadora da saúde, não se pode

conceber uma organização do trabalho sem sofrimento, diante disso devem-se buscar com que as organizações do trabalho sejam mais favoráveis à negociação da superação desse sofrimento. A saúde, o prazer no trabalho, à realização de si mesmo, a construção da identidade são aspectos ganhos com relação ao sofrimento, componente básico da relação de trabalho. Assim, a organização do trabalho com seu papel estruturador faz parte do campo de investigação e intervenção nos locais de trabalho, com uma análise dinâmica do sofrimento e das formas de enfrentamento por parte dos trabalhadores para o cumprimento da tarefa prescrita. Os conflitos, o sofrimento e o prazer que emergem em situações de trabalho devem sua dinâmica à organização do trabalho e às dificuldades ou mesmo aos conflitos que ela ocasiona aos agentes entre si, no interior das equipes, e aos agentes individualmente pelas tensões que ela faz surgir entre a exigência da situação de trabalho e a exigência das relações. Dessa forma a psicodinâmica do trabalho conduzem a interrogar o estatuto do real na economia geral do prazer e do sofrimento, as estratégias defensivas e as descompensações psicopatológicas.

Referências

1. Laranjeira, SMG. As transformações do trabalho num mundo globalizado. Sociologias [online]. 2000, no. 4 [citado 2010-08-06], pp. 14-19. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222000000200002&lng=pt&nrm=iso>.
2. Sznelwar L &Uchida S. Ser auxiliar de enfermagem: um olhar da psicodinâmica do trabalho. Rev. Produção 2004 set./dez. v. 14(13):87-98.
3. Dejours C. Subjetividade, trabalho e ação. Rev. Produção 2004 set/dez.; v.14 (3): 027-034. Invitedpaper. Disponível em Scielo.
4. Dejours C. A loucura do trabalho – estudo da psicopatologia do trabalho. 5ª ed. São Paulo: Cortez/Oboré. 1998.
5. Malvezzi S. Psicologia Organizacional – Da administração Científica à Globalização: uma história de desafios. **In**: Machado CC, Melo M, Franco V & Santos N. Interfaces da Psicologia1999: V. 2, Actas do Congresso Internacional, Universidade de Évora, Espanha.
6. Jacques MGC. Abordagens Teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. Psicologia & Sociedade 2003 jan/jun.; v.15(1): 97-116.
7. Murofuse NT, Marziele MHP. Mudanças no trabalho e na vida de bancários portadores de lesões por esforços repetitivos: LER. Rev. Latino-am de enferm. 2001 julho n. 9(4):19-25.
8. Merlo ARC, Lapis NL. A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociedade do trabalho. Psicologia & Sociedade 2007 jan/abril. v. 19(1): 61-68.
9. Fernandes SRP. Saúde e Trabalho: controvérsias teóricas. Caderno CRH, Salvador 1996 jan./dez.: n. 24/25: 155-69.
10. Mendonça H., Mendes AM. Experiências de injustiça, sofrimento e retaliação no contexto de uma organização pública do Estado de Goiás. Psicologia em estudo 2005 set/dez; Maringá. v. 10 (3):489-98.
11. Nardi H. Saúde do trabalhador. In: Cattani A. (orgs.) Trabalho e tecnologia: dicionário crítico. 2 edição, Petrópolis: Vozes, 1997. p. 143-72. **In:**Jacques MGC. Abordagens Teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. Psicologia & Sociedade 2003 jan/jun. v. 15(1):97-116.
12. Merlo ARC. Psicodinâmica do trabalho. **In:** Jacques MG, Codo W. (orgs.) Saúde mental & trabalho: leituras. 2002. Petrópolis: Vozes, p. 130-42.
13. Dejours C, Abdouchely E. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. **In**: Dejours C, AbdouchelyE,Jayet C. Psicodinâmica do trabalho. São Paulo: Atlas; 1994: 119-145.
14. Molinier P. Psicodinâmica do trabalho e relações de sexo. Um itinerário interdisciplinar. 1988-2002. Rev. Produção 2004 set/dez.,v.14(3):14-26, Tr. Márcia Waks Rosenfeld Sznelwar, Invitedpaper. Disponível em Scielo.
15. Hallack FS. & Silva CO. A reclamação nas organizações do trabalho: estratégia defensiva e evocação do sofrimento. Psicologia &Sociedade 2005 set/dez.; v.17(3):67-72.
16. Palácios M, Duarte F, Câmara VM. O trabalho e sofrimento de caixas de agência bancária na cidade do Rio de Janeiro. Cad. Saúde Pública 2002 mai/jun.v. 18 (3): 834-851.

ELIAS ANTÔNIO JORGE



PROFESSOR APOSENTADO DO DCC/ICEX/UFMG

LICENCIADO EM MATEMÁTICA, FÍSICA E DESENHO PELA FAFI-BH (ATUAL UNIBH)
MESTRE EM CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO PELO DCC/UFMG
DOUTOR EM EDUCAÇÃO PELA USP

ACÓRDÃO Nº 2.368 – PLENÁRIO DO TCU – EM 21/10/2015. REFLEXÕES MULTIVARIADAS PARA REUNIÃO/ASSEMBLEIA DE 20/11/2015.

2015 foi um ano de desafios para os docentes aposentados da UFMG. Em abril, a classe foi surpreendida com uma notificação enviada pela Pró-reitoria de Recursos Humanos – PRORH/UFMG que se aposentaram com a vantagem do artigo 192 da Lei 8112/90, comunicando-lhes de que havia um questionamento feito pela Controladoria Geral da União – CGU sobre o pagamento da citada vantagem. Em resumo, o documento dizia que havia a possibilidade de suspensão do pagamento da vantagem e a devolução do montante pago até aquele momento. A notícia gerou revolta, indignação e muita preocupação nos docentes, na diretoria do Sindicato e na UFMG. Imediatamente, foram convocadas reuniões, primeiramente, com a reitoria da UFMG para esclarecimentos e, em seguida com os docentes aposentados para orientações e encaminhamentos. O passo seguinte foi realizar diligências e reuniões no Tribunal de Contas da União – TCU, CGU/MG (Controle Interno), da CCE/TCU/MG (Controle Externo), SEFIP/TCU (Secretaria de Fiscalização de Pessoal), Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão – MPOG para reverter a situação e garantir o direito adquirido dos docentes aposentados. Foram cinco meses de luta intensa até que em outubro, o plenário do TCU decidiu a favor dos docentes.

No texto aqui publicado, eu faço um relato breve e pessoal da caminhada que nos levou à vitória e garantiu a manutenção dos nossos direitos. A luta por melhorias, igualdade de salários e por nossa dignidade não termina nunca e é necessário que se conheça os seus pormenores para juntos continuarmos a marchar e a reivindicar o valor aquilo que é nosso por direito.

Minha racionalidade aponta para um telegrama de atualização dos fatos de 28/09/2015 (Ver Documento de Reunião de Setembro/2015) até 20/11/2015; porém, minha afetividade se impõe e acata o telegrama, mas exige outras considerações: algumas farei hoje, as complementares, oportunamente.

Eis o telegrama.

O Ministro Bruno Dantas (**BD**) é o mais novo integrante do TCU, mas agiu no caso com a sabedoria de um veterano. Optou pelo posicionamento do Ministério Público de Contas, ou seja, pela **improcedência** da representação contra a UFMG.

As manifestações da CGU/MG (Controle Interno), da CCE/TCU/MG (Controle Externo) e da SEFIP/TCU (Secretaria de Fiscalização de Pessoal) eram pela **procedência** da representação contra a UFMG; que teria feito pagamentos ilegais de R$ 25,5 milhões até 2014 e de R$ 7,3 milhões de 2014 a 2015 a 631 Professores Aposentados e a Pensionistas.

Condenada a UFMG, esta deveria suspender os pagamentos 'ilegais' e cobrar o ressarcimento dos pagamentos feitos a partir de novembro de 2010. Para Professores Adjuntos Doutores em Dedicação Exclusiva, o corte salarial seria superior a R$3.000,00 por mês e o ressarcimento seria superior a R$200.000,00.

O Ministro Bruno Dantas (**BD**) elaborou um **Relatório** e um **Voto** para ser **acordado** pelo Plenário do TCU em 26/08/2015.

Ao perceber que seu voto pela **improcedência da representação** poderia causar polêmica, especialmente com o Ministro Walton (decano do TCU, o mais antigo Ministro), retirou de pauta em agosto, e determinou que sua assessoria procedesse a interlocução com as demais assessorias e especialmente com a assessoria do Ministro Walton, do Procurador Júlio Marcelo de Oliveira (**JMO**) e com técnicos da SEFIP.

Acompanhei com atenção os desdobramentos destas conversações e tive a oportunidade de esclarecer a principal dúvida surgida. O crescimento anormal da despesa em novembro de 2009 foi decorrente do pagamento de 15 dias de agosto e dos meses de setembro e outubro, junto com a folha do mês de novembro. As parcelas do Inciso I do artigo 192, relativas a GEMAS e a RT haviam sido, arbitrária e ilegalmente suspensas desde 1º/02/2009.

O PERÍODO DE 1º/02/2009 A 16/08/2009 CONTINUA SEM QUITAÇÃO ATÉ HOJE.

A prudência do Ministro Bruno Dantas ao retirar de pauta em agosto, ficou ainda mais justificada, pois a SEFIP, em função do Parecer de **JMO** e dos novos esclarecimentos, reconheceu que sua posição pela **procedência** da representação estava equivocada. Não formulou novo documento para não retardar ainda mais o Processo (segundo me esclareceram).

Com isso, ficou afastada a hipótese de polêmica na sessão plenária do TCU. O Relatório e o Voto elaborados em agosto foram reapresentados na íntegra em 21/10/2015, recebendo aprovação unânime do Plenário do TCU, gerando o Acórdão nº 2.368/2015.

Após a aprovação por unanimidade, um Ministro apresentou sugestão de incluir no Acórdão recomendação à SEGEP/MPOG de correção da Orientação Normativa nº 11/2010, **pois ilegal**. A sugestão foi prontamente aceita pelo Ministro Bruno Dantas e ambos ficaram de redigir em conjunto esta inclusão no Acórdão nº 2.368/2015 (novo item 9.4).

O Ministro Bruno Dantas não aceitou a APUBH como parte na representação contra a UFMG, pois considerou que

os Professores não estavam sendo processados diretamente e sua posição era favorável aos Professores (item 12 do Relatório e itens 32 a 36 do Voto).

Entretanto, acatou a indicação dos advogados da APUBH, assegurando-lhes acesso à íntegra do Processo, e deferiu também ao Prof. Dr. ELIAS ANTÔNIO JORGE, Coordenador da **CR631A.A.A.** (**C**OMISSÃO **R**EPRESENTATIVA DOS 631 **A**POSENTADOS **A**MEAÇADOS DE **A**BUSO) o acesso sem restrições à íntegra do Processo.

O Ministro Bruno Dantas cita a APUBH, no Relatório, no Voto e no Acórdão nº 2.368/2015. Além disso, refere-se no relatório e no voto aos expedientes encaminhados pelo Presidente da APUBH (Peça nº 37), e pelo Reitor da UFMG (Peça nº 38).

O TCU acatou o pedido de sustentação oral, feita pelo Reitor em 26/08/2015, que na oportunidade reiterou sua concordância com a posição do Ministério Público de Contas, pela **improcedência da representação** contra a UFMG.

O Ministro assumiu como espinha dorsal do seu Relatório e do seu Voto, que fundamentam o Acórdão, a posição expressa no Parecer do Procurador Júlio Marcelo de Oliveira (**JMO**).

O Parecer do Procurador **JMO** foi totalmente incorporado e transcrito (item 2 ao item 21), no Relatório do Ministro **BD**.

A aprovação por unanimidade pelo Plenário do TCU do Acórdão proposto significa que as posições expressas pelo Procurador Júlio Marcelo de Oliveira e acatadas pelo Ministro Bruno Dantas são agora posição do Plenário do TCU, conforme Acórdão nº 2.368/2015.

Fim do telegrama.

DESTACO COMO RELEVANTES E ESSENCIAIS OS SEGUINTES SIGNIFICADOS DO ACÓRDÃO Nº 2.368/2015:

1. Reconhecimento da **ilegalidade** da ON nº 11/2010 (itens 12 e 20 do Parecer do Proc. **JMO**);
2. Reconhecimento da **legalidade dos pagamentos** efetuados pela UFMG aos **631 Professores Aposentados com direito a vantagem do Inciso I do artigo 192** (itens 12, 13, 14 e 15 do Parecer do Proc. **JMO**);
3. Reconhecimento da **improcedência da representação** da CGU/MG contra a UFMG (item 21 do Parecer do Proc. **JMO**); (item 12 do Relatório e 31 do Voto do Ministro **BD**);
4. Reconhecimento que as aposentadorias dos 631 Professores relacionados na auditoria da CGU/MG são **integrais** e gozam do **Princípio Constitucional da Paridade Plena** (item 17 do Parecer do Proc. **JMO**).

   Paridade Plena significa que os benefícios e vantagens, bem como os reajustes salariais aplicados para os ativos serão estendidos aos proventos de aposentadoria e pensão, no mesmo índice e na mesma data em que entrar em vigor para o servidor da ativa definido como **par** do apósentado no ato da aposentação.

   O Formulário SISACNET/TCU em sua folha 1 tem campo próprio onde é definido o **par** (na ativa) do aposentado.

   A folha 1 do Formulário SISACNET/TCU é a folha 2 do Processo de Aposentadoria. Os Acórdãos que determinam o registro da aposentadoria se referem às folhas 2 a 6 do Processo, que são exatamente as folhas 1 a 5 do Formulário SISACNET/TCU.

5. O reconhecimento que a Retribuição por Titulação – **RT** – foi criada em 1987 como Parcela Remuneratória do Vencimento Básico – **VB** – do Professor Pós Graduado – **PPG** (itens 15 e 16 do Parecer do Proc. **JMO**).
   RT é VB de PPG.
   O relatório do Procurador Júlio Marcelo de Oliveira cuidou de citar, inclusive, o artigo 31 do **PUCRCE**, Decreto nº 94.664/87, que vigorou até 28/02/2013.
   A **RT**, criada em 1987, foi recepcionada pelo **RJU**, Lei nº 8.112/90, como Parcela Remuneratória do Vencimento Básico dos Professores Pós Graduados, nos termos dos artigos 40, 41 e 49 da Lei nº 8.112/90.
6. Reconhecimento da **ilegalidade** da rotina automatizada do SIAPE nº 00358 que afronta o Princípio Constitucional da Paridade, pois exclui vantagens (**GED**, **GTMS**, **GEMAS**, etc.) (itens 12 a 15, 16 e 17 do Parecer do Proc. **JMO**);
7. Reconhecimento que o artigo 192, embora extinto, não foi transformado em VPNI, portanto é **ilegal** tratar como VPNI a **restauração pela Justiça** de direito, benefício ou vantagem ilegalmente suspensa (item 17 do Parecer do Proc. **JMO**).

Com base nestes significados do Acórdão nº 2.368/2015, podemos vislumbrar soluções para as seguintes questões:

1. Quitação dos valores relativos à aplicação correta do artigo 192 no período de 1º/02/2009 a 16/08/2009;
2. Regularização dos depósitos em juízo, Tutela Antecipada da Decisão Judicial, pela Paridade Adjunto/Titular, transformada em Sentença em 22/05/2015;
3. Restauração do **pagamento da RT** como Vencimento Básico dos Professores Pós Graduados;
4. Legalidade dos pagamentos relativos ao Inciso II do artigo 192.

Destaco que foi muito importante que a APUBH e a Reitoria operassem articuladamente junto ao TCU. Espero que permaneça o alto nível de interlocução entre o Sindicato e a Administração da UFMG.

Minha intervenção no Processo só foi possível graças ao irrestrito apoio da Diretoria da APUBH e a cooperação dos funcionários do Sindicato.

Sem a existência do Movimento Docente da UFMG e do Sindicato, minha atuação seria muito limitada ou nula.

Sei tudo sobre a Carreira Docente. Tudo que sei, aprendi como representante do Movimento Docente e da APUBH. Sou construtor da APUBH desde sua fundação, estou assessor e consultor para Assuntos da Carreira (salariais, orçamentários e legislativos), desde 2011.

Meu mérito foi demonstrar com clareza o absurdo da situação, envolvendo e mobilizando, funcionalmente ou não, a articulação de vários atores, que são co-responsáveis pelo desfecho favorável.

Neste sentido, recebi apoio e incentivo, fui tratado com muito respeito (até no MPOG) e com extrema gentileza por múltiplos atores.

Correndo o risco de omissões, passo a relacioná-los:

1. Da Diretoria da APUBH: Zé Siqueira, Martinez, Otávia e Dalmir, a assessora jurídica Flávia, nossa advogada, e o assessor e consultor Prof. Dr. Elias;
2. Professores Elias, Veralice, Magda, Mônica Demas (Medicina), Léo Nemer (Direito), Otávia e

Dalmir (diretores) e a advogada Flávia, componentes da Comissão: **CR631A.A.A.** – **C**OMISSÃO **R**EPRESENTATIVA DOS 631 **A**POSENTADOS **A**MEAÇADOS DE **A**BUSO;

3. Da Reitoria da UFMG: Jaime (Reitor), Boratto e Zezé (PRO-RH);
4. Da CGU: Marlene (assessora especial) e o Ministro Waldir Simão;
5. Do Gabinete do Ministro Bruno Dantas, do TCU: Alexandre Barreto, Fred, Andréia, Rafaela, Adelma e o próprio Ministro Bruno Dantas;
6. Do Gabinete do Procurador do TCU, Júlio Marcelo de Oliveira: Márcia, Fatima e o Procurador Júlio Marcelo de Oliveira;
7. Da SINFIP/SEFIP – TCU: Alessandro (ex-secretário da SEFIP), Tasso, Sérgio, Luciana e até Cristina;
8. Ivo, Chefe de Gabinete do Ministro Walton;
9. Da Presidência da República: Baggio e Dilma;
10. Sônia, minha companheira desde 1968, e minhas filhas Camila e Daniela;
11. Os taxistas e os funcionários do Hotel onde guardo meu andador, que utilizo para deslocamentos em Brasília;
12. Leonardo Augusto Santiago, o Pio, jovem amigo da família, que se tornou meu secretário (D.E.) após meu A.V.C. em setembro de 2014.

Por fim, declaro que me senti honrado em coordenar a **CR631A.A.A.**

Belo Horizonte, 09 de novembro.

RETROSPECTIVA E ESTADO DA ARTE PROCESSO TCU Nº 019.290.2014-4

(Artigo 192, Inciso I, da Lei nº8.112/90)

RELATÓRIO 15. SUBSÍDIOS PARA A REUNIÃO DOS PROFESSORES APOSENTADOS
Dia 28/09/2015 – 14 Horas – Auditório da Reitoria - UFMG

1. Auditoria da CGU/MG com base em ON nº 11/2010: **ILEGAL**.
2. **Representação ao TCU – Brasília Inciso I do artigo 192**, da Lei nº8.112/90 (contra **Remuneração** e pró Vencimento Básico – **VB**).
3. Relator Ministro Bruno Dantas determina Manifestação do Ministério Público do TCU, da SEFIP/TCU e da UFMG.
4. SEFIP **confunde** Inciso I com Inciso II e opina pela **procedência** (desconto salarial + confisco patrimonial).
5. Ministério Público do TCU, Procurador Júlio Marcelo de Oliveira, **faz análise criteriosa:**
   - Aponta **equívoco da SEFIP**;
   - Reconhece **ilegalidade da ON nº 11/2010**;
   - Reconhece **direito à Paridade Plena** (GEMAS é devida);
   - Reconhece que **RT** foi criada em 1987, como Parcela do Vencimento Básico – **VB – portanto, também é devida**;
   - Manifesta-se pela **improcedência da Representação,** ou seja, **manifesta-se a favor de Remuneração e contra Vencimento Básico – VB**.
6. Reitor da UFMG encaminha Expediente ao Ministro Bruno Dantas e requer sustentação oral no julgamento em 26/08/2015.
7. APUBH reitera pedido de ser parte no Processo e encaminha Expediente ao Ministro Bruno Dantas complementar à Manifestação da UFMG e do Ministério Público do TCU pela **improcedência da Representação**.
8. Ministro Relator elabora **minuta de voto pela improcedência da Representação** e pauta para julgamento e decisão no Plenário do TCU, em 26/08/2015.
9. Reitor faz sustentação oral pela **improcedência da Representação**, **Ministério Público reafirma sua posição pela improcedência**, porém o Relator retira de pauta, alegando que alguns colegas manifestaram resistência ao voto, especialmente o Ministro Walton.
10. Ministro Relator viaja para curso no exterior, retorna no início de outubro/2015, e pretende pautar para dia 07/10/2015.
11. Os assessores do Ministro Relator tem se reunido com assessores do Ministério Público do TCU, da SEFIP e do Gabinete do Ministro Walton.
12. De 21/09 a 24/09 estive no TCU, no Ministério Público do TCU, no Gabinete do Ministro Bruno Dantas, na SEFIP e com Dr. Ivo, Chefe de Gabinete do Ministro Walton.
13. Pude esclarecer a principal dúvida dos assessores: **o crescimento da despesa em 11/2009**.
    Mostrei que a UFMG não pagou o devido de 1º/02/2009 a 16/08/2009 (Nota Técnica nº 147/2009, do MPOG).
    Só normalizou o pagamento em **novembro/2009**, quando pagou também o retroativo de agosto, setembro e outubro.
    Daí resultou o grande crescimento da despesa naquele mês.
    A UFMG continua devendo aos 631 Professores notificados o valor do período de 1º/02/2009 a 16/08/2009.
14. Do que pude apurar nestas reuniões, **o Ministério Público do TCU e o Ministro Relator devem manter a posição pela improcedência da**

Representação, a nosso favor.
A SEFIP deve mudar sua posição, se alinhando com a posição do Ministério Público do TCU, da UFMG, da APUBH e do voto original do Ministro Relator Bruno Dantas.
Isso deve eliminar as dúvidas alegadas em 26/08/2015.

15. Mesmo que o Acórdão de 07/10/2015 seja pela **improcedência da Representação,** e **a favor da Remuneração** no Inciso I do artigo 192, da Lei nº8.112/90, restarão problemas a serem resolvidos:

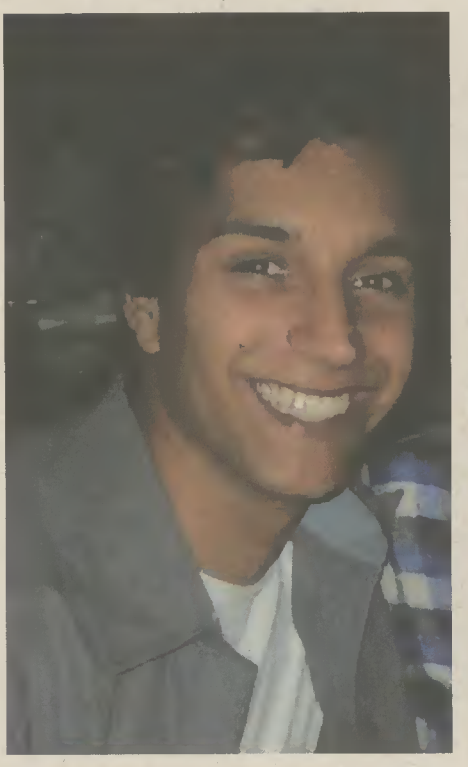
- **Remuneração** e não **VB** no Inciso II, do artigo 192, da Lei nº8.112/90;
- **Paridade Adjunto/Titular**;
- **RT como VB de PPG.**

16. Restarão ainda duas aberrações a serem corrigidas:

- 1ª aberração: **rotina automatizada de exclusão de novas vantagens e benefícios**, da incidência do artigo 192, da Lei nº8.112/90;
- 2ª aberração: **transformação em VPNI das Decisões Judiciais que restauram direitos arbitrariamente suspenso**.

Belo Horizonte, 28 de setembro de 2015.

Ângela Maria Carrato Diniz e William Campos Viegas





Professora do Departamento de Comunicação Social da FAFICH/UFMG.

Jornalista formado pela Universidade Federal de Minas Gerais e membro do grupo de Pesquisa sobre Jornalismo e Cidadania.

Seminário Mídia, Docência e Cidadania

Este texto consiste em um resumo crítico do seminário Mídia, Docência e Cidadania, promovido pela Apubh, em parceria com o Instituto de Pesquisa em Educação – IPE, o Movimento Docente Independente Autônomo – MDIA e os grupos de Pesquisa Jornalismo Cognição e Realidade e Estação Liberdade – Fafich/UFMG.

Pensar criticamente a mídia tradicional e analisar a atuação das mídias alternativas – blogs, jornais eletrônicos independentes e redes sociais – no Brasil. Esse foi um dos objetivos do seminário **"Mídia, Docência e Cidadania"** promovido pelo Sindicato dos Professores de Universidades Federais de Belo Horizonte e Montes Claros (Apubh) em parceria com o Instituto de Pesquisas em Educação (IPE), o Movimento Docente Independente e Autônomo das Instituições Federais de Ensino (MDIA), os grupos de pesquisa 'Jornalismo Cognição e Realidade' e 'Estação Liberdade', a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich/UFMG) e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais (SJPMG). Do encontro, realizado em Belo Horizonte, no dia 27 de novembro de 2015, participaram docentes de diferentes áreas e instituições do país e discentes que discutiram o papel crítico que a docência pode exercer em diversos campos do conhecimento sobre a produção informativa e outras produções simbólicas da mídia, a relação do noticiário midiático com a questão da cidadania e a postura da sociedade frente às informações divulgadas por jornais impressos e eletrônicos.

O evento, que pretendeu retomar o espaço político de discussão da mídia – perdido com a tentativa da Mídia Tradicional de impor o "pensamento único" – foi aberto pelo presidente do Sindicato dos Professores de Universidades Federais de Belo Horizonte e Montes Claros (Apubh), José Lopes de Siqueira Neto, que reforçou a importância do seminário debater a conjuntura e os acontecimentos recentes tanto na política local quanto na nacional e a cobertura realizada pela mídia brasileira. "Passamos por um ano em que todas as mídias e as redes sociais fizeram um massacre contra o sistema político brasileiro, querendo e promovendo um golpe contra a Presidenta eleita por mais de 53 milhões de votos. Golpe este promovido por um deputado [Eduardo Cunha] eleito por 250 mil votos, que se coloca acima de todos e que está fazendo essa chantagem do impeachment", afirmou.

O professor enfatizou a contribuição da docência para o aprofundamento da discussão sobre a relação entre a política e a mídia ao elencar alguns projetos desenvolvidos pela Apubh como o 'Interconexão Brasil', programa de entrevistas com professores e profissionais de diversas áreas, que reflete sobre assuntos de âmbito local, nacional e global, interligando os aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos do mundo e do Brasil. "É uma forma de apresentar à sociedade, de maneira diferenciada, os assuntos em pauta atualmente e, também, os trabalhos realizados na Universidade. O programa aborda diversos temas e dá visibilidade às ações dos docentes que, muitas vezes, não têm oportunidade de sair dos laboratórios e falar para a população sobre as atividades de pesquisa que realizam. E aí as coisas começam a fazer sentido, pois, se há um massacre da mídia inoculando a idéia de impeachment, nos perguntamos que fins isso tem sobre as pessoas que faz com que elas comecem a falar disso, a saírem às ruas com raiva e pedir o impeachment. Ou seja, se a gente não se deixa inocular pelas informações veiculadas na mídia tradicional, passamos a ter uma visão mais



Fotos: Simone Ribeiro

crítica e esse é o objetivo da Apubh com o Interconexão Brasil", destacou Siqueira.

Para Siqueira, esse pensamento crítico sobre a produção da mídia e, também, sobre as suas sofisticadas formas de distorção de notícias e informações exige um distanciamento crítico desta mídia tradicional e relaciona-se, diretamente, com a cidadania. "Para exercermos a cidadania, precisamos de fontes confiáveis de informação, fontes que não distorçam. Com certo distanciamento, percebemos que muitos profissionais fazem perguntas distorcidas, que levam apenas para um caminho, para uma vertente que, no caso, seria a do patrão", afirma Siqueira. O professor ainda ressaltou que a cidadania apenas será exercida, de fato, quando remover as concessões dos meios de comunicação concedidas aos políticos. "É cidadania retirar esse instrumento público, que nos dá o direito à informação isenta, das mãos daqueles que se acham detentores da mídia", concluiu.

A internet e seus produtos, como as diversas mídias alternativas, influenciaram a maneira como as pessoas consomem televisão e tem contribuído para diminuir o poder da mídia tradicional. "Se antes as famílias jantavam assistindo o Jornal Nacional, hoje, nem ligam a televisão, cada um com sua telinha faz sua própria programação. Os blogs também têm retirado o poder da mídia, pois divulgam informação com olhar independente", pontuou Siqueira.

Compartilhando do pensamento do presidente da Apubh, a coordenadora do Grupo de Pesquisa 'Estação Liberdade' e uma das idealizadoras do seminário, a professora-doutora Ângela Carrato, frisou as mudanças que as novas mídias digitais estão introduzindo no hábito de informação e o aler-

ta dos especialistas que participaram do encontro sobre essas transformações. "Professores e pesquisadores que insistirem em se manter afastados destas novas mídias estarão se auto-condenando à obsolescência", afirma. Segundo ela, as mídias digitais estão provocando desconforto, incluindo e potencializando as mídias anteriores, com rapidez, e atingem a tudo e a todos, inclusive à universidade e à sua maneira de produzir e transmitir conhecimento.

Mídia e realidade brasileira

Coordenada pelo professor-doutor Dalmir Francisco, idealizador do seminário, a primeira mesa discutiu o papel da mídia na cobertura da realidade brasileira e contou com a participação do jornalista Miguel do Rosário, do blog O Cafezinho, do professor-doutor Gilmar José dos Santos, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Virgílio Caixeta Arraes, professor-doutor da Universidade de Brasília (UnB). "Este seminário é uma tentativa de aliar as prioridades de nosso sindicato (defesa do salário, de condições de trabalho, de direitos dos trabalhadores) com a discussão, cada qual em seu campo de conhecimento, da política e da cidadania", lembrou Dalmir Francisco.

O jornalista e blogueiro, Miguel do Rosário, ressaltou as transformações no sistema de informação ocasionadas pela internet. "A informação chega de forma mais rápida, por fontes diversas, múltiplas e quase infinitas. Como blogueiro, eu nasci e sou um produto desse novo ecossistema, então, a realidade é toda diferente. Podemos colher informações sobre a conjuntura política não apenas na mídia tradicional, mas, também, nos canais de informação disponibilizados, por exemplo, pelos órgãos públicos. Esse é um dos segredos para fugirmos um pouco da influência da mídia tradicional e a pessoa que mais se afasta dessa mídia é, talvez, aquela mais informada, pois é menos influenciada. O pensamento, na verdade, é a principal fonte de informação das pessoas. A internet resgata o pensamento porque ela valoriza o critério e isso é importante, pois temos acesso a várias fontes, mas a verdade não está apenas em um deles, mas na interpretação ponderada que se dará às informações colhidas e ela é do tamanho do raciocínio de cada indivíduo", afirmou.

Rosário lembrou que uma boa educação crítica é fundamental para que o indivíduo não seja manipulado pela imprensa e pontuou o problema da concentração da mídia no país. "A imprensa é um produto da publicidade, criada para manipular até mesmo os maiores intelectuais. Ela influencia a conjuntura política dos países e, no Brasil, a gente vive a situação mais grave de todo o mundo ocidental democrático. É onde acontece a maior concentração midiática do planeta, temos a verticalização dos grupos detentores que, muitas vezes, comportam-se como cartel e é incrivelmente estreito o conjunto de pessoas que escreve na mídia", diz.

De acordo com Miguel, houve uma ilusão de que o poder da mídia diminuiu com a internet. "De fato, as tiragens dos jornais impressos declinaram e a internet aumentou a quantidade de informações, mas esquecemos que a mídia tradicional também está na internet. Então, esses mesmos grupos entraram com muita força, com poder



Fotos: Simone Ribeiro

econômico superior e acumularam poder, pois eles têm o meio impresso, televiso e a internet", completa.

Em sua exposição, o professor-doutor Gilmar José dos Santos, da Universidade Federal de Juiz de Fora, analisou a relação das organizações e seus Stakeholders (todos os indivíduos ou grupos que podem afetar ou são afetados pela organização) com a mídia e a democracia. "O objetivo final das organizações é a sobrevivência, por meio não só da eficiência e da eficácia financeira, mas principalmente pela legitimação, que é um processo socialmente construído que torna a organização e suas atividades aceitas pela sociedade", afirmou. De acordo com o professor, quando algumas atividades são percebidas pela sociedade como nocivas ou indesejadas, a empresa, para legitimá-las, busca a adesão dos grupos de apoio para negociar com os opositores.

Entretanto, segundo ele, para conseguir apoio muitas organizações tentam usar de atalhos, por meio das relações com o poder público, pressão ou corrupção e das relações com a mídia, principalmente pela pressão comercial. "Nesse sentido, parte das relações das organizações com a sociedade são midiatizadas e as grandes corporações acabam interferindo na agenda pública, fazendo circular os assuntos de seu interesse (a agenda setting) e suprimindo o que lhes é comprometedor (a espiral do silêncio). Os resultados desse processo são nefastos para a manutenção da sociedade democrática, que depende de um fluxo de informações mais simétrico e mais transparente", esclareceu.

Apresentando o trabalho 'Política Internacional, cidadania e mídia', o professor-doutor Virgílio Caixeta Arraes, da Universidade de Brasília (UnB), mostrou a evolução histórica

da cobertura da mídia e o impacto dos meios de comunicação sobre o comportamento dos países, tanto em sociedades democráticas quanto autoritárias. "Os recentes atentados em Paris, capital da França, mostram como atua a mídia e como as pessoas agem diante das informações. Quem ligou a televisão ou acessou a internet à noite, tinha uma informação reduzida sobre o ocorrido e, na manhã seguinte, uma ampliação do acontecimento, com números de feridos atualizados constantemente por todos os veículos", exemplificou.

Segundo Arraes, o poder cultural abriga a capacidade de convencimento ou persuasão de uma nação e, atentos a isso, desde o século XIX, os governos estão preocupados com a opinião pública, cada vez mais disseminada por causa da progressiva ampliação da mídia. "Esta forma de poder está materializada, por exemplo, na diplomacia, via governo, ou nos meios de comunicação, como jornais, sítios, livros, programas radiofônicos ou televisivos, filmes, entre outros, sob patrocínio, em alguns casos, estatal. Nesse sentido, com objetivo de manter-se no poder, de maneira democrática ou ditatorial, governantes podem influenciar a sociedade pela manipulação, através da falsificação ou distorção de dados, ou pelo condicionamento, via propaganda em massa" afirmou.

Debatendo as apresentações da primeira mesa do encontro, a professora-doutora, Ana Maria Oliveira, da Pontifícia Universidade Católica (PUC/MG), comentou a relação mútua entre comunicação e política. "Essa relação, inerentemente, é de conflito. A imprensa tem, originalmente, o papel de fiscalizar os poderes, os empresários, quando estão envolvidos em falcatruas, e trabalhar pelo interesse público, ajudar a formar bons cidadãos. Apesar de boa parte da nossa mídia não cumprir esse papel original, ela já entra em conflito com os poderes constituídos", afirmou, completando que democracia, comunicação e cidadania não são conceitos estáticos, mas construídos socialmente.

Ana Maria destacou a maneira como a mídia trata o conteúdo da informação que ela detém. "Parte da população acredita que a mídia minta, mas ela não chega a mentir, pois tem concorrência, porém ela manipula muito. Esses processos da espiral do silêncio, o tempo de duração e exposição de um tema, por exemplo, são maneiras de manipulação", diz. Segundo a professora, vivemos em uma sociedade que, cada vez mais, necessita da mídia. "Nós não temos mais tempo de conversar na praça pública, então, precisamos da mídia para nos informar, mas tem de ser uma informação em profundidade, processada, ligada ao contexto", finalizou.

Mídia e cidadania

Na segunda parte do evento, os expositores debateram o tema 'Mídia e cidadania: informar e formar a opinião coletiva ou pública x "pensamento único"'. A mesa foi composta pelo professor-doutor Dalmir Francisco, pelo presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, Kérison Lopes, pela professora-doutora e integrante do Fórum Nacional de Democratização da Comunicação (FNDC), Ana Paola Amorim. Os debates foram coordenados pela professora-doutora,

Ângela Carrato.

Em sua exposição, a professora Ana Paula Amorim ressaltou a importância da discussão proposta pelo seminário e que o debate deve ir além dos muros da academia. "Levar a discussão para toda sociedade contribui para construção e fortalecimento da democracia. A mídia só pode contribuir para democracia, se for ela própria democrática. E ela só se fará democrática, se fortalecendo num debate livre, plural de idéias, que é o que não temos visto", afirmou.

A professora citou diversas manchetes de jornais brasileiros, denunciando a capacidade da mídia de formar um pensamento único e orquestrá-lo de maneira única. "Essa unidade da cobertura produz um efeito sobre a opinião pública. A mídia não nos fala como pensar, mas o fluxo contínuo de informação está completamente contaminado, corrompido, É corrupção da opinião pública, a mídia agindo como agente corruptor" salientou.

Kérison Lopes enfatizou que a internet traz uma mudança de plataforma e que, devido as mídias sociais, o público não é mais dependente das mídias tradicionais. Ele destacou ainda que "o jornalismo plural e democrático é fundamental para sociedade e que o Fórum Nacional de Democratização da Comunicação (FNDC) é a representação do fato de que a sociedade percebeu a necessidade de democratizar a comunicação".

O professor Dalmir Francisco apresentou resultados parciais das pesquisas sobre mídia e produção de saber publicizado, elaborado pela mídia tradicional impressa e eletrônica, entre fins de 2010 a 2015, estudo especialmente focado na cobertura política e quase toda ela sobre o governo central. Para o professor, a mídia prometeu (fins de 2010) fazer oposição ao Governo Federal. E, ao que tudo indica, assumiu o papel de produzir noticiário oposicionista ao Governo Federal. A mídia tradicional é formada pelo monopólio de cerca de seis famílias que controlam conglomerados de jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão aberta e a cabo, além de blogs e de outros produtos de internet (Organizações Globo, TV Bandeirantes, TV Record, TV SBT, jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Tempo e O Estado de Minas).

A mídia monopolizada iniciou uma cobertura mais ou menos orquestrada (toda a mídia tratando da mesma forma dos mesmos fatos) em 2011, através do agendamento de fatos e de temas (pautas compartilhadas e seqüenciadas de fatos, de feitos do Governo Central). A produção de notícias pela mídia monopolizada e declaradamente oposicionista desdobrou-se, a partir de 2012, em um agendamento negativo dos atos, dos movimentos e das declarações do Governo Dilma Rousseff. Já em 2013, a mídia tradicional (já apelidada - por jornais eletrônicos e blog's de PIG - Partido da Imprensa Golpista) passou a distorcer os atos, os movimentos (passeatas, protestos) e as declarações das manifestações de 2013 (todas as manifestações, em todas as cidades seriam contra Dilma Rousseff). A mesma mídia tradicional (PIG?) publicava como verdade os prognósticos sobre o "não vai ter copa" – quer em 2013 e até a inauguração do Mundial de 2014. O agendamento francamen-

te oposicionista de 2013 é convertido em noticiário pró-candidato da oposição (o tucano Aécio Neves) e contra a candidata à reeleição Dilma Rousseff. Já não se trata mais do agendamento (ainda que negativo), mas de produção massiva e articulada das mídias impressa e eletrônica, de notícias direcionadas a favor de uma correlação de forças e de seu candidato à Presidência da República e direcionado contra a correlação de forças que apoiava a reeleição da atual Presidente da República. A articulação entre mídias (orquestração) foi e continua sendo uma tentativa de transfundir rejeição e mesmo ódio (transfusão e contágio) para o leitor, para o receptor de rádio, para o receptor de televisão e para os internautas. Desta forma, Dalmir Francisco afirma que já estamos no terreno da propaganda e das chamadas leis da propaganda – herança nazista pela qual cria-se um inimigo único (PT e Dilma Rousseff), lançando sobe o inimigo único, todos os males, todos os erros, toda a culpa e todo o sentimento (incentivado, cultivado) de repulsa e de ódio à Dilma Rousseff e contra os petistas e ou aliados (apelidados de lulopetistas e ou de petralhas).

Francisco adiantou uma conclusão: a mídia saiu do campo jornalístico legítimo do agendamento crítico para cair no oposicionismo e, para isso, direcionou o noticiário contra o Governo Central e, até mesmo, com a clara e indisfarçável distorção dos fatos. Veja-se o desvio de recursos da Petrobrás (escândalo), praticados por empreiteiras cartelizadas (clube) que obtiveram obras da petroleira brasileira com preços superfaturados e com a conivência muito bem remunerada de diretores da Petrobrás e com a cumplicidade de partidos políticos da situação e da oposição. Todo esse complexo processo de obtenção corrupta e corruptível de obras de empresas públicas no Brasil, lembrou a professora Ângela Carrato, foi apelidado pela mídia tradicional (PIG) de petrolão do PT. Para se ter uma ideia do grau desta distorção, de 53 nomes de políticos sob condenação na operação Lava Jato, o PP contribui para o bolo ou rolo com 31, o PMDB com 10 e o PT entra com 8 – além de outros partidos, inclusive o PSDB. Mas, segundo a mídia tradicional, o petrolão é somente do PT.

Sociedade monopolizada e o pensamento único

Finalizando o encontro, a terceira mesa, composta pela professora-doutora Maura Eustáquia de Oliveira, da Pontifícia Universidade Católica (PUC/MG) e Luis Mauro Queirós Filho, do Blog Brasil 247, convidou os participantes a refletirem sobre a questão "A sociedade pode reagir diante da mídia monopolizada e de "pensamento único?". Para Maura Eustáquia, a resposta é sim e diz que, mais que mídia alternativa, precisamos de alternativa de mídia que trate de assuntos de real interesse dos diversos públicos. A professora falou da experiência do Jornal Marco da PUC Minas, experiência que ela coordena, que "de viés comunitário, está sendo transformado em um jornalismo mais próximo do estudante com objetivo de produzir informações sobre política com P maiúsculo", explicou.

Já Luis Mauro Queirós Filho, sublinhou que, para ele, é o fim do jornalismo tradicional. "As redes sociais são, possivelmente, uma reinvenção do processo de comunicação e do mercado de



Fotos: Simone Ribeiro

notícias", afirmou.

Para a professora-doutora Liv Sovik, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e diretoria da Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ADUFRJ), é importante refletir, neste cenário comunicacional contemporâneo, sobre o perfil da imprensa em geral e, particularmente, do papel da imprensa sindical. "É uma raridade ter meios de comunicação financiados por sindicatos, que pautem notícias, artigos e notas importantes para os sindicalizados, com agilidade e eficiência, diante da velocidade dos acontecimentos", ressaltou.

Segundo Kérison Lopes, os sindicatos podem somar recursos econômicos e financeiros para, através do Canal Cidadania, produzir notícias que sejam do interesse dos sindicalizados e dos cidadãos em geral. Nesse sentido, o jornalista Geraldo Elísio, do Blog Estação Liberdade, sugeriu que, além do noticiário próprio para as categorias profissionais, os sindicatos desdobrem seus esforços de comunicação nas mídias sociais.

Para expositores e debatedores, o posicionamento político, ideológico e partidário da mídia tradicional parece estar implicando na perda de leitores, de telespectadores e de rádio-ouvintes e a mídia, tudo indica, troca a busca obstinada da verdade (objetividade) pela distorção e manipulação indisfarçável dos fatos, dos feitos e, neste sentido, está ocorrendo a transferência destes para as redes sociais – e como consequência, há uma preocupante retração do mercado de trabalho para jornalistas e demais profissionais da vasta área de comunicação.

Docente, discente e cidadania

Durante o seminário, não foram pou-

cas as referências à tragédia de Bento Rodrigues e Mariana. Várias intervenções questionaram a relação entre mídia e os crimes da Samarco nas cidades banhadas pelo Rio Doce em Minas e no mar do Espírito Santo. A morte de pessoas, a destruição de cidades, de rios, a poluição do mar, o destroçamento da economia e de empreendimentos, a segurança dos negócios em relação à população, sejam no campo da mineração ou outros - são assuntos que perpassam a vida da sociedade e também os diversos campos do conhecimento – o que envolve discentes e docentes.

Segundo Dalmir Francisco, a lama da Samarco pode e deve ser discutida pelas áreas da Comunicação. Mas é assunto de todos os cidadãos em formação - os discentes -, e dos docentes da Administração, Agronomia, Antropologia, Arquitetura, Belas Artes, Biologia, Ciências Ambientais, Ciências da informação, Ciências Sociais, Ciências da Computação, Direito, Economia, Engenharia civil, Engenharia da área de Metalurgia, Engenharia de Minas, Engenharia ligada a Recursos Hídricos,Geografia e Geologia, Gestão Pública, História Jornalismo, Língua e de literatura, Medicina e toda Área de Saúde, Psicologia,Publicidade, Química, Relações Públicas, Sociologia, Veterinária, entre outras áreas). Todos os estudantes (corpo discente) e todos os docentes destas diversas áreas estão diretamente envolvidos - e alguns foram diretamente atingidos (perderam-se casas, chácaras, negócios de família - soterrados pela lama). O professor acrescenta ainda que discutir o peso da mídia na cobertura deste crime ambiental não é diferente de discutir a cobertura da mídia sobre a política e sobre a economia brasileira, sobre o desemprego, sobre as perdas salariais, sobre os empréstimos com juros muito altos - e a relação entre agentes econômicos, atores sociais, governo e o exercício da cidadania cada vez mais midiatizado na e pelas redes sociais.

Finalizando, Dalmir Francisco levantou uma questão: se a Lava Jato vier a destruir as mais importantes construtoras brasileiras o que acontecerá com os profissionais e futuros profissionais da Engenharia Civil e da Engenharia Mecânica? Não podemos nos enganar tanto: não há área de conhecimento, dentro sociedade democrática, contemporânea, que esteja ao largo da política, nem há setor de conhecimento que possa se furtar à discussão política de seu papel na sociedade, na cultura e na história.

DALMIR FRANCISCO



PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL DA
FAFICH/UFMG

COMUNICAÇÃO, DEMOCRACIA E CONTROLE DA INFORMAÇÃO

Este texto discute a comunicação mediática e midiática na sociedade contemporânea e as formas de controle da comunicação e ou da informação. Nele, há breve discussão sobre o poder da mídia sobre sociedade e indivíduos, analisando as principais estudos sobre na área. É discutida, também as formas (e os limites) das tentativas de controle da comunicação na sociedade brasileira. O texto procura sublinhar a produção mediática / midiática de informações, sobre o processo político recente - sobretudo a produção decorrente da monopolizada mídia tradicional e em contraponto com as redes sociais, dentro da diversidade socioeconômica e cultural brasileira na qual os atores sociais discutem e problematizam as relações entre sociedade democrática, mídia e a cidadania.

Palavras chaves: comunicação, controle da informação, mídia monopolizada, redes sociais e democracia.

Dedico este texto a todos os professores e estudantes que participaram do seminário "Mídia, docência e cidadania" e às funcionárias da Apubh - pelo apoio na organização do evento.

A chamada mídia tradicional no Brasil envolve conglomerados de veículos impressos e eletrônicos[1]. E está , desde fins de 2010, comprometida com a oposição sistematizada ao governo de Dilma Rousseff e o que essa mídia orquestrada chama de lulo-petismo. Esse compromisso (com-promessa) foi feito pelo jornal O Estado de São Paulo em 3 de outubro de 2010 e, antes, pela Associação Nacional de Jornais e a presidente da entidade Maria Judith Brito que, em março de 2010[2], declarou que o "os meios de comunicação estão fazendo de fato a posição de oposicionista deste país, já que a oposição está profundamente fragilizada".

O oposicionismo da mídia tradicional – mídia monopolizada por apenas seis famílias[3] iniciou-se com uma pauta crítica em relação ao Governo Federal – e transformou-se, durante o processo, em oposição midiática ao PT, e ao Governo Federal. O oposicionismo da mídia pode ser definido, na sua fase inicial, como noticiário crítico, de assuntos socioeconômicos e políticos, quase sempre em relação aos governos municipais e aos estaduais, ao governo federal e aos partidos da base aliada - liderados pelo PT. Esse posicionamento crítico (legítimo) foi desdobrado, depois, em pautas ou agendamentos negativos que buscaram aspectos negativos e negativizadores, reais ou simulados, contra o governo central e contra os governos estaduais e municipais do PT e ou de partidos políticos que apoiam Dilma Rousseff. Até aqui – 2006 / 2010 -, a produção da mídia era oposicionistas, mas procurava respeitar os aspectos factuais e o compromisso com a verdade na produção de notícias[4].

1 Conglomerado de mídia - Organizações Globo – envolvendo os jornais, diversas revistas, emissoras de Rádio, TV Globo, Globo News e outros canais a cabo), TV Band e Band News, SBT, Rede Record e Rede TV. Jornais diários: O Globo (e, também, Valor, revista Época) O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, O Tempo (Minas Gerais).

2 A declaração textual é a seguinte: 'A liberdade de imprensa é um bem maior que não deve ser limitado. A esse direito geral, o contraponto é sempre a questão da responsabilidade dos meios de comunicação e, obviamente, esses meios de comunicação estão fazendo de fato a posição oposicionista deste país, já que a oposição está profundamente fragilizada. E esse papel de oposição, de investigação, sem dúvida nenhuma incomoda sobremaneira o governo.' http://oglobo.globo.com/politica/entidades-de-imprensa-fecomercio-estudam-ir-ao-stf-contra-plano-de-direitos-humanos-3037045. O Globo de18 / 3 / 2010.

3 Há seis famílias que controlam 70% da imprensa no Brasil, mas o problema é muito pior em vários países. Na Suécia, 60% da imprensa é controlada por uma editora. Na Austrália, 60% da imprensa escrita é controlada por (Rupert) Murdoch. Portanto, quando falamos em liberdade de expressão, temos de incluir a liberdade de distribuição, uma das coisas mais importantes que a internet nos deu. http://www.brasil247.com/pt/247/mundo/92535/Seis-fam%C3%ADlias-controlam-70-da-imprensa-no-Brasil.htm. Acesso: 10 02 2013.

4 Os paradigmas caros ao jornalismo são a fidelidade aos fatos ou feitos de interesse da polis (ou dos cidadãos), aos movimentos (greves, marchas, paradas, protestos ou passeatas) e às declarações – fidelidade chamada de objetividade desde Theophraste de Renaudeau (La Gazete, França, 1631 / 1640), Tobias Peucer e a primeira tese sobre relatos jornalísticos, em 1690,na Alemanha, que se socorreu de Cícero (e este se valia de Aristóteles) , nos EUA desde 1835 e, no Brasil, com o Repórter Esso (1942) o Diário Carioca em 1949 e a reforma do Jornal do Brasil a partir de meados da década de 1950. O paradigma tem como fundamento em nível ético, epistêmico e técnica narrativa das causas humanas que deve dar conta dos

O sucesso do governo Dilma Rousseff até 2012 (alta popularidade) parece ter acelerado a mudança das mídias em posição de oposicionista, para uma mídia oposicionista assumida e articulada ou produção midiática orquestrada para desgastar, inviabilizar e derrotar ou derrubar o Governo Federal. A diferença entre noticiário criticamente dirigido e agendamento negativo ou agendamento negativizado não é pequena: o noticiário crítico é tendencialmente legítimo. O jornal O Estado de São Paulo publicou, em 4 de março de 2010, a seguinte manchete: "No Rio, Lula inaugura só 25% do PAC da Rocinha"; a má vontade é está expressa, mas há um fato objetivo: de 100 construções prometidas, apenas a quarta parte foi realizada. A agenda negativa e negativizante é processo de distorção dos fatos, de simulação de fatos (factóides). Considere-se as notícias sobre os reajustes do salário mínimo em dois momentos distintos do governo Dilma Rousseff.. A primeira notícia, de 2011, não prioriza o aumento salarial, mas os centavos que foram cortados:

> Dilma corta R$ 0,73 do salário mínimo. Economia será de R$ 200 milhões por ano; novo valor, a partir de 1º de janeiro, é de R$622. A presidente Dilma Roussef assinou decreto fixando o salário mínimo em R$ 622 a partir de 1º de janeiro. O valor é de 73 centavos menor do que havia sido informado pela área econômica ao Congresso, em 20 de novembro. O reajuste vai aumentar as despesas do governo em cerca de R$ 23 bilhões por ano. Já os 73 centavos significarão economia de R$ 200 milhões anuais, considerando o universo de cerca de 21 milhões de aposentados e pensionistas que recebem o mínimo como benefício. (O Globo, 24 dez. 2011, p. 1)

Em notícia recente, a negativação da notícia troca o aumento do salário mínimo, pelo impacto que o novo salário mínimo poderá trazer ao Orçamento do Governo da República. A despesa não prevista de 2,9 bilhões é transformada em 12% do superávit primário que o governo teria previsto fazer no próximo ano:

> Novo salário mínimo gera despesa não prevista de R$ 2,9 bi no Orçamento - O Ministério do Planejamento divulgou ... que o novo valor do salário mínimo de R$ 880 vai gerar uma despesa não prevista no Orçamento de 2016 de R$ 2,9 bilhões. Esse valor equivale a 12% do superavit primário (sobra de recursos antes do pagamento de juros e encargos da dívida pública) que o governo previu fazer no próximo ano, que seria de R$ 24 bilhões. O Orçamento conta com recursos da CPMF, imposto que ainda não foi aprovado pelo Congresso (Dimmi Amora e Valdo Cruz - Brasília - 29/12/2015 - 20h04 – Folha de São Paulo e Uol – 23h30).

Na mesma direção está a notícia de O Globo que igualmente procura negativizar o reajuste do salário mínimo, sublinhando que o aumento real seria quase nulo e que o reajuste deverá implicar em custo adicional de R$ 30,2 bilhões (...) em pagamentos de benefícios sociais e aposentadorias, em 2016.

> Brasília — O salário mínimo aumentará de R$ 788 para R$ 880 a partir de 1º janeiro (...) O ganho real de apenas 0,1% leva em conta o crescimento da economia em 2014, conforme a política que vem sendo adotada pelo governo

---

feitos indicando o que, quem, modo (como), tempo (quando), local (onde), motivação para o feito (porque) e, não menos importante, o destinatário (para quem).

desde 2007 e que deve continuar até 2019. Mesmo com o aumento real praticamente nulo, o reajuste do mínimo implicará custo adicional de R$ 30,2 bilhões aos cofres federais em pagamentos de benefícios sociais e aposentadorias, em 2016. (Givaldo Barbosa / Agência O Globo – em http://oglobo.globo.com/brasil/aumento-do-salario-minimo-impacta-em-30-bilhoes-os-cofres-publicos Acesso).

Não há, nas notícias, nenhuma indicação que o reajuste (ainda que quase nulo) poderá resultar em aumento do consumo e impacto positivo na produção, na criação e na manutenção de empregos. A negativização do noticiário se desdobrou na notícia inventada – ou na publicação de não-notícias -, como nas manchetes sobre brasileiros sob investigação que, nas manchetes dos jornais, perdem o nome, a identidade e são transformados pela mídia em amigos de Lula. As manchetes são: Amigo de Lula é preso; ou Amigo de Lula só tem um centavo na conta rastreada ou Dono de usina de etanol, amigo de Lula estaria entre os maiores devedores do BNDES e do Banco do Brasil ou ainda Amigo de Lula confessa ter dado R$ 12 mi a PT e vira réu.[5]

Da agenda negativizada faz parte a invenção de fatos (mentira): no domingo, dia 13 de dezembro de 2015, manifestantes pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff foram às ruas. As manifestações foram muito esvaziadas. O site d'O Estado de São Paulo, diante do fracasso das manifestações, principalmente a realizada na avenida Paulista, na capital do Estado de São Paulo, publicou uma foto com uma avenida tomada de manifestantes (vulgo coxinhas). Em poucos minutos a foto – relativa às manifestações de 15 de março de 2015 -, foi descoberta e a postagem mentirosa foi denunciada. Da mesma maneira, o jornal O Globo (coluna do jornalista Lauro Jardim) publicou que o doleiro Fernando Baiano (preso pela Operação Lava Jato) teria confessado ter pago 2 milhões de reais de despesas pessoais de Fábio Luis Lula da Silva (Lulinha- filho de Lula). Era mentira. O Globo e o colunista desmentiram a notícia inventada e se desculparam com Lula, Lulinha e toda família [6].

A característica deste oposicionismo midiático é a articulação do noticiário ou a orquestração da mídia impressa (jornais e revistas) e mídia eletrônica (rádio, televisão e internet) - ver Quadro I -, para compartilhar não só notícias, mas afinar o enfoque e, não raro, as mídias publicam uma mesma manchete em relação à mesma notícia.

Essa possibilidade de produzir e difundir noticiário crítico sobre Governos, explorar uma agenda negativa ou criar noticiário negativizado e ou inventado sobre Governo Federal só é possibilitado pela sociedade da comunicação generalizada. É a comunicação mediática e midiática que possibilita aos indivíduos o acesso a acontecimentos que o interessam – fatos

5 BNDES é maior credor da usina de amigo de Lula, BNDES e BB são os maiores credores da usina de etanol de amigo de Lula - O Estado de S. Paulo, 25/04/2013, p. B25. Youssef deu dinheiro à firma ligada à obra de prédio de Lula. O Globo, 12 / 08 / 2015, capa e p.6. O Tempo, em 16 / 12 / 2015, p. 1 e 9. Justiça só encontra R$ 4 mil nas contas de amigo de Lula. O Tempo. 21 / 12 / 2015, p. 6.

6 A notícia inventada foi publicada no jornal O Globo no domingo - 10 / 10 / 2015 -, e desmentida na segunda-feirta, dia 11 / 10 / 2015 nas páginas eletrônicas e na primeira página de O Globo. Blogs.oglobo.globo.com/laurojardim/post/em-delacao-fernando-baiano-diz-que-pagou-depesas-pessoais-de-filho-de-lula.html. Acesso em 03 / 01 / 2016.

ou feitos e ocorrências - distantes de seu território.

QUADRO 1 - Orquestração: mídia impressa tem discurso afinado[7]

Eis a orquestração: os jornais O Globo, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo - praticamente com a mesma manchete - negam, ao - senador Adir Gurgacz (PDT-RO), o direito do pedir como relator a aprovação das contas do Governo Federal de 2014, ao Senado da República. Segundo os jornais, o relator teria contrariado o Tribunal de Contas da União que reprovou em 2015 as contas da Presidente Dilma Rousseff [8].

Trata-se da comunicação mediática no plano cultural-e-histórico (não há processo comunicacional fora da cultura) e da comunicação midiática no plano tecnológico e técnico. Essas informações e ou essas narrativas (acontecimentos)

erário. Tal competência administrativa-judicante, entre outras, está prevista no art. 71 da Constituição brasileira. "Art. 71. O controle externo, a cargo do Congresso Nacional, será exercido com o auxílio do Tribunal de Contas da União, ao qual compete: I - apreciar as contas prestadas anualmente pelo Presidente da República, mediante parecer prévio que deverá ser elaborado em sessenta dias a contar de seu recebimento; II - julgar as contas dos administradores e demais responsáveis por dinheiros, bens e valores públicos da administração direta e indireta, incluídas as fundações e sociedades instituídas e mantidas pelo Poder Público federal, e as contas daqueles que derem causa a perda, extravio ou outra irregularidade de que resulte prejuízo ao erário público - http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10631209/artigo-71-da-constituicao-federal-de-1988 - e http://portal.tcu.gov.br/institucional/conheca-o-tcu/funcionamento acesso em 4 / 01 2016

7 http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/210730/apressada-no-golpe mídia fica -cada dia- mais-desconcertada.htm

8 O Tribunal de Contas da União (TCU) é um tribunal administrativo. Julga as contas de administradores públicos e demais responsáveis por dinheiros, bens e valores públicos federais, bem como as contas de qualquer pessoa que der causa a perda, extravio ou outra irregularidade de que resulte prejuízo ao


O GLOBO

Relator contraria TCU e pede aprovação das contas de Dilma

O ESTADO DE S. PAULO

Relator sugere aprovar contas de Dilma e contraria TCU

FOLHA DE S.PAULO

Relator contraria TCU e pede aprovação das contas de Dilma

são de nível macro, ligados à formação cultural e à organização social, política, econômica das sociedades – e se referem aos interesses das etnias, das classes e dos segmentos sociais, das massas de indivíduos de gênero diverso, das minorias sexuais, das crianças, dos adolescentes, dos adultos, dos idosos e ou das tribos.

Nesse nível macro, a comunicação mediática e midiática pode estabelecer, instruir, formar, educar, ou instituir o real. Por isso, a comunicação contemporânea obteve o poder de sugerir e até impor uma agenda de feitos, de fatos, de acontecimentos e poder tentar impor o sentido de acontecimentos (ou o sentido das narrativas). Hoje, a notícia é mais importante que os fatos e ou feitos, movimentos ou declarações efetivos, ou efetivamente ocorridos, pois só a comunicação mediática e midiática noticia esses fatos ou feitos e só ela pode informar as massas de indivíduos.

A Comunicação mediática / midiática não impõe, simplesmente, interpretações de fatos. Essa constatação é antiga. Basta citar uma das mais prestigiadas teorias sobre comunicação – a do formador de opinião - que aponta severo limite para a comunicação de massa obter pleno convencimento do receptor. Mas, antes de se chegar a essa constatação, a mídia (comunicação de massa) foi indicada como capaz de entorpecer ou concorrer decisivamente para alienar o receptor de mensagens produzidas e difundidas pelos meios impressos e ou eletrônicos.

Em evento recente, este poder entorpecedor parece ter envolvido parcela dos eleitores receptores - principalmente na Capital e no Estado de São Paulo, quando a revista semanal Veja (em 23 de outubro de 2014) anunciou em reportagem que o doleiro Alberto Youssef teria afirmado que Lula e Dilma sabiam de tudo. A revista, pela ofensiva reportagem, foi obrigada a dar o direito de resposta. No texto, a revista Veja cuidou, ela mesma, de desmentir notícia inventada: e dizia que "o doleiro não apresentou - e nem lhes foram pedidas - provas do que disse..."[9]

Mídia: em busca do poder absoluto?

A crítica aos meios de comunicação é antiga, com destaque para Harold Lasswell (1902/1978) que propôs de modelo de comunicação na sociedade contemporânea que possibilitou teorizações sobre sociedade de massa. Entre estas teorias está a teoria da agulha hipodérmica (uma mensagem enviada pelas mídias inocularia informações e ou ideologias no público massificado, despersonalizado, alienado e incapaz de reação). São estudos e pesquisas que buscaram compreender o papel e o poder dos meios de comunicação de massa.

Uma das críticas sobre as formas de controle da comunicação e a comunicação de massa como "massificante" é a da chamada Escola de Frankfurt. Esta escola nasce com o instituto para a investigação social, em Frankfurt, em 1924, fundada por intelectuais marxistas e, todos, judeus, sob inspiração e liderança Felix Weill, rico judeu argentino, convertido à Igreja Católica. A Escola de Frankfurt tinha por objetivo a crítica independente da sociedade

9 Decisão Liminar em 25/10/2014 – RP Nº 178418 o Ministro Admar Gonzaga. Publicado em 26/10/2014, no Mural, às 15:00 horas, Trata-se de representação ajuizada pela Coligação com a Força do Povo (PT à frente) e por Dilma Vana Rousseff, candidata à Presidência da República contra a Abril Comunicações S/A / Revista Veja, requerendo o direito de resposta diante da matéria difamatória. A Abril foi acusada de distribuir Veja quinta feira (saía aos domingos) para tumultuar o pleito de 26 de outubro de 2014.

capitalista e do marxismo e investigação do socialismo como forma única de superar a barbárie capitalista. Entre os grandes pesquisadores, estudiosos e líderes da Escola de Frankfurt estão Theodor Adorno e Max Horkheimer[10].

Para Adorno e Horkheimer o progresso técnico implica no domínio da razão irracional sobre o mundo natural e sobre o próprio homem. Essa razão instrumental e, por isso, irracional, daria origem à barbárie contemporânea representada pelo facismo, pelo nazismo, pela ditadura que vigorou nas sociedades comunistas e, no nossos dias, pelo terrorismo de estado (guerra do Vietnam, Apartheid na África do Sul, invasão do Iraque, invasão do Afeganistão, centro de torturas como a base militar norte-americana de Guantânamo) e pelos atos terroristas – como o 11 de setembro de 2001 em Nova Iorque ou os atentados contra o Charlie Hebdo em 7 de janeiro e de 13 de novembros deste ano. Entre outros frankfurtianos estão Walter Benjamin[11], Herbert Marcuse[12] e Eric Fromm[13]

10 Theodor Adorno - Nasceu em 11 de setembro de 1903 (Frankfurt/ Alemanha) e faleceu aos 65 anos em 6 de agosto de 1969. Foi músico, sociólogo e escritor, cuja obra considerada principal é Dialética do esclarecimento. Nesta obra, Theodor Adorno – em colaboração com Max Horkheimer – critica a razão instrumental, derivada do Iluminismo que fundamenta uma cultura técnica, voltada para a produção incessante de bens para o consumo, transformando a produção espiritual a arte e outros bens simbólicos em produtos para consumo (indústria cultural). Max Horkheimer (1895/1973) desenvolveu a hipótese da Teoria Crítica (fundada na herança intelectual de K. Marx) e pela qual Horkheimer defende uma viva e concreta apreensão da realidade vivida pelo próprio homem que deve analisar o mundo real e analisar a si mesmo no processo real (comprenssão objetiva e subjetiva do real).

11 Walter Benjamin (1927 / 1940) – Benjamin que indicou em A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica – que a obra de arte (Guernica, de Picasso, por exemplo), teria uma atmosfera aristocrática e religiosa - a aura -, exclusiva e para a admiração de poucos. Na sociedade da técnica, a reprodução do objeto artístico ou produção artística voltada para as massas) retirariam da arte a sua aura. Benjamin indicava o Cinema que teria transformado os atores e as atrizes em peças do cenário (fotografia, ilusão do movimento e ritmo) e o cinema representaria a própria obra de arte destituída de aura. Ao que parece, a crítica de Benjamin não se sustenta, se for levada em consideração a Litogravura, a Xilogravura e a arte Pop que tem em Toulouse Lautrec (1864 / 19010) uma das suas origens..

12 Herbert Marcuse (1898 / 1979). O maio de 1968 – na Europa (sobretudo França, as revoltas na Polônia e a Primavera de Praga) revelaram ao mundo um intelectual da Escola de Frankfurt que foi o único – dentre todos eles – que colocou em prática a chamada Teoria Crítica desenvolvida por M. Horkheimer: o pensamento filosófico, social, histórico e cultural só serão realmente críticos se estiverem unidos à política e à ação política do crítico. Marcuse foi crítico filosófico, social, histórico, cultural e político dos desvios do marxismo soviético, do conformismo da classe operária dos Estados Unidos, da cooptação de movimentos de rebeldia como os Hippies nos Estados Unidos e foi um incentivador e polemizador entusiasmado do movimento estudantil – quer na Europa (Alemanha, 1967), quer nos Estados Unidos da América (engajamento de Marcuse na luta contra a guerra do Vietnam). Ver: MARCUSE, Herbert. Eros e civilização. Rio de Janeiro: 1975; _____. A ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

13 Para Eric Fromm o ser humano – no Ocidente – é fortemente influenciado na formação de sua personalidade pelas estruturas sociais e políticas da sociedade na qual se desenvolve e pela cultura. Para Fromm, a sociedade – mais do que a família -, impõe características aos indivíduos e

Para Herbert Marcuse (Eros e civilização) toda sociedade ocidental é fruto de uma contenção básica (ou repressão básica) pela qual o ser humano troca a gratificação imediata pela gratificação adiada, mas garantida dos instintos, das pulsões e das necessidades do ser humano. Marcuse tentou conciliar as teses revolucionárias de Marx e de Freud e buscar uma sociedade que trocaria o maior incentivo (do capitalismo ou do socialismo repressivo) à destruição e à morte (Thanatos) pelo incentivo à pulsão amorosa que fizesse emergir a sociedade do afeto, do amor que constrói (Eros). Para Marcuse, a sociedade capitalista e o autoritarismo nas sociedades socialistas reforçariam, junto ao homem ocidental, a tendência para a destruição de si mesmo e do outro pela mais repressão física, espiritual e moral e pela alienação. Em A ideologia da sociedade industrial (One-Dimensional Man), Marcuse denuncia o cultivo da alienação pelos meios de comunicação de massa que fechariam o universo da locução (automatização do significado das palavras e fechamento da linguagem) e pelo fechamento do universo do pensamento (pensamento técnico e tecnificado). Por fechamento do universo da locução, Marcuse apontava as expressões mundo livre, em oposição países socialistas ou governo castrista de Cuba no lugar de governo de Cuba ou, ainda, a expressão muito usada nos anos de 1950 e 1960 (auge de guerra fria): tanques comunistas - mas, nunca tanques capitalistas.

Nos dias de hoje e seguindo o pensamento de Marcuse, o fechamento do universo da locução está na automatização de expressões como mensalão do PT, ou mensalão mineiro (no lugar de mensalão tucano e ou do PSDB) - expressões que parecem ter significado automático/ automatizado – quando escondem o processo capitalista de empresas, empresários, partidos políticos e de lideranças políticas de quase total domínio da política e das decisões políticas por parte da elite capitalista e dirigente do capitalismo no Brasil. A linguagem que tende a ser fechada e a fechar as possibilidades do pensamento está presente em toda a cobertura midiática do processo de investigação de veloz enriquecimento de empreiteiras, de bancos e de financeiras e que alimentou, até há bem pouco tempo, a sustentação (política, econômica e, obviamente, financeira) dos negócios de segmentos do empresariado, de partidos políticos e de lideranças político-partidárias – a Lava Jato. A mídia brasileira, afinada como uma orquestra, chamou a investigação de lava jato do PT, ou petrolão [14].

A Escola de Frankfurt produziu uma preciosa teoria crítica da sociedade burguesa, da estrutura e manifestação cultural sob o capitalismo, crítica do marxismo autoritário e crítica do terrorismo da direita capitalista; os frankfurtianos criticaram a filosofia tradicional (imobilista?), criticaram as religiões tradicionais (alienantes?), criticaram a razão instrumental / tecnológica,

provocam, neles, falhas que, inclusive, podem ser exigidas pela sociedade (falhas e imperfeições como a competição egoísta e violenta entre pessoas, na sociedade Capitalista, ultra-competitiva). Fromm reconhece que esta sociedade oferece certa segurança ao indivíduo que persegue imperfeições para não ser marginalizado. Além disso, segundo Fromm, a sociedade pode impedir a consciência crítica das imperfeições através do ópio cultural oferecido pela televisão, pelo rádio ou pelos eventos esportivos.

14 MARCUSE, Herbert. A ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro Rio de Janeiro: Zahar, 1979. ___ Eros e Civilização. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

defenderam uma cultura humana fundada na razão que instale efetivamente a humanidade entre os homens, através da libertação de todos os dogmas[15].

Antecipando em muito a compreensão da comunicação como campo mediático e midiatico de disputa e, portanto, campo de atores desiguais; mas atores em luta pela sobrevivência e pela vida, está Paul Lazarsfeld e seu parceiro de pesquisa Robert Merton[16]. Lazarsfeld e Merton defenderam (1948) que os efeitos das mídias, junto aos cidadãos e à sociedade, são limitados. Essa limitação decorre do duplo fluxo que ocorreria em toda situação de comunicação: do emissor para receptor e, com a interveniência do formador de opinião, do receptor para emissor. Os autores sublinharam que a comunicação interpessoal estaria em um mesmo patamar ou teria um mesmo status da comunicação produzida pela mídia – arriscando certa estabilidade e homogeneidade inexistente na sociedade norte-americana.

Nesta investigação, são indicadas as seguintes questões fundamentais. I) O poder das mídias – como instrumento poderoso para fins pacíficos ou positivos ou fins negativos (e, aqui, os autores enfatizam a falta de controle sobre a propaganda / publicidade). II) Lazarsfeld e Merton destacam, ainda, que as técnicas de manipulação incluem as relações públicas, o patrocínio de programas de rádio (Lazarsfel pesquisa, sobretudo o rádio), os programas que distribuem prêmios e que poderiam manipular a audiência. III) Embora sejam críticos tímidos das discussões teóricas sobre a sociedade de massa e da comunicação de massa – os autores estão alinhados com os que temiam os efeitos das mídias no nível cultural, no gosto artístico e estético e na chamada cultura popular.

Os autores criticam a teoria do poder e dos efeitos ilimitados dos meios de comunicação. E salientam que a mídia só ganha muito poder, quando são satisfeitas as seguintes condições: 1) quando há o monopólio dos meios de comunicação por parte de grupos econômicos ou pelo Estado. 2) Quando a mídia, monopolizada, tem os conteúdos politicamente orientados (orquestração). O poder complementar da mídia (o poder principal é do Estado sob domínio hegemônico de classes altas e médias-altas). Lazarsfeld e Merton, segundo os dados de pesquisa, avaliam que a propriedade monopolizada da mídia implica em uma função mais conservadora

15 Cabe uma referência sobre Habermas. Representando uma ruptura parcial com os ideais iniciais da Escola de Frankfurt, Jürgen Habermas procurou novos horizontes (1956). A partir da herança da Escola de Frankfurt Habermas, através da crítica fundada na razão comunicativa, colocou a sociedade, a coletividade, a ação e a comunicação para além do indivíduo - condição para a busca do entendimento e construção de uma sociedade melhor. Para Habermas, ao agir deste modo, os atores comunicativos se mobilizam, através de interpretações culturalmente transmitidas e referem-se a um mundo objetivo, o seu mundo social comum e em seu próprio mundo subjetivo. Para Habermas, o possível entendimento entre sujeitos para a construção de um mundo humano depende desta racionalidade fundada em processos de comunicação entre sujeitos (intersubjetiva). Embora dê grande importância à Comunicação, Habermas, a nosso ver, se situa bem mais no campo da Sociologia e da Ciência Política. Ver: HABERMAS, Jürgen. Teoria do agir comunicativo. São Paulo: Martins, Fontes, 2012.

16 LAZARSFELD, Paul e MERTON, Robert. Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada. In: COHN, Gabriel (org.). Comunicação e indústria cultural. S. Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

(estímulo ao conformismo da sociedade e dos indivíduos) pois as mídias buscariam, antes de tudo, o lucro e a remuneração dos financiamentos já obtidos.

Elihu Katz e Paul Felix Lazarzfeld[17] resumiram a teoria do formador de opinião (em 1955), ao explicarem que o líder de opinião está nas lideranças de grupos profissionais, lideranças de segmentos sociais, de comunidades e formadores de opinião podem estar, também, entre profissionais dos diversos setores da comunicação de massa. Katz e Lazarsfeld chamam a atenção para o seguinte: o formador de opinião aparece no processo de comunicação e são diferentes para questões diferentes e segundo os diferentes interesses dos grupos sociais [18]. A partir de 1956 e representando uma ruptura parcial com os ideais iniciais da Escola de Franckfurt, Jürgen Harbermas procurou novos horizontes. A partir da herança da Escola de Frankfurt (inclusive Marx, Weber, Durkheim, Horkheimer, Adorno, Marcuse) Harbermas buscou uma crítica fundada na razão comunicativa, para superar a noção de sujeito iluminado e individual que construiria uma visão individualista propriamente própria da sociedade capitalista, apostando na relação intersubjetiva de sujeitos que falam e atuam, quando buscam o entendimento entre si em relação a algo. Em resumo: há a sociedade, a coletividade, a ação e a comunicação para além do indivíduo - condição para a busca do entendimento e construção de uma sociedade melhor 19. Numa posição intermediária (crítico da massificação e, ao mesmo tempo, um grande propagandista da comunicação de massa e massiva) está Marshall McLuhan[20]. As principais idéias de Mcluhan são as seguintes: 1) os efeitos da tecnologia não ocorrem ao nível dos

17 KATZ, Elihu; LAZARSFELD, Paul Felix. Personal influence: the part played by people in the flow of mass communications. Glencoe, Ill.: Free Press, c1955. 400p.

18 Deste modo, existem formadores de opinião que influenciam de forma múltipla e com grande variação, a formação da opinião no grupo ou na comunidade (multistep flow ou difusão múltipla). De qualquer forma, o formadores de opinião ou líderes de opinião reuniram as seguintes características distintivas: I) São mais informados e expostos à mídia (comunicação de massa, então). II) São mais cosmopolitas que os membros dos grupos / comunidade. III) São mais articulados e relacionados com autoridades e ou agentes sociais. IV) São pessoas com status social mais elevado dos que o grupo/comunidade. V) São mais inovadores quando as normas comunitárias são mais abertas e são mais conservadores quando as normas comunitárias são tradicionais. Ver excelente crítica sobre teoria do formador de opinião em LITTLEJOHN, Sthepen W. Fundamentos teóricos da comunicação humana. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988, p. 330.

19 Para Harbermas, ao agir deste modo, os atores comunicativos se mobilizam, através de interpretações culturalmente transmitidas e referem-se a um mundo objetivo, o seu mundo social comum e em seu próprio mundo subjetivo. Para Harbermas, o possível entendimento entre sujeitos para a construção de um mundo depende desta racionalidade fundada em processos de comunicação entre sujeitos (intersubjetiva). Ver: HABERMAS, Jürgen. Teoria do agir comunicativo. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

20 Herbert Marshall McLuhan nasceu em Edmonton, Toronto / Canadá em 1911 e começou por estudar Engenharia, na Universidade de Manitoba, em 1932, mas acabou por se formar em Literatura Inglesa Moderna, em 1934. Fez o mestrado em Cambridge (1939) e doutorou-se em filosofia, em 1943. Ensinou na Universidade de Wisconsin, entre 1936 e 1937. Entre 1944 e 1946, foi professor de literatura na Universidade de Assumption (Wisconsin e Saint Louis / EUA). Foi professor na Universidade de Toronto, entre 1946 e 1979.

conceitos, mas se manifestariam nas relações entre os sentidos e nas estruturas da percepção (capacidade de perceber, de sentir, de compreender). 2) Mcluhan diz que os meios de comunicação são extensões do homem ou prótese técnica. 3) Mcluhan afirmava que um meio social tem a ver com as novas maneiras de percepção instauradas pelas tecnologias da informação e os próprios meios seriam a causa das estruturas sociais.

Mcluhan – de cerca de 1955 até a década de 1970 - ganhou reconhecimento (e merecida fama) por estudar o impacto das tecnologias na sociedade humana; e estudar a natureza dos meios de comunicação: antecipou o conceito de globalização cultural e sob a égide da técnica. MacLuhan cunhou o termo aldeia global (The Medium is the Massage) [21]. Aldeia global quer dizer que o progresso tecnológico _ interno à cultura e ao desenvolvimento científico-tecnológico do Ocidente - estava reduzindo todo o planeta à mesma situação que ocorre em uma aldeia, ou seja, a possibilidade de se intercomunicar diretamente com qualquer pessoa que nela vive. O símbolo da aldeia global seria a televisão, um meio de comunicação de massa integrado internacionalmente através de satélite e que antecipou, em muito, o avanços das comunicações viabilizado pelo celular e pela internet. O princípio que preside a este conceito é do mundo em crescente inter-relações econômicas, políticas e sociais, viabilizadas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (vulgo TIC), particularmente pela World Wide Web, diminuidoras das distâncias, das dificuldades de comunicação ou das incompreensões entre as pessoas e promotor da emergência de uma consciência global, pelo menos em teoria.

Para McLuhan, a história seria, essencialmente, desenvolvimento da tecnologia e, como tal, dos meios de comunicação. O homem adapta-se ao meio ambiente pelos sentidos e o meio é a mensagem. Os meios de comunicação são extensões do homem (o rádio é extensão do ouvido e da fala, a televisão é extensão do ouvido, da visão e da fala, como a roda é extensão do pé e o vestuário é extensão da pele); o circuito elétrico seria a extensão do sistema nervoso e haveria predominância do meio sobre o conteúdo: o meio atinge os sentidos e a percepção humana. Os meios são quentes e frios dependendo do grau de envolvimento dos indivíduos no processo comunicacional. Quentes são os meios de alto envolvimento e de alta redundância, de pouca participação e de mensagem completa: o efeito é hipnose. Frios são meios de baixo envolvimento, de alta informação e de alta participação: o efeito é alucinação[22].

A comunicação mediática e midiática

Na sociedade contemporânea, a compreensão da comunicação e ou da mídia, é mais avançada do que previram os francfurtianos, Lazarsfeld e McLuhan. Trata-se da comunicação mediática (plano da cultura) e midiática (em relação à mídia,

21 Essa profunda interligação entre todas as regiões do globo originaria uma teia de dependências mútuas e, desse modo, promoveria a solidariedade e a luta pelos mesmos ideais (luta pela preservação do meio ambiente, luta pela economia solidária, luta contra a fome, contra a discriminação...) PARA McLuhan a essência da civilização está nos meios de comunicação.

22 MCLUHAN, M. A galáxia de Gutemberg: a formação do homem tipográfico. São Paulo: USP, 1972. _____ Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Editora Cultrix, 1996. _____ O meio é a mensagem. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1969.

plano cultural, histórico, tecnológico e técnico). Nesta sociedade contemporânea, a mídia não consegue impor totalmente seu ponto de vista. Há limites para o poder da mídia. A mídia é obrigada a considerar as forças do mercado: interesses e força de expressão dos grupos sociais, jogo de oferta x demanda de informações junto ao(s) público(s), competência técnica, tecnológica e econômica da mídia para agendar/pautar fatos e ocorrências e, além disso, considerar os valores culturais, éticos e morais da sociedade. A comunicação mediática é poder e é campo de ácida disputa pela vida e pelo poder. Essa disputa envolve nações, blocos econômicos, nacionalistas, globalistas, empresários, trabalhadores, etnias e culturas (negros e brancos), homens e mulheres - com diversa disponibilidade afetiva (heterossexuais e homossexuais) e diferente condição pessoal (faixas etárias e graus variados de deficiência física).

No campo social, historial e histórico, as heterogeneidades e a pluralidade são efetivas. Não são totalmente controladas e submetidas às normas (normalizadas). As sociedades ocidentais se esforçam para normalizar (inclusive pela repressão violenta) a convivência cultural, social, econômica (regulação das relações entre Capital e Trabalho, por exemplo). No plano político, as tentativas de normalizar relações jurídicas, políticas e sociais (ou normalizar conflitos) implicam no desenvolvimento tanto de legislação sócio-cultulrais, políticas e econômicas, como de certas técnicas de controle desses conflitos, no campo comunicacional - como foram indicadas pela teoria do formador de opinião, foram criticadas pela Escola de Frankfurt, e pelas advertências de McLuhan.

A comunicação mediática e midiática é, por excelência, campo de disputa por seleções, escolhas e supressões de conteúdos e pelo sentido dos acontecimentos. Esses esforços apareceram em investimento sobre formas de agendamentos e na hipótese da espiral do silêncio (e, antes, as leis da propaganda) como instrumentos, como técnica, ou poder mediático e midiático que atravessam e tentam controlar o próprio conflito entre etnias e ou raças, empresários e trabalhadores, conflitos de gênero, conflitos relativos à identidade sexual – em suma, a mídia e o poder midiático atravessa os conflitos e a disputa pela vida entre sujeitos. Um exemplo dessa disputa (polêmica) pelo sentido dos fatos / acontecimentos, é a institucionalização do programa Bolsa Família, que a correlação de forças - que sustentou o Governo Lula e vem sustentando o Governo Dilma Rousseff -, considera os investimentos sociais como processo histórico de inclusão social e econômica das massas muito empobrecidas de brasileiros no campo do exercício da cidadania (a pobreza e a fome dos muito pobres é problema do Estado e implica em política de Estado) [23]. A política

23 Pela Constituição Cidadã de 1988, o Estado é obrigado a garantir a seguridade social, o que envolve três planos: 1) Ninguém morrerá por falta de assistência médica e hospitalar (eis o Sistema Único de Saúde cujo funcionamento depende diretamente da participação, da vigilância e da crítica de todos os segmentos da população brasileira). 2) Ninguém morrerá desamparado na velhice (eis a o Direito à Aposentadoria instituição que depende diretamente da solidariedade e da luta coletiva dos brasileiros de hoje para sustentar as gerações de ontem e assegurar que as gerações de amanhã venham a sustentar as gerações de hoje; e, por isso, ativos e inativos devem lutar pelo melhor funcionamento do sistema previdenciário). 3) E, finalmente, ninguém morrerá à míngua (desvalidos atacados pela fome e pelas doenças. (eis a Assistência Social que dá amparo constitucional à política estatal de socorro aos muito pobres, com a

inclusiva e cidadã tem outro sentido para adversários de classe e representações políticas dessas classes – incluindo a mídia tradicional brasileira, ao lado de diversos atores nas redes sociais que atacam o Bolsa Família como populismo e ou formas de cooptação eleitoral da massas. Essa disputa pelo sentido dos acontecimentos foi particularmente violenta entre a mídia tradicional e os protagonistas das jornadas de julho de 2013: a mídia tradicional afirmava que todas as manifestações eram contra a Presidente da República e, ao mesmo tempo, associava as manifestações à baderna e aos Black Blocs – sobretudo depois que os manifestantes tomados de fúria atacaram repórteres e incendiaram carros de reportagem de emissoras de televisão - todos acusados de manipulação de fatos noticiados.

Essa disputa pelo sentido dos acontecimentos está interligada à disputa por recursos materiais e bens simbólicos necessários à vida. A pluralidade é, então, manifesta e, nas democracias contemporâneas, há esforço para estabelecer (ou fabricar) consenso ativo ou passivo e diminuir (ou reprimir) o dissenso. As críticas de Lazarsfeld, da Escola de Frankfurt e de McLuhan – sobre o poderio da mídia na sociedade democrática, contemporânea -, foram desdobradas em pelo menos três estudos sobre conflitos sociais, políticos, econômicos e ideológicos (plano cultural) e que são as formas de agendamento, os estudos que visam construir o silenciamento do outro e, talvez o mais preocupante, a forma de impor uma realidade à sociedade, pela propagação de certas idéias e a explícita repressão da dissidência.

Examina-se agora, a forma do agendamento que é o agenda setting (McCombs e Shaw, 1972) [24] fruto das pesquisas sobre as relações entre mídia, candidatos e eleitores, nas eleições norte-americanas de 1968, na cidade de Chapel Hill, comandadas por Maxwell Mccombs. Resumindo: Trata-se de estudo de sociologia política sobre tentativa de agendamento da opinião pública, objetivando controlar as decisões e colher os votos dos eleitores, através da sintonia entre a agenda dos eleitores (seus interesses e esperanças) e a agenda do candidato [25]. McCombs e Shaw estudam

sustentação do Bolsa Família e outros tipos de amparo aos muito empobrecidos).

[24] MCCOMBS, Maxwell e SHAW, Donald. "The Agenda-Setting Functions of the Mass Media", Public Opinion Quarterly, vol. 36, 1972.Maxwell Mccombs nasceu em 1940. Graduou-se em Letras pela Tulane University (1960). Trabalhou como repórter no New Orleans Taimes entre 1961 e 63. Terminou seu doutorado em 1966 (Stanford University). Passou – entre 1965 e 1985 pelas universidades de Los Angeles, Carolina do Norte e pela universidade de Syracuse. Entre 1975/1984, McCombs foi diretor do News Research Center de American Newspaper Publishers Association. Ingressou, em 1985, na Universidade do Texas, em Austin, passando a colaborar com a Universidade de Navarra, na Espanha. É presidente da World Association for Public Opinion Research. Uma das mais famosas publicações de McCombs e Shaw é: _____ e _____. The Emergence of American Political Issues: The Agenda Setting Function of the Press (1977).

[25] Esse agendamento já havia sido percebido, na década de 1940, por Bernard Berelson e, antes, por Walter Lippmann (década de 1920). Bernard R. Berelson foi graduado e se doutorou na Universidade de Chicago. Foi sociólogo, demógrafo, cientista político e pesquisador de comunicação e atuou na área da Sociologia. Foi decano da Escola de Biblioteconomia e Ciências da Informação da Universidade de Chicago. É referência mundial no campo da análise de conteúdo (busca de descrição/compreensão de mensagens

essa sintonização entre o que querem os eleitores e que podem oferecer os candidatos, sintonização que conta com o controle do noticiário dos jornais cuja credibilidade funciona como referencial para o debate político. Esta seleção de notícias ou de temas nos jornais, coloca em primeiro lugar, algumas questões, diminuindo a importância ou mesmo ocultando outras questões. A seleção de notícias (agendamento) tenta dizer ao público, o que é mais importante pensar (hierarquia dos temas ou qual é a agenda que o público deve considerar como se fosse sua). E, finalmente, McCombs defende, também, que a agenda setting produz, a longo prazo, a partir da instrumentalização da mídia, efeitos cognitivos, ao socializar percepções e valores políticos.

O agenda setting pesquisa temas políticos no pólo da recepção (relação entre temas e indivíduos) e no pólo da emissão (mídia, poder público ou poder político) [26]. O agendamento depende das seguintes condições: A) possibilidade de mediatização de um feito/fato ou ocorrência (possibilidade de narração mediática e midiática de fato ou de um evento) pela personalização, pela dramatização, pela eventualização ou, ainda, pela direcionamento do conteúdo da mensagem [27]. B) A mediatização de um tema pela dramatização ou estabelecimento de um conflito entre partes relacionadas e ou atores sociais, econômicos e ou culturais, seja em nível de sociedade civil, seja em nível estatal ou institucional [28]. A mediatização de um tema pode ser realizada pela dinamização de acontecimentos (provocar eventos - tais como festas, espetáculos, comemorações, solenidades, encontros, seminários, convenções, simpósios, festivais e outros), com objetivos institucionais, comunitários ou promocionais – e com finalidades políticas objetivas [29]. A mediatização

comunicativas de forma objetiva e sistemática quantitativa – muito relacionada com a busca e processamento de informações na área da computação). Nasceu em 1912 e faleceu em1979.

Walter Lippmann (1889-1974) – nasceu em Nova Iorque, graduando-se em Língua e em Filosofia pela Universidade de Harvard, onde foi, também, militante socialista (criou o Harvard Socialist Club). Abandonou o socialismo em 1916, unindo-se ao Partido Democrata. Participou da criação da Liga das Nações. A partir de 1920, começa a publicar, no New York World, as famosas colunas de opinião (foi diretor do jornal entre 1929 e 1931). Publicou, em 1922, o famoso Public Opinion e, em 1925, The Phantom Public. Foi considerado, ainda em vida, o colunista mais influente dos EUA (decano do jornalismo norte-americano) e, como tal, ganhou o Prêmio Pulitzer em 1958 e em 1962. Em 1965, defendeu o estatuto de profissão de nível superior para o jornalismo, na Assembléia Geral do International Press Institute (IPI), realizada em Londres

26 Cf.: WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa: Presença, 1987. BARROS FILHO, Clóvis (e BARTOLOZZI, Pedro Lozano / Colaborador). Ética na comunicação - da informação ao receptor. São Paulo: Moderna, 1995.

27 A mediatização de um tema se dá pela personalização do conteúdo (busca da identificação do tema com um sujeito – tornando o tema mais compreensível para os indivíduos e para o público).

28 Encenação ou exploração de conflitos entre indivíduos, entre indivíduo(s) e grupo(s), entre indivíduo(s) e instituição (o caso da casamento homoafetivo e a Igreja Católica – que considera o casamento um sacramento) ou indivíduos e instituições, ou entre instituições (confrontos entre dois partidos políticos, ou entre igrejas Católica e Evangélicas, ou entre igrejas Evangélicas e os segmentos religiosos Afro-Brasileiros, por exemplo.

29 Essa perspectiva tem muito a ver com os critérios empíricos de seleção de informações que cita a identidade social, a identidade humana, a proximidade,

de temas, através da mensagem, depende da conjuntura, do meio social, da personalidade dos membros da comunidade, do poder produtivo da mídia, da capacidade da equipe de trabalho da mídia, do conhecimento ou interesse de conhecer por parte do público e, é claro, da importância do tema. C) Outros fatores de condicionamento do agenda setting são externos e dizem respeito as fontes da notícia (o poder de agendar notícias ou pautar noticiários) - o que envolve os mais variados campos políticos e econômicos, sociais e culturais da sociedade [30]. D) O agenda setting é condicionado, também, pelo nível de informação, pelo tempo de veiculação de mensagens e de exposição do receptor à mensagem (área de severas críticas ao agenda setting). E) E, muito importante, o agendamento é condicionado pela nível de recepção que implica: I) Quanto maior proximidade e familiaridade do público com o tema, menor a dependência deste da informações da mídia. II) E quanto maior distância e menor familiaridade do receptor com o tema, maior a dependência da informação mediática e midiática. E - III) A condição última e imprescindível de todo agendamento: é necessário o máximo controle da mídia [31].

quantidade e quálidade dos acontecimentos. Cf.: LAGE, Nilsom. Ideologia e técnica da notícia. Petrópolis : Vozes, 1979.

30 Observe-se o agendamento, promovido Câmara dos Deputados e pela mídia (o Jornal da Band e a Band News são os mais destacados na campanha a favor da diminuição da menoridade penal) sobre a o Estatuto da Criança e do Adolescente (tratar como se adultos fossem menores a partir dos 16 anos). Veja-se o agendamento promovido pela mídia (destaque para a rede Globo – com Bom dia Brasil, Jornal Nacional e Globo News) contra o Governo de Dilma Roussseff e, sobretudo, o agendamento da "crise econômica" – transformando os efeitos de 7 (sete) anos de recessão da economia mundial em "desgoverno" da Presidente da República, do Partido dos Trabalhadores e dos particos que garantem a governabilidade.

Espiral do silêncio ou técnica de silenciamento

A alemã Elisabeth Noelle-Neumann (nascida em Berlim, em 1916) apresenta uma teoria da opinião pública, elaborada a partir de pesquisa sobre as eleições de 1972, realizadas na Alemanha; No livro "The Spiral of Silence", de 1984 [32]. Noelle-Neumann denomina «hipótese da espiral do silêncio», ao silêncio das pessoas diante de temas polêmicos (aborto, anti-semitismo, eutanásia, genocídio, homossexualismo, racismo) e

31 Essa tese está na origem da hipótese do Líder de Opinião - ou seja: a agenda dos meios, antes de chegar ao público amplo, são mediadas pelos Líderes ou Formadores de Opinião. Convém indicar que a hipótese e as pesquisas do agenda setting suscitam várias críticas - sobre a qualidade do investimento, a quantidade dos pesquisados e sobre o rigor da própria concepção.

32 Elisabeth Noelle-Neumann, nasceu em Berlin, na Alemanha em 1916. Estudou jornalismo em Berlin, com e Filosofia em Königsberg e em Munich. Ampliou seus estudos sobre Jornalismo na Universidade de Missouri, nos Estados Unidos, doutorando-se em Jornalismo em Berlin, em 1939. Aos 19 anos uniu-se ao Partido Nazista do qual foi ativa militante. Ao final da guerra, Elizabeth Noelle-Neumann mudou seu credo político. Junto com seu marido – Hubert Neumann -, fundou um Instituto para pesquisas e estudos sobre opinião pública (patrocínio da Democracia Cristã da Alemanha). Em 1961 trabalhou na Universidade Livre de Berlin e, mais tarde, transferiu-se para a Universidade Johannes Gutenberg de Mainz (1964 - onde obteve sua cátedra de Jornalismo e onde fundou o Institut für Publizistikel, que dirigiu até 1983 e foi professora das Universidades de Chicago e Munich (http://www.infoamerica.org/teoria/noelleneumann1.htm, em 18/06/2008)

ou o silenciamento diante de temas que já dividem a opinião pública. A hipótese da espiral do silêncio parte de um pressuposto: o medo que têm os agentes sociais em geral de se encontrarem isolados em seus comportamentos, atitudes e opiniões. Trata-se da inibição pessoal diante da opinião considerada dominante – o que pode ter em dois resultados: (I) a impressão de que a opinião considerada dominante e mais forte do que é realmente e (II) a opinião considerada dominada aparece como mais fraca do que realmente é. O medo do isolamento resulta na tendência ao silêncio. Deste modo, em um determinado universo social, quanto mais forte for (ou parecer ser) a opinião dominante, maior será a tendência ao silêncio da opinião dominada ou tendência ao silêncio da opinião minoritária. A tendência ao silêncio, entretanto, exige um conjunto de condições que são: 1) Controle tendencial de temas ou de conteúdos (controlar todas as mídias e obter publicação das mesmas notícias, informações ou idéias). 2) Controle tendencial (obter tratamento igual para o mesmo fato por todas as mídias – ou seja, mesmos fatos e o mesmo ênfoque ou valorização). 3) Canalização (revestir o tratamento do fato e da informação com aparência de objetividade e tratar a versão elaborada sobre o fato como se fosse a opinião dominante). 4) Distinção (tratar o fato e ou a informação com aparente liberdade de opinião e liberdade de manifestação ou de imprensa - liberdade de imprimir – para quem tem poder econômico e financeiro de imprimir jornais e ou revistas).

No Brasil, o intenso noticiário da mídia que age como oposição ao Governo Federal e aos aliados do chamado lulopetismo desde de 2010 – desdobrou os ataques ao mensalão do PT – durante as eleições presidenciais / estaduais de 2006 (Lúla versus Geraldo Alkmin), nas eleições municipais de 2008 e eleições presidenciais de 2010 (Dilma Rousseff versus José Serra), nas eleições municipais de 2012 e no noticiário que sempre associava o governo Dilma Russeff às formas técnico-corruptíveis usadas pelos empresários e seus prepostos, para ganhar licitações de obras públicas com preços inflados, indispensáveis para gerar recursos com os quais controlavam (e controlam, ainda), as votações no Congresso Nacional, ou ainda a associação de malfeitos com poderes estaduais ou municipais do PT ou de aliados do PT. (basta lembrar as bancadas da bala, das armas, da bebida ou do gole, do segmento bancário e financeiro, bancadas dos empreiteiros, do agronegócio e ou bancada da bola). Esse procedimento técnico-corruptível vem assegurando, ainda hoje, a ingerência direta de empresas, empresários e seus prepostos administrativos ou políticos nos Órgãos Públicos (Ministérios, Estatais etc).

Este processo foi agravado em 2013, quando os protestos,passeios e passeatas[33] foram transformados pela mídia em manifestações totalmente contra a Presidente da República (as pesquisas, na época, indicavam o repúdio da maioria era contra todos os políticos e todos os partidos). Acresce dizer da massiva divulgação do não vai ter copa e, finalmente, da associação da operação Lava Jato com Dilma Roussseff e com o PT (atores institucionais que sustentam as investigações através da Polícia Federal sob comando do Ministério da Justiça), excluindo-se todos os outros partidos do governo ou da oposição, durante a disputa eleitoral para a Presidência da República, em 2014.

---

33 Ver FRANCISCO, Dalmir. Protestos, passeios, passeatas? Revista Caminhos, v. 30, outubro 2013. Belo Horizonte: Apubh, 2013, p. 6 - 21.

Esta avalanche de informações elaboradas pela mídia tradicional e por setores do Judiciário contra o PT e contra o governo Dilma Rousseff cresceu em 2015. Este processo – 2004 / 2015 – parece ter resultado, ao que tudo indica, no silenciamento de partidos políticos e de lideranças políticas – sejam petistas, sejam aliados do PT nos governos Federal e nos governos dos Estados e dos Municípios. Cabe sublinhar que, salvo engano, apenas alguns líderes petistas e, como partido, o PCdoB, insurgiram-se frente à massiva informação dirigida (e, não raro, distorcida e ou inventada) contra o os governos dos municípios, dos Estados e o Governo Federal - liderados pelo PT ou por partidos aliados.

Propaganda, consenso autoritário e repressão da dissidência.

As hipóteses do agenda setting e da espiral do silêncio têm muito a ver com as leis da propaganda política. A propaganda política pode ser delimitada como tipo de publicidade sistemática e persuasiva de idéias e ideais (ideologias) com a finalidade de dirigir e controlar a percepção e ou o pensamento dos indivíduos de uma coletividade, moldar comportamentos, conquistar o apoio e sobredeterminar as decisões de indivíduos – em função da conquista e ou da conservação do poder[34]. As leis de propaganda política são conhecidas como: Lei da simplificação, do inimigo único, da orquestração, da transfusão, da identificação, da unanimidade e da contrapropaganda. As leis da propaganda podem ser resumidas da seguinte maneira: lei da simplificação (condensar o tema / ideologia em mensagens simples, e com apelos ao entusiasmo e à paixões políticas). O credo de Nicéia condensa a fé dos católicos[35], assim como a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão foi a propaganda da Revolução Francesa e o Manifesto do Partido Comunista é resumo de modo claro da doutrina comunista[36]. Os nazistas diziam e todos entendiam: ein volk, ein reich, ein führer. No Brasil, Fernando Collor usou a lei da simplificação, ao dizer que todos os problemas do Brasil eram à fraqueza, a desonestidade e a incompetência do governo federal (José Sarney). FHC fez o mesmo ao dizer, em 1997 que se não continuasse como Presidente do Brasil, a economia seria destroçada pela volta da inflação e destruição do Plano Real implantado no país por Itamar Franco (1930 / 2011). Lula, em 2006 e em 2010 não fugiu da simplificação: a volta dos tucanos destruiria o processo de diminuição das desigualdades, que vem sendo realizada através da valorização dos salários e consolidação dos direitos sociais.

Lei do inimigo único (criar um inimigo

34 Cf.: RABACA, C.A. E BARBOSA, G. Dicionário de Comunicação. Rio de Janeiro: Codecri, 1978. DOMENACH, Jean-Marie. A propaganda política. São Paulo: Difel, 1963 (original: ____La propagande politique. Paris: PUF (Presses Universitaires de France), 1950. OLIVEIRA TORRES, João Camilo. A propaganda política – natureza e limites. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1959.

35 "Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador {do céu e da terra}, de todas as coisas visíveis e invisíveis; E num só Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, gerado unigênito do Pai {antes de todos os séculos}, Deus de Deus {luz da luz} Deus verdadeiro de Deus verdadeiro. Gerado não feito, consubstancial ao Pai, pelo qual todas as coisas foram feitas. Que por nós os homens e por nossa salvação desceu {dos céus} se encarnou {por obra do Espírito santo de Maria Virgem} se fez homem.{Que foi crucificado também por nós } padeceu {sob Pôncio Pilatos e foi sepultado}... Cf. www.dommauro.com.br/concilio44.php - em22/04/2009, às 22:38.

36 DOMENACH, 1963: 54.

comum e sobre ele lançar todos os males e, sobretudo, buscar lançar o ódio do público). Não se luta contra todos, mas contra cada um e a cada vez. Contra este inimigo único lança-se todos os males, toda a culpa de todos por todos problemas e todo o ódio do povo. FHC, em 1998, simplificou: derrota de FHC seria a volta da inflação e lançou este perigo nas costas do inimigo único – que ameaçava o Brasil e todos os brasileiros: era Lula. Aécio Neves, senador da República, quando candidato à presidência da República, em 2014, afirmava que acabar com a corrupção no Brasil implicaria em tirar o PT do poder.

Lei da orquestração (controlar toda a mídia para que o tema seja tratado da mesma forma ou a ideologia, seja reproduzida fielmente). Trata-se da "infatigável repetição dos temas principais"[37], sob variadas formas – traduzidas em palavras de ordem, em slogans, refrões, bordões, e outras formas de condensação simplificada. A repetição exige repetidores, isto é, exige o coro afinado, portanto, a orquestração, ou seja, toda a mídia, de maneiras variadas, deve dizer a mesma coisa, sobre o mesmo tema. Lei da ampliação e da desfiguração: ampliar as conseqüências de um fato, exagerar seus contornos, como a imprensa, engajada na disputa pelo poder político desde 2010, vem fazendo com a crise econômica, exagerando seus efeitos no Brasil, multiplicando o desemprego, a queda dos negócios, dos investimentos, da renda, modo de diminuir a popularidade da Presidente Dilma Rousseff e diminuir o prestígio do maior eleitor, em 2010 e em 2014 – ex-presidente Lula.

Lei da transfusão (revestir o tema tratado com valores tradicionais e idéias arraigadas no sentimento comum do público). Nenhuma propaganda é feita em cima do nada. Toda propaganda age sobre uma noção, um sentimento, uma crença preexistente. No Brasil, um dos fetiches sexuais é a bunda. Nos anos de 1960, uma propaganda do cigarro Continental (sem filtro!) colocava duas mulheres, muito bonitas, uma branca e uma mulata, de biquíni, andando, rebolando na praia, com um slogan tendo por BG um samba: preferência nacional é continental – e o cigarro, como o charuto, desde a revelação de Freud, é símbolo fálico. Por isso, a associação entre cigarro, poder (mansão, lugares paradisíacos – paraíso que é habitado por deuses -, carrões), poder fálico dos machos e mulheres belíssimas resultou no slogan: Carlton: um raro prazer.

Lei da identificação (valorizar o tema / ideologia como se fosse reflexo dos desejos e aspirações da maioria). Ninguém fica sozinho, todos desejam estar, harmonicamente, com seu grupo. Se uma idéia, um ideal, uma posição política e ideológica é unânime, a tendência é que todos adotem a posição política e ideológica, o ideal ou a idéia. Assim, a propaganda parte de valores, noções ou percepções arraigadas no pensamento, sentimento ou nos valores da comunidade. E, por fim, a Leis da contrapropaganda e lei da unanimidade. A lei da contrapropaganda é processo de caracterizar toda a dissidência em relação ao tema e ou a ideologia como inimiga da vontade geral da maioria; o adversário nunca diz a verdade, sempre mente, por isso, não merece a atenção e, muito menos, a crença de ninguém - e, por isso, é possível caracterizar seus pronunciamentos, como falas sem credibilidade, buscando-se a desmoralização do adversário e ou do inimigo único. A Lei da unanimidade é a propagação ou afirmação do tema / ideologia como vontade da maioria, transformando em minorias as outras posições (minoritárias e derrotadas).

37 DOMENACH, 1963:61 (1950:55)

O agendamento, espiral do silêncio e as leis da propaganda: confluências.

As leis da propaganda, a agenda setting e a hipótese da espiral do silêncio são formas contemporâneas de tentativa de controle da informação e do fluxo da informação, incluindo o controle do debate, dos termos do debate ou a interdição do debate. Como exemplo de controle da informação e interdição do debate, pode ser citado o financiamento privado das atividades político-partidárias de representação, conquista eleitoral e exercício do poder no Brasil. Este conluio técnico-corruptível entre todos os partidos políticos, lideranças políticas e empresas capitalistas (áreas de produção e áreas financeiras) poderia ter sido totalmente desnudado pelas denúncias deste processo em 2004. O financiamento técnico, corrupto e corruptível da iniciativa privada já estava revelado: as empresas, via superfaturamento de obras e de serviços prestados ao Estado, amealharam vultosos recursos, processo sustentado pelos partidos políticos (situação e oposição), pela mobilização ou pela cooptação de dirigentes de empresas estatais e ou a imposição de técnicos com alta experiência para gestar e fraudar as licitações de obras e de serviços, conforme os ditames do mercado econômico (e político).

Entretanto,a mídia tradicional promoveu a simplificação do processo de articulação de empresas capitalistas da esfera produtiva e financeira com partidos políticos para domínio e controle exclusivo do Estado, das atividades próprias do Estado, incluindo os mecanismo internos e externos da atividade econômica e financeira. A mídia - orquestrada - identificou como corruptos setores do empresariado e alguns políticos e somente eles seriam os corruptos. Nesta cobertura midiática através da simplificação, foi disseminado o apelido mensalão do PT. O processo simplificado foi desdobrado na acusação formal e individualizada contra cerca de 50 políticos, assessores e empresários (25 condenados). Um dos acusados (Eduardo Azeredo, ex-governador de Minas Gerais) teve o processo enviado à primeira instância em Minas Gerais. Foi condenado, no final de 2015, pela justiça mineira e em primeira instância a mais de 20 anos de prisão – processo também individualizado e apelidado pela mídia de mensalão mineiro ou, mais tardiamente, mensalão tucano [38].

Será possível dissociar controle temático, de controle tendencial, de canalização (imposição de uma representação sobre o fato) e da construção da opinião dominante?. A espiral do silêncio, através da mídia, não impõe sobre o que falar e, mais grave, tenta determinar o que se deve ser pensado e discutido e conforme determinados enfoques sobre o tema ou sobre o noticiário?

O agendamento e a espiral do silêncio apresentam pelo menos três perturbadores pontos em comum: ambas são formas de controle da informação ou da comunicação na sociedade democrática, contemporânea. Ambas são formas de controle do conteúdo das informações e das notícias e ambas pressupõem (ou exigem como condição indispensável) o máximo e ou o total controle da mídia. Estes três aspectos não relacionam agenda setting e espiral do silêncio com a propaganda política e, como tal, com as chamadas leis da propaganda sempre associadas (justamente ou não) ao

---

[38] http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2015/12/eduardo-azeredo-e-condenado-20-anos-de-prisao-por-mensalao-tucano. 17 / 12 / 2015 - Acesso em 01 de janeiro de 2016

nazismo?

O quadro I, na página seguinte, indica a proximidade entre as leis da propaganda (origem nazista e, também, religiosa), a agenda setting e a espiral do silêncio. Entre elas, pode haver diferenças, a começar, diferença de contexto. Mas, as três formas apontam para o controle da informação, controle dos termos do debate e do nível de informação e controle finalmente, da fala do outro e dos efeitos cognitivos que esses controles exercem.

O agendamento, a hipótese de silenciamento e as leis da propaganda são dispositivos e técnicas de estabelecimento (instauração de uma conjuntura ou situação duradoura de força) que objetivam impor o consenso e anular ou eliminar o dissenso, usando controle da comunicação.

As três formas de controle da informação e da comunicação possuem diferenças - mas as semelhanças são muito fortes e tornam modos de influenciar a opinião pública em formas complementares de estatuir a opinião publicada sobre e por sobre os diversos segmentos da sociedade contemporânea e democrática.

As leis da propaganda, o agendamento, e os modos de imposição do silêncio tentam pautar ou criar uma agenda (agens, agere - coisas a fazer e agir, no sentido de colocar em movimento) ou ordem do dia, no sentido de algo determinado para a cidadã ou o cidadão pensar ou fazer. A agenda setting diz sobre o que pensar e sugere como o que pensar pode-e-ou-deve ser pensado (com que enfoque, com que valores). A hipótese da espiral do silêncio demarca o que pensar (tema, problema, ideias) e com que lógica e qual sentido a notícia ou a narrativa de algo pode-e-deve ser pensado (tendência de isolar a dissidência pelo controle tendencial do conteúdo). As leis da propaganda são mais explícitas e objetivas: eis o que deve ser pensado, com quais objetivos, com quais valores, quais dados, em que direção ética e, ao mesmo tempo, informando que a discordância é posicionamento de minorias derrotadas e contrárias à vitoriosa maioria.

A agenda setting coloca na ordem do dia o que é a importante para o público discutir (tema, ou problema ou ideia) através e usando do prestígio de jornais (credibilidade do noticiário em mídias impressas ou eletrônicas) – credibilidade essencial para impor o que o público deve tomar como mais importante para si. A busca da credibilidade de jornais, pelo agendamento, para impor uma pauta para o público será diferente da consonância temática da Espiral do Silêncio pela qual todas as mídias devem publicar as mesmas informações, devem tratar do mesmo assunto e com o mesmo enfoque? E essa semelhança será diferente da exigência da orquestração das leis da propaganda (controlar toda a mídia para que o tema seja tratado da mesma forma ou a ideologia seja reproduzida fielmente)?

O agendamento, a hipótese da espiral do silêncio e as leis da propaganda são dispositivos para a transformação da opinião publicada (opinião da mídia, orquestrada ou não) em opinião pública, pois objetivam circunscrever as informações e o acesso às informações dos diversos segmentos da sociedade sobre processos sociais, políticos e econômicos.

Esta tendência de circunscrever informações implica em limitação das possibilidades de pensamento. Logo, o agendamento ou o silênciamento e as leis da propaganda implicam em efeitos cognitivos. Em 2004 e 2005 o caixa dois envolveu empresas privadas, bancos e

financeiras, empresas de comunicação, partidos políticos e lideranças políticas. Mas, todo esse processo ficou intocado e esse procedimento lesivo à toda sociedade brasileira, foi ocultado e soterrado pela avalanche mediática que transformou tudo isso em mensalão do PT. Essa simplificação orquestrada manteve na sombra o processo técnico corruptível pelo qual empresas privadas, bancos, financeiras, segmentos políticos e um seleto grupo de políticos dominam os negócios com o Estado e também em parte os negócios do Estado. O mesmo processo ressurgiu na operação Lava Jato – transformada pela mídia tradicional, por segmentos do Judiciário, por partidos altamente corrompidos e por lideranças políticas já denunciadas pelo STF em Lava Jato do PT ou petro-roubalheira ou ainda petrolão.

Vale citar a indignação de jornalistas que buscam a verdade e o verdadeiro através de blogs, como Diário do Centro do Mundo, Conversa Afiada, Jornal GGN, Tijolaço ou O Cafezinho - blog dirigido pelo jornalista Miguel do Rosário, que assim reagiu às manobras de empresas das esferas produtiva, bancárias, financeiras, da esfera midiática, de segmentos da Justiça e ou de líderes político-partidários que procuram transformar a Operação Zelotes[39] em investigação exclusivamente voltada contra Lula e sua família.

> "Muito revoltante o que aconteceu com a Operação Zelotes. O Cafezinho deu o furo: publicou a documentação completa da operação da Polícia Federal, quase 500 páginas de escutas telefônicas, documentos comprometedores. É incrível! A imprensa comercial fingiu que esse documento não existia! E daí se iniciou uma operação alquímica para transformar a Zelotes numa coisa completamente diferente! Reportagem do Valor de hoje diz que a Zelotes é uma operação que investiga a venda de medidas provisórias (...). Todos os acusados da Zelotes foram esquecidos e protegidos. A PF não mais acusou ninguém e interrompeu todas as investigações sobre a sonegação das grandes empresas. Ao invés disso, passou a concentrar sua artilharia contra o filho de Lula, que não tinha nada a ver com nada na operação. Aí sim, a grande mídia entrou (...) dando destaque, longas matérias no Jornal Nacional e no Fantástico - todas as outras mídias então também passaram a dar atenção à Zelotes (...) Enquanto isso, os mais de R$ 500 ou R$ 600 bilhões sonegados anualmente, um valor infinitamente maior do que qualquer esquema de corrupção, seja trensalão, mensalão ou petrolão, são varridos para debaixo do tapete .

Comunicação e democracia: luta pelo poder e luta pela vida

A comunicação mediática/midiática e a cultura comunicacional contemporânea

[39] A Operação Zelotes foi iniciada pela Polícia Federal (26 /03 / 2015) e investiga a corrupção junto ao Conselho de Administração de Recursos Fiscais - o CARF/ Receita Federal - que cuida dos recursos de instituições que tentam diminuir impostos devidos. Mediante propina, Conselheiros do CARF extinguiam ou reduziam as multas aplicadas contra empresas sonegadoras. Entre os grandes devedores juntos à Receita Federal / Ministério da Fazenda estão: Santander - R$ 3,3 bilhões, Bradesco - R$ 2,7 bilhões, Grupo Gerdau - R$ 1,2 bilhão, Safra - R$ 767 milhões, RBS (afiliada da Globo) - R$ 672 milhões, Camargo Corrêa - R$ 668 milhões, Bank Boston - R$ 106 milhões. http://www.ocafezinho.com//bomba-os-documentos-secretos-da-operacao-zelotes/ Acesso em 26/10/2015 e http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/10/pf-deflagra-nova-fase-da-zelotes-com-seis-mandados-de-prisao-preventiva.html.

Quadro II: Equivalência possível entre leis da propaganda, agenda setting e espiral do silencio		
Leis da Propaganda	**Agenda Setting**	**Espiral do Silêncio**
Simplificação e Inimigo único Condensar o tema / ideologia em mensagens simples, e com apelos ao entusiasmo e à paixões políticas Criar um inimigo comum e sobre ele lançar todos os males e, sobretudo, buscar lançar o ódio do público.	Agendamento do mesmo fato pela mídia. Mediatização via dramatização, encenação ou criação de falsos eventos (eventualização – modo de colocar em confronto um mocinho e um bandido ou facínora), personalização (individualizar o que é coletivo e facilitar a compreensão de algo complexo pelo coletivo ou simplificação do conteúdo para difundir a informação ou delimitar a percepção do outro.	Controle tendencial do conteúdo e controle tendencial dos termos do debate. Obter tratamento igual do mesmo fato, tratamento que deverá ser envolvido com a aparência de objetividade.
Orquestração - controlar toda a mídia para que o tema seja tratado da mesma forma ou a ideologia, seja reproduzida fielmente.	Explorar a credibilidade da mídia e exercer máximo controle da mídia.	Agendamento do mesmo fato pela mídia e obtenção de tratamento igual do mesmo fato.
Transfusão - revestir o tema tratado com valores tradicionais e idéias arraigadas no sentimento comum do público + Identificação - valorizar o tema / ideologia como se fosse reflexo dos desejos e aspirações da maioria + Unanimidade - afirmar o tema / ideologia como vontade da maioria, transformando em minorias as outras posições + Contrapropaganda - caracterizar toda a dissidência em relação ao tema / ideologia como inimiga da vontade geral da maioria.	Explorar e controlar o nível de informação junto ao público: explorar fatos e idéias, pois quanto maior proximidade e familiaridade do público com o tema, menor a dependência do público de informações da mídia e, ao contrário, quanto maior distância e menor familiaridade do receptor com o tema, maior a dependência do receptor da comunicação mediática e midiática. Vale notar: nada mais distante (ou abstraído ou abstrato) em relação do dia a dia do homem comum que razões do Estado e requisitos da economia de mercado.	Revestir o fato com aparente objetividade + tratar a versão do fato ouw sobre o fato como opinião dominante + tratar o fato ou idéia com aparente liberdade de informação (tratada como sinônimo de liberdade de expressão e como liberdade de imprensa).

– especialmente considerando as redes sociais[40] – devem ser positivadas. A comunicação é campo no qual atores

[40] Muniz Sodré ressalta a diferença entre mídia digital e mídia tradicional que representa realisticamente o referencial externo (notícia, esforço de narrativa verdadeira). A mídia digital não é cópia, nem é reflexo, nem é reprodução do real - mas é vivência apresentativa do real em termos gráficos, de tempo e de espaço virtuais - com prevalência da forma sobre o conteúdo. Em termos de Macluhan: forma-

sociais, pela fala, pela escrita e pela narrativa imagética buscam audiência para seus sonhos e aflições, necessidades e reivindicações. Trata-se, portanto, de campo de compartilhamento e de disputa entre atores desiguais, pelo reconhecimento das semelhanças e ajustamento (justiça) e superação das diferenças e ou desigualdades. A comunicação nas sociedades contemporâneas tende a ser um campo de disputa aberta entre atores, abertura possibilitada pela tecnologia e pela técnica.

O ano de 2015 foi rico no plano da disputa comunicacional pela verdade e pelo verdadeiro, não faltando nesta luta a simulação da verdade, do verdadeiro e a dissimulação (é notícia enganosa que simula informar, mas quer produzir efeito diverso procura fazer-crer que está informando, mas induz ou tenta induzir o receptor a um julgamento sobre fato ou ator social ou político.). A disputa política e midiática foi pública e publicada entre os que desejam e defendem um país mais comprometido com o social e a diminuição das desigualdades e, de outro, as classes altas e médias que lutaram pela economia de mercado, pela maior concentração de renda. O confronto midiático e nas ruas esteve longe do debate de ideias, mas foi pleno de manifestações de racismo, de preconceito de classe, de machismo, de homofobia, de ódio e desejo de retorno da ditadura militar. Essas manifestações, mais que uma sociedade dividida entre coxinhas e petralhas, indicou uma sociedade plural, diversa na sua composição étnico-cultural, de classes, de gênero, no plano da identidade sexual e da condição pessoal dos cidadãos, além de expressar uma confusa noção de cidadania. Essa diversidade ou pluralidade, entretanto, ao que tudo indica, foi abafada e mesmo reprimida pela mídia tradicional. A mídia tradicional (relembrando, chamada de PIG) convocou protestos, celebrou o sucesso de manifestações contra o Governo Federal e contra o PT; ao mesmo tempo, a mídia tradicional procurou ocultar ou diminuir manifestações a favor do Governo e ou do respeito à democracia e às regras do jogo democrático. Mas, a pluralidade existe e é real e o discurso (que se pretendia) único, hegemônico se deparou com o diverso nas das manifestações públicas de apoio ao Governo Federal, apoio à democracia e contra a proposta de impeachment sem nenhuma base jurídica.

Mas, não há como negar que essa pluralidade foi reprimida pelo agendamento negativo de notícias e pela negativização do noticiário sobre a realidade brasileira e a condução política e econômica do País. Também não se pode negar o silenciamento de lideranças sindicais, lideranças políticas, porta-vozes do Governo e de movimentos sociais - decorrente da associação entre Operação Lava Jato / Petrolão / Petroroubalheira / PT e o Governo da coligação político-partidária liderada que sustenta a Presidência da República. Interessante notar que até mesmo os intelectuais (de esquerda e liberais) recuaram. Este segmento, importante formador de opinião, só voltou a se manifestar organizadamente -, quando Eduardo Cunha, (sob acusações de corrupção e enfrentando pedido de afastamento da Presidência da Câmara dos Deputados) e a oposição (DEM e PSDB - com senador Aécio Neves à frente) colocaram efetivamente em risco a democracia (através de proposta de impeachment sem razões jurídicas) e o mandato da Presidente da República.

Todo este processo (melhor dir-se-ia

meio é a mensagem. SODRÉ, Muniz. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

imbróglio?) contou com o protagonismo oposicionista da mídia (interessa na derrubada do Governo Central) usou de todas as chamadas leis da propaganda. Ei-la na transformação da crise econômica internacional (é recessão mundial, desde 2008) em crise que teria sido gerada e seria administrada pela Presidente da República (lei da simplificação). O Governo Central e o PT são responsabilizados por tudo (crise econômica e corrupção e eis a lei do inimigo único). É o Governo Federal (através do Ministério da Justiça e da Polícia Federal) que sustenta as investigações sobre corrupção na Petrobrás, na Receita Federal e outras -, mas a mídia tradicional associa corrupção e Dilma Rousseff. Ao associar as manifestações contra o Governo Federal com a corrupção - a mídia tradicional parece por em prática a lei da propaganda conhecida como transfusão, ou seja: associa notícias negativas ou negativizadas sobre o Governo Central com a corrupção (que a Presidência da República vem combatendo a ferro e a fogo, através do Ministério da Justiça e da Polícia Federal). Deste modo, a mídia transfunde o sentimento comum de honestidade e de repulsa à corrupção para a própria notícia. A notícia irrigada pela transfusão pode ser somada à lei da unanimidade, pois a honestidade e a repulsa à corrupção são sentimentos unânimes. Assim a notícia é dissimulada como se fosse verdade, notícia verdadeira que todos querem. Mas, trata-se de simulacro de notícia (parece notícia, mas não é), trata-se, então de dissimulação, pois aparece como notícia, quando é apenas propaganda política.

Ora, esse conjunto de distinções é o reconhecimento - empírico e, por ser empírico, dimensionado, medido - da heterogeneidade, da pluralidade efetiva, do ruído posto pela polissemia e pela interdiscursividade próprias da linguagem e do discurso.

As pesquisas e os estudos das Ciências Humanas e Sociais de diversos áreas do conhecimento, sobre a comunicação mediática e midiática parecem decorrer de uma compreensão mais adequada da realidade - e ressaltam a pluralidade própria, real, das sociedades capitalistas. Essas perspectivas são mais abertas, mostram que a linguagem não é apenas suporte do pensamento, mas forma (e possibilidade) do pensamento - bastando citar a criação incessante de neologismo e a busca de sentidos outros para falas ou enunciados presentes nas criações literárias e na poesia.

Essas pesquisas e esses estudos demonstram a língua/linguagem codificadas, regidas por normas e que o enunciado sofre coerções e coações e que é preciso reconhecer o caráter cultural e social da interdiscursividade, pela qual ler e produzir textos são atos complexos. O produtor não pode prever tudo, aprisionar o sentido das comunicações ou das mensagens e direcioná-las de modo seguro para os receptores. Ler e compreender o mundo se operam a partir de situações concretas, dos sujeitos particulares e não a partir de categorias universais abstratas: o receptor torna multideterminada a leitura de mensagens elaboradas pelo emissor. A linguagem está sempre coagida por regras lingüísticas e culturais, regras essas que possibilitam que a mensagem tenha valor de troca, pois a linguagem é estrutural / estruturadora das falas, dos enunciados [41].

41 - Cf Barthes afirma que se desconhece o poder que reside em uma língua, porque se esquece que toda língua é uma classificação e, como tal, opressiva, pois a linguagem é uma legislação, a língua é seu código. E Barthes reafirma que um idioma se define menos pelo que ele permite dizer, do que por aquilo que ele obriga a dizer. BARTHES, Roland. Aula. São Paulo :

A mediação simbólica abrange emissores e receptores e, na sociedade contemporânea, de generalizada comunicação, a mediação simbólica é dupla: o discurso primário que aparece em espaço e tempo como feito particular (como a política, a economia, os acontecimentos sociais, planos de expressão da cultura, campos sociais, Medicina, Ciência). Esse fato primeiro é convertido em discurso secundário, que aparece em outro espaço e tempo – virtual -, criado na mídia e pela mídia. O discurso secundário é trabalho de seleção, de escolhas, de supressões, de disputas, de poder midiático que atravessa o próprio conflito entre sujeitos. Ao ofertar um conjunto de acontecimentos através dos quais um mundo é revelado / transladado ao receptor, o discurso transforma-se em referência e em modo de hierarquização do real [42].

A produção hierarquizada do noticiário é feita dentro da cultura, da história e da pluralidade real das sociedades (capitalistas) e se vale das expectativas diferenciadas – mas, expectativas manifestas por indivíduos de grupos étnico-culturais, de classe, de gênero, de sexo, ou de condição pessoal. Há expectativas de mínima diferença entre emissores e receptores e de grandes diferenças e pressuposta hierarquia. Isto significa que não há processo comunicacional – midiático ou não – que não haja, entre os atores, uma espécie de trato de com – trato entre emissores e receptores. Esses contratos (cuja forma mais simples é a interação entre indivíduos em esferas comunitárias ou societárias) se fazem por simetrias - pela isonomia e ou isotopia - e de mínima diferença entre parceiros, de modo que o comportamento de um reflete o do outro. Ou se fazem por complementariedade, através da maximização das diferenças: um dos polos da interação pode se colocar em posição superior ou doadora e o outro polo se coloca na posição inferior e de recebedor, o que revela a natureza conjugada da relação em que comportamentos dessemelhantes estão ajustados e se provocam mutuamente.

Essa relativização da relação entre Emissor / Receptor permite compreender que a comunicação que se dá no campo comum (que envolve todos), que está interligado com a técnica e é possibilitado pela tecnologia que invade as interações societárias. O agendamento ou o silenciamento (e mesmo as leis da propaganda) decorrem do entrechoque, isto é, das diferenças, da diversidade, da polifonia, dos conflitos da sociedade.

A mídia produz informações e concorre para a formação de conhecimento ou saber inexato, sobre coisas inexatas, não-permanentes, perecíveis - que são tratadas de modo necessariamente inexato, nos campos social e econômico, político e cultural (aspecto cognitivo da produção midiática). A mídia (e a comunicação mediática / midiática) produz informações e conforma saberes sobre o processo imediato da sociedade e os socializa pela fala e pela imagem (discurso das mídias eletrônicas) ou pela escrita (mídias impressas). Estas informações e saberes só podem ser disseminados nos campos semânticos de conteúdos comunicáveis ou campos restritos ao ato, ao movimento e ao discurso ou à declaração.[43]

Cultrix, 1989,p.12-13.

42 Ver: MAINGUENEAU, D. Novas tendências em Análise do discurso. Campinas: Pontes/Ed. Unicamp., 1993, p. 75-126.

43 Confira; SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. Técnica de redação - o texto nos meios de comunicação. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1982. _____ & _____ Técnica de reportagem - notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo : Summus,

A mídia é competência ou poder de pautar ou de agendar, de dizer, de mostrar, de hierarquizar e é poder de fazer-crer no noticiário sobre causas humanas e ou sobre ocorrências. E neste processo, são possíveis as formas de controle da informação e direcionamento do noticiário que privilegia uma visão da sociedade, em detrimento de outra - como no Brasil, no qual a mídia tradicional privilegia o discurso a favor da economia de mercado e hiperconcentradora de renda e riqueza em confronto com o discurso que propõe um desenvolvimento econômico socialmente mais justo.

Neste sentido, a mídia atinge diretamente as possibilidades de conhecimento, a capacidade cognitiva ou a própria razão dos cidadãos, sobre a sociedade e sobre a cidadania. Mas, este poder é, por consenso ativo ou consenso passivo, compartilhado, compartilhamento com conflitos que implicou, em 2013, em agressões a emissoras de televisão, a jornais, a jornalistas e a demais profissionais da comunicação, durante as jornadas de junho, com as massas de manifestantes enfurecidos diante do noticiário distorcido sobre as manifestações; cabe lembrar que em 2015, durante os movimentos contra e a favor do governo federal, todos eram contra a corrupção - mas, um era fora Dilma e pelo impeachment já e o outro era pelo fica Dilma e não ao golpe. Neles também ecoou o slogan o povo não é bobo fora a rede Globo.

Na sociedade pós-moderna, o ser humano perdeu todas as referências e a comunicação, hoje, é vanguarda das sociedades e do ser humano contemporâneo. Neste mundo contemporâneo, afirma Márcio Tavares do Amaral, o homem perdeu a verdade como adequação, o espaço geométrico como neutralidade, o sujeito como ser consciente-de-si e o tempo como relação entre o cronológico e o infinito. Mas, o mundo continua e por isso a crise é rica - pois a "busca da verdade continua, seja no plano da justeza e da justiça, seja no plano da produção que, mesmo através do simulacro/simulação do verdadeiro, tematiza e se põe no encalço da verdade" [44].

Somos nós contemporâneos da crise da verdade, do sujeito, do espaço e do tempo e contemporâneos da impossibilidade de se "falar de uma história como qualquer coisa de unitário", centrada no Ocidente euro-norte-americano - pois "não há uma história única, há imagens do passado propostas por pontos de vista diversos e é ilusório pensar que existe um ponto de vista supremo, global, capaz de unificar todos os outros" [45].

1986. Sodré e Ferrari definem a notícia como conhecimento atual e comunicável de assuntos de interesse da comunidade politicamente organizada. Na mesma direção, Lage conceitua a notícia como conhecimento fragmentário restrito a três campos semânticos - do agir, do ir-e-vir e do declarar - isto é, notícia é fragmento de aparência relativo ao homo-faber. LAGE, Nilsom. Ideologia e técnica da notícia. Petrópolis: Vozes, 1979.

44 D'AMARAL, Márcio Tavares. O vigor da cultural comunicacional: o paradoxo moderno contemporâneo. In: D"AMARAL, M. T.(Org.). Rio de Janeiro: Setre Letras, 1996, p. 9 - 26. Ver: HEIDEGGER, Martin. La época de la imagen del mundo. In.:_____. Sendas Perdidas. Buenos Aires : 1957, p.67-98. _____.: Língua de tradição e língua técnica. Lisboa: Vega, 1995.

45 VATTIMO G. A sociedade transparente. Lisboa : Relógio D'Água, 1992, p. 8.. HARVEY, David. Condição pós-moderna - uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Ed. Loyola, 1992; d'AMARAL, Márcio T. Comunicação e Diferença: uma filosofia de guerra para uso dos homens comuns. Rio de Janeiro:

UFRJ, 2004. HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências. Petrópolis: Vozes, 2002.

A sociedade é pós-moderna e pós-modernidade significa a implosão do projeto iluminista-modernista, autoritário, colonialista, imperialista - mas que possibilitou a explosão de vozes (do trabalhador, do colonizado, das questões de gênero, sobre identidade e vida no plano sexual ou de faixa etária) - ou a emergência da heterogeneidade, da pluralidade. Este processo atravessa e é atravessado pela mídia. Segundo Gianni Vattimo, a libertação das muitas culturas e de visões do mundo foi possibilitada pelas mídias. E o filósofo pergunta: que sentido teria a existência de jornais, de canais de rádio e de televisão (acresce dizer da internet), num mundo em que a norma fosse a reprodução exata da realidade, a perfeita objetividade, a total identificação entre mapa e território?" (VATTIMO,1992,13).

A sociedade que perde o moderno ideal de uma realidade central da história, abre-se ao plural, ganha a diversidade de gramáticas, de regras, de códigos, mundo de vozes em disputa, consciente de sua historicidade, de sua contingência ou limitação. Os EUA invadidos por imigrantes ilegais e a Europa por fugitivos de guerras provocadas e sustentadas pelo Ocidente europeu e norte-americano, eis, em suma, o projeto iluminista, modernista, ocidental estilhaçado. As referências se espatifaram. E é a comunicação mediática e midiática que, dia após dia, sob conflitos e tensões, conta que o mundo é e prossegue, conta para fazer sentido. O ser humano não perdeu o direito ao sonho, nem perdeu o direito às utopias, sonhos e utopias que se reafirmam e se projetam no mundo da comunicação intensificada.

Sandra Maria Motta Lima



Pedagoga e psicóloga, professora aposentada - FAE - UFMG

Assunto de vida e morte ou um brinde à vida

A vida é a obra-prima do Autor da existência. Trate-a como seu maior tesouro. Augusto Cury - Psiquiatra

Dia 09 de julho de 2013, saí de casa com alegria. A manhã de vento frio e ensolarada tocava meu rosto e minhas mãos, esfriando e iluminando. Mas o meu coração estava aquecido e batia calmamente. Coração em paz.

No ponto de ônibus, conheci uma senhora que estava indo ao hospital visitar o pai de 91 anos. Ele está vivendo ligado aos fios e aparelhos. Ela falou-me sobre o sofrimento da família. O pai dela gostaria de viver assim? Nunca conversaram sobre isso. Contei- lhe que depois do almoço eu iria à Faculdade de Medicina da UFMG a fim de assinar um documento doando o meu corpo para estudo. Disse-lhe também, que eu não gostaria de ser mantida viva artificialmente em caso de perdas irreversíveis para a minha qualidade de vida. Após nos despedirmos, seguimos nossos caminhos.Sei que doar sangue, órgãos e corpo é brindar à vida.

Às treze horas e trinta minutos eu já estava na Faculdade de Medicina. Um pequeno grupo aguardava o professor de anatomia o qual também é doador. Ele nos falaria sobre a doação e depois assinaríamos os documentos necessários. A faculdade precisa de corpos. A UFMG faz parte da minha vida. Nela eu estudei, trabalhei e me aposentei. A carteira de doadora com a minha foto é um vínculo construído na alegria de doar e de continuar sendo útil após a morte.

Há muito tempo descobri que é difícil conjugar o verbo morrer. A dificuldade não vem da gramática, mas das questões afetivas, sociais, culturais e econômicas as quais são conjugadas com ele. Conjugá-lo na primeira pessoa é dificílimo. Ninguém quer pensar na própria morte. A finitude nos assusta. Eu conjuguei o verbo morrer com o verbo doar e garanto que não doeu. Alguns dos meus órgãos poderão ser aproveitados em pessoas doentes, trazendo vida nova para elas. Isso é conjugar o verbo morrer com o verbo viver. Mas... é preciso saber viver.

Por enquanto, estou recebendo e doando vida. Vida é troca bioquímica, física, social e espiritual. Vida não se deixa pra depois. Prossigo de bem com ela, deliciando-me com os bons tachos até a última raspinha. Do jeitinho que se faz com a goiabada e o doce de leite, uai! Nunca se sabe se haverá tempo para mais um pão de queijo e um carinho. Aliás, tenho um carinho morninho para você: o meu agradecimento por compartilharmos esta reflexão.Brindemos à vida!

"Viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz" Gonzaguinha
"Vivendo e aprendendo a jogar, nem sempre ganhando, nem sempre perdendo, mas aprendendo a jogar". Guilherme Arantes

"Não espere enfartar para cuidar da sua qualidade de vida e nem perder o que mais ama para tomar decisões. Decida, faça escolhas, planeje sua vida. Os tesouros do coração são conquistados, não nos chegam através dos genes". Augusto Cury - Seja líder de si mesmo

"Quem tem luz exterior caminha sem tropeçar, quem tem luz interior caminha sem medo de viver" Augusto Cury - Seja líder de si mesmo

ERRATA

Por um erro de impressão, na edição de nº 30 da Revista Caminhos não foram publicadas notas de pé de página com informações complementares e referências bibliográficas do artigo "Preservação da Memória", de autoria de Humberto C. de Carvalho.
As notas seguem abaixo:

Pág. 88
Um distúrbio cerebral raro, dificultador da capacidade de reconhecer rostos, chamado prosopagnosia, seria causado por danos em regiões específicas do hemisfério direito cerebral. Sua incidência parece aumentar com a idade. Como os daltônicos, em relação às cores, os prosopagnósicos penam para reconhecer rostos. Paciência com ambos! Pessoalmente, quando encontro um companheiro da Velha Guarda, utilizo o seguinte artifício: "Você é o ... ... do Departamento ... ..." . Funciona! Em geral, o interlocutor vocaliza rápida e corretamente ambas as lacunas. Continuo então: "Eu fui do Departamento de Biologia Geral do ICB e sou o ... ...". Em geral, o interlocutor também se antecipa, preenchendo corretamente essoutra lacuna.

Pág.89
SALOMON, D.V. Caminhos. 22, 2003.
PEREIRA, J.E.D. Formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Pág. 90
NEVES, D.P. Mentes e mitos. Gráfica e Editora O Lutador, 2012.

Pág. 91
No início da gestão 2002/2004, o Presidente eleito, Fernando Fidalgo licenciou-se, assumindo seu cargo a primeira Vice-Presidente Rosângela Carrusca Alvim.

Pág. 94
CLEVER, R. Cam. 05, 1992.
MORAIS, G.W. Cam. 08, 1979.
CARVALHO, H.C. Cam. 27, 2010 e 29, 2012.
Claret . Cam. 29, 2012.

Pág. 95
MAIA, A.C.N. & MENEZES, W.A. APUBH – 20 anos: História oral do movimento docente da UFMG. Belo Horizonte:APUBH – S. Sind., 1998.

PUBLIQUE NA REVISTA CAMINHOS

Chamada para publicação de trabalhos no 1° semestre de 2016

A Revista Caminhos, publicação do Sindicato dos Professores de Universidades Federais de Belo Horizonte e Montes Claros, abre período de submissão de trabalhos para publicação na edição de número 32, em junho de 2016.

Os trabalhos devem ser enviados para o e-mail comunicação@apubh.org.br até 06 de maio de 2016.

Orientações para envio e publicação de artigos:

1) Todos os professores da UFMG, filiados à Apubh, ativos e aposentados, podem enviar seus artigos;
2) Os artigos deverão respeitar as seguintes especificações: fonte Times New Roman, tamanho 12, texto justificado, espaço 1,5, com 25.000 a 35.000 caracteres;
3) Poderão ser enviadas, também, produções literárias e elustrativas (charges, desenhos, poesias, ensaios, contos, etc) que guardem relação com os temas tratados na Revista.
4) Os interessados devem enviar um mini-currículo, de até 200 caracteres, e duas fotos 10 x 15 para publicação na revista;

5) Os temas abordados devem estar dentro dos seguintes eixos temáticos:
5.1. Carreira e Trabalho Docente;
5.2. Ciência e Tecnologia;
5.3. Política Educacional;
5.4. Universidade e Autonomia;
5.5. Mercantilização da Educação;
5.6. Universidade e Movimento Docente;
5.7. Eleições;
5.8. Temas acadêmicos em geral.

O Conselho Editorial da Revista Caminhos poderá propor modificações formais nos materias encaminhados que não signifiquem alterações essenciais do conteúdo para melhor adequá-los às exigências editorias, quais sejam: textos de interesse geral e tratamento acadêmico, e que estejam relacionados aos temas propostos acima.

APUBH

PROJETOS DE MKT E COMUNICAÇÃO

Lucas Daian / lucasdaian@gmail.com
Simone Ribeiro / simonerib@yahoo.com.br

AUTORES NESTE NÚMERO

Humberto Coelho de Carvalho

Marta de Oliveira Pimentel

Elias Antônio Jorge

Dalmir Francisco

Ângela Maria Carrato Diniz

William Campos Viegas

Sandra Maria Motta Lima

Rua Arthur Itabirano, 70 - São José
Belo Horizonte/MG - Cep: 31.275-020
Tel: [31] 3441-7211 Fax: 3441-1303
E-mail:apubh@apubh.org.br
www.apubh.org.br